



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

MAURILO ALMEIDA DA SILVA

***CORPUS* EM TRÂNSITO: TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO
DE UM ARTISTA-PROFESSOR DE TEATRO**

Belém
2017

MAURILO ALMEIDA DA SILVA

CORPUS EM TRÂNSITO: TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO
DE UM ARTISTA-PROFESSOR DE TEATRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Teatro e Dança da UFPA, como
quesito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira
Bezerra.

Belém
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

Silva, Maurilo Almeida da

Corpus em trânsito: trajetória e formação de um artista-professor de teatro / Maurilo Almeida da Silva; orientador Profº Dr. José Denis de Oliveira Bezerra. 2017.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Teatro, 2017.

1. Teatro – formação do professor. 2. Memória autobiográfica. 3. Atores – formação artística. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.028



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e um dias do mês de junho do ano de dois mil e dezessete, às dezenove horas, reuniu-se na sala 4 desta ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: José Denis de Oliveira Bezerra (orientador e presidente), Ana Karine Jansen de Amorim examinador(a), Adriana Maria Cruz dos Santos examinador(a), Rosilene da Conceição Cordeiro examinador(a), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do (a) aluno (a) MAURILO ALMEIDA DA SILVA, intitulado: *Corpus em Trânsito: Trajetória e Formação de um Artista-Professor de Teatro*.

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE
com as seguintes observações conforme recomendações da banca
presentes na folha de modificações.

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 21 de junho de 2017

José Denis de Oliveira Bezerra
Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra
Orientador (a)

Ana Karine Jansen de Amorim
Prof.^a Dr.^a Ana Karine Jansen de Amorim
Examinador (a)

Adriana Maria Cruz dos Santos
Prof.^a Me. Adriana Maria Cruz dos Santos
Examinador (a)

Rosilene da Conceição Cordeiro
Prof.^a Esp Rosilene da Conceição Cordeiro
Examinador (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura

Maurilo Almeida da Silva

Maurilo Almeida da Silva

Local e Data: Belém-PA em 16/04/2018

*Em memória de meu pai,
Manoel Pereira da Silva.*

*Dedico este trabalho a Deus, e a todas as
pessoas que fazem parte de minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maria da Conceição Almeida e Manoel Pereira da Silva, razões da minha existência. Aos meus padrinhos, Nazaré Alves e Francisco Martins, que me apoiaram e seguir em frente com a minha trajetória artística, sobretudo o meu padrinho que, se estivesse em vida, seria o meu paraninfo. A minha tia Maria Raimunda e minhas primas Alessandra Matos e Carla Monteiro, que me apoiam sempre nos meus estudos. A minha tia Arcádia Souza, que se dedicou a cuidar de mim quando eu era criança.

Ao Paulo Monteiro, marido de Carla Monteiro, que está sendo um segundo pai para mim, uma referência masculina que eu nunca tive durante a minha adolescência.

À minha primeira professora Perpétua Cânter, da Escola Vereador Manoel Fernandes de Oliveira. Sendo a minha primeira educadora e impulsionadora da minha arte. A professora Heloisa, que impulsionou a minha vontade de ser artista educador nas escolas.

À Tania Mesquita, sua filha Jessica Munis e Tabita Mesquita, que estão apoiando a minha formação.

Ao meu amigo Luís Kenedy e sua família que me acolheram e me “adotaram”, sobretudo a você, Kenedy, que me resgatou para o teatro da igreja.

Ao Leonel Ferreira, meu primeiro mestre, que me ensinou tudo sobre teatro.

À Iracy Vaz, minha professora de teatro e grande incentivadora do meu lado artístico.

Ao Edison, diretor do grupo de teatro da igreja, que me ensinou, além de ser ator, a ser encenador, cenógrafo, figurinista, dramaturgo e criador da sua arte, em amor ao teatro. Aos professores Paulo Santana e Marluce Oliveira, que gentilmente me acolheram na Prática de Montagem do Espetáculo “Nadim Nadinha Contra O Rei De Fuleiró” (2017), acreditando no meu potencial.

Às minhas coordenadoras de estágio e professoras, Inês Ribeiro e Claudia Gomes, que sempre apoiaram até nos momentos difíceis dentro e fora da escola.

À turma de Teatro 2013 e às pessoas que frequentam a Escola de Teatro e Dança com as quais me familiarizei e sentirei saudades dos bons momentos que só estarão em minhas memórias.

E por fim, ao Denis Bezerra, meu professor, mestre, sábio, amigo e orientador cardeal do meu processo criativo performático.

RESUMO

A presente pesquisa tem por finalidade narrar o processo de construção de um artista professor formado pelo curso de Licenciatura em Teatro da UFPA. Parte das experiências de vida e com as linguagens artísticas, para mostrar um trajeto entrecruzado pelas memórias individuais e coletivas. Para tanto, este trabalho estabeleceu como caminho teórico-metodológico os estudos da memória, a partir dos conceitos apresentados por Le Goff (1990); dos estudos da performance, apresentados por Cohen (2013); e nos estudos do teatro, na perspectiva de Boal (2007), e na construção de processos artísticos, abordado por Rangel (2009). Dessa maneira, as investigações realizadas durante este trabalho tiveram como resultados a abertura de possibilidades de criação em arte/teatro em diálogo com as itinerâncias na vida e na arte, ao criar ou revisitar experiências que valorizem o encontro desses pontos de conhecimento. Portanto, ressaltamos a importância de pesquisas que valorizem e possibilitem essas transversalidades, porque elas caminham espaços para vozes silenciadas pelo tempo, pelo espaço e pelos diversos processos sociais nos quais estamos inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História de Vida. Teatro. Sujeito. Processos de Formação.

ABSTRACT

The present research narrates the process of an artist and a teacher's education and training at the Theater Education undergraduate course from the Federal University of Para (UFPA). Life and artistic experiences deal mutually between individual and collective memories. This work is underpinned theoretically by Le Goff studies on memory (1990); by Cohen on performance (2013); by Boal on theater (2007), and also Rangel's approach on artistic processes (2009). In this way, the investigation carried out on this work demonstrates the possibility of a broaden approach about means of creation in art/theater under a dialogue between life and art, while creating or re-visiting experiences that value the meeting of those points of knowledge. We emphasize the importance of a research that values and makes possible those transversalities, because it shows spaces for voices that were silenced by time, by places and also by diverse social processes which we are inserted.

KEYWORDS: Memory. Life stories. Theatre. Subject. Education Process.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Autorretrato: Este sou eu!	15
Imagem 02 – Mamãe grávida	16
Imagem 03 – Eu recém-nascido e Carol.	16
Imagem 04 – Eu com um ano	17
Imagem 05 – Carol, Camila e eu	17
Imagem 06 – Manoel Pereira da Silva, meu pai.	17
Imagem 07 – Carroceria antiga da linha “Perpétuo Socorro”	18
Imagem 08 – Antigas carrocerias da empresa Viação Forte	19
Imagem 09 – Memorial da Cabanagem da década de 90	19
Imagem 10 – Rodovia Augusto Montenegro	20
Imagem 11 – Tia Arcádia.	21
Imagem 12 – Tio Dinho na década de 90	22
Imagem 13 – Antiga embalagem de mingau da marca Cremogema.	23
Imagem 14 – Antiga embalagem de mingau farinha láctea da marca Nestlé.	23
Imagem 15 – Cédula de identificação do beneficiário	33
Imagem 16 – Livro <i>Está quente, está frio</i> .	33
Imagem 17 – Livro <i>Três numa árvore</i>	33
Imagem 18 – Natal de 1999.	35
Imagem 19 – Bobby, “O fantástico Mundo de Bob”	36
Imagem 20 – Suzy Rego e Breno	39
Imagem 21 – Transição do efeito visual da novela “A Próxima Vítima”	39
Imagem 22 – Talhia interpretou Maria, em <i>Maria do Bairro</i> .	40
Imagem 23 – Mel (Débora Fallabela) e Maysa (Daniela Escobar) em <i>O Clone</i>	41
Imagem 24 – Capa do meu livro	41
Imagem 25 – Imagem dos pôsteres dos atores mexicanos da novela “Rebelde”.	42
Imagem 26 – Atores em cena na novela “América” (2005).	43
Imagem 27 – Eu, Carol e nossas respectivas professoras	46
Imagem 28 – Imagem da minha colação de “A-B-C”	46
Imagem 29 – Festa de 15 anos de Jessica Diana	48
Imagem 30 – Eu e as professoras na minha Primeira Eucaristia, em 2002	50
Imagem 31 – Eu e meu amigo Geraldo em companhia do ator Caca Carvalho	51
Imagem 32 – Páscoa Jovem 2012	52
Imagem 33 – Momento da festividade de Santa Rita de Cassia	53
Imagem 34 – Momento da Páscoa Jovem 2017	53
Imagem 35 – Capa do “livro”.	61
Imagem 36 – Páginas do “livro” incompletas	61
Imagem 37 – Capa do meu livro	62
Imagem 38 – Capa do meu livro com desenhos para colorir do personagem Tarzan	62
Imagem 39 – Contracapa do meu livro “Dumbo”	63
Imagem 40 – Desenho do Tarzan	63
Imagem 41 – Cenas: <i>Viver & Aprender</i> , <i>Guerreiro Ancestral</i> e <i>Ocultos & Paralelos</i>	65
Imagem 42 – Capa da primeira revista em quadrinho desenhada por mim, em 2007	66
Imagem 43 – Todos os personagens das minhas histórias em quadrinhos	66
Imagem 44 – Evento cultural no espaço <i>Zecas Coletivos de Teatro</i> , em 2016.	66
Imagem 45 – Imagem do momento da minha aprovação, em 2013.	79
Imagem 46 – Momento da Semana do Calouro (2013).	80
Imagem 47 – Processo de envelhecimento na disciplina de Maquiagem (2014).	81
Imagem 48 – Vanessa e eu fazendo experimentações de cena com os bonecos	85
Imagem 49 – Momento do ensaio.	86
Imagem 50 - Imagem do processo de produção dos objetos de cena	88
Imagem 51 – Momentos do ensaio do espetáculo <i>Nadim Nadinha</i>	91
Imagem 52 – Momentos do meu processo criativo performático	92

Imagem 53 – Momentos da temporada do espetáculo <i>Nadim Nadinha</i> .	92
Imagem 54 – Momentos do meu processo criativo performático	94
Imagem 55 – Momentos da <i>performance</i> na minha primeira escola.	96
Imagem 56 - Capa do diário.	104
Imagem 57 – Páginas do diário	105
Imagem 58 - Trechos de das minhas impressões e reflexões	105
Imagem 59 - Turma 2013 da Licenciatura em Teatro/ UFPA .	107
Imagem 60 – Mesa de estudos.	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. NA ESTAÇÃO: A PARTIDA	13
CAPÍTULO 1 PRIMEIRO ATO PERFORMATIVO: A ESCRITA DE MINHAS MEMÓRIAS	15
1.1 Da minha vinda ao mundo	15
1.2 Das minhas travessuras	24
1.3 Dos meus medos	28
1.4 Das minhas antigas moradias	30
1.5 Dos brinquedos da minha infância	31
1.6. Do meu dente de leite	31
1.7 Da minha adolescência não tão aguardada	34
1.8 Da minha paixão em assistir televisão	36
1.9 Das minhas primeiras escolas	44
1.10 Da minha trajetória no teatro	49
CAPÍTULO 2 SEGUNDO ATO PERFORMATIVO: O ITINERÁRIO DA MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA	55
2.1 Na primeira Estação: em casa. Por onde começou.	55
2.2. Na segunda Estação: em salas de aula. Onde aprendi.	58
2.3 Na terceira Estação: no Curro Velho: fazendo teatro.	67
2.4 Diante da <i>Megera Domada</i> , de William Shakespeare.	71
2.5 Na quarta Estação: ETDUFPA. Onde me graduei.	73
CAPÍTULO 3 TERCEIRO ATO PERFORMATIVO: PROCESSO CRIATIVO	89
3.1. Voltando aos meus aconchegos	89
3.1.1 ETDUFPA	89
3.1.2 Curro Velho	93
3.1.3 Escola Vereador Manoel Fernandes de Oliveira	94
3.1.4 Na antiga casa (Cidade Nova)	97
3.2. Aportes teóricos	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXO 1 - DIÁRIO DE BORDO	104

INTRODUÇÃO - NA ESTAÇÃO: A PARTIDA.

Não é fácil lembrar-se de tudo o que se passou em minha vida, mas, por incrível que possa parecer, boa parte das minhas lembranças ainda permanecem vivas, como se estivesse vivendo-as hoje. Memórias essas que remetem a cada momento vivido na infância, na adolescência até o momento presente. Momentos que quero guardá-los nas lembranças sem perdê-los.

Ao me recordar, sinto a impressão de que aquela cor, aquele cheiro, sabor, textura ou aquele lugar lembra algum momento do qual a minha sensação por si só não consegue descrever. Talvez, só a narração não consiga dar conta de traduzir a “sinestesia de momentos”, presentes na minha memória, que, em essência, tem guardado, a “sete chaves”, a minha trajetória de vida no “baú” das lembranças.

A nossa memória, se formos parar para pensar, é igual a um quadro branco pincelado por lembranças, que parecem manchas de tinta. Memória tal, segundo, Le Goff (1990, p.476), a que Leroi-Gourham designou de “memória em expansão”, de modo que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”

E, para fins de processo criativo performático, o propósito deste trabalho não foi só relatar, por meio dele, a minha história a partir de minhas recordações, através da escrita; tampouco teatralizar, repetindo certas ações já ocorridas, que não se repetem mais tempo e no espaço da maneira exata. O meu processo artístico, dividido em quatro estações, é resultado de elos que aproximaram a minha vida às outras artes, das quais me propus reviver, em essência, as duas razões da minha existência: a arte e a vida através das artes.

Dessa maneira, este Trabalho de Conclusão de Curso compõem-se de relatos da minha trajetória de vida na infância, na qual eu começo a gostar de desenhar; na adolescência, em que a minha paixão pela arte transcende do visual ao cênico, quando eu me interesso a fazer teatro; e, por fim, chegando a minha graduação em teatro, em que eu aprendo e vivencio o teatro até chegar ao o meu processo criativo performático, que trilhou um trajeto no qual o resultado foi o meu regresso aos locais nos quais a minha arte teve origem: em casa, na escola, na Fundação Curro Velho, na Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA).

Relatarei, então, passo a passo este processo de criação artística, que parte da arte de recordar a minha vida através da escrita, pautada nas minhas memórias e traçada por um itinerário artístico até o processo de criação como resultado de toda essa junção: a minha vida à arte, rememorando.

Como personagem da minha própria história, vou citar alguns dos milhares adjetivos que possuo: curioso, sabido, talentoso, dramático, teimoso, amoroso, apaixonado e “arteiro”. A palavra “arteiro” foi um adjetivo dado a mim pela minha mãe, Maria da Conceição Almeida, por ser muito travesso ou, como ela diz: “*esse menino tá procurando arte*”. Arte para ela e para a maioria dos pais num contexto de relação pais e filho, que significa encrenca. Hoje, com vinte e sete anos, não mudei quase nada. Faço arte, aprendo arte e vivencio a arte. Sendo assim, estou “encrencado”.

Quando minha mãe disse que eu estava “procurando arte”, naquela época, começava a inventar (que significa nesta ocasião, expressar o meu modo de ver o mundo sendo criativo) as minhas brincadeiras de “faz de conta” – *fazendo arte sem saber que está fazendo*– e os meus rabiscos (desenhos) no chão do quintal, procurando inventar a minha arte. De alguma maneira, eu olhava as ações dos adultos e queria reproduzi-las.

Porém, eu tinha mais de um ano e, nessa idade, não sabia intencionalmente bem o movimento das mãos para repetir exatamente o que adultos faziam, por motivo da coordenação motora. *Isso explica o fato de eu ter desamarrado o cadarço do meu sapato azul marinho, calçado juntamente com a minha meia soquete branca listrada de azul marinho e “azul bebê” (que significa um tom mais claro), no meu pé direito, enquanto a minha mãe amarra o esquerdo. E queria fazer o tão esperado laço que ela fazia no cadarço.* Mas, a imaginação me possibilitou a inventar certas ações. E, assim, passei a chamar a minha prática de criação.

Meu primeiro ato performativo foi escrever minha própria história. Foi o momento, movido pelo desejo de rememorar, de contar um pouco sobre minha história de vida desde o meu nascimento sem deixar de citar: a minha família, as minhas comidas preferidas, os meus brinquedos, as travessuras, as emoções, os lugares, os medos, as vitórias e outras coisas mais. Apresento-vos a seguir.

CAPÍTULO 1 - PRIMEIRO ATO PERFORMATIVO: A ESCRITA DE MINHAS MEMÓRIAS.

1.1. Da minha vinda ao mundo

IMAGEM 01 – Autorretrato: ESTE SOU EU!



Fonte: Imagem tirada por Maurilo Almeida.

Existem histórias tão verdadeiras que parecem ser inventadas.
(Manoel de Barros).

Nasci em Belém do Pará, em 30 de novembro de 1989, sagitariano, filho de Maria da Conceição Almeida e Manoel Pereira da Silva; irmão de Ana Carolina Almeida, minha irmã mais velha e Ana Camila Almeida, minha irmã mais nova. Chamo-me Maurilo Almeida da Silva, mas meus parentes me chamam simplesmente de Murilo.

A primeira imagem que eu tenho da minha infância é a que estou sentado sobre o sofá de casa, localizada no conjunto Catalina, onde minha mãe calça as meias e os sapatos nos meus pés. Eu lembro, nitidamente, deste momento no qual ela terminava de amarrar o cadarço de um e eu desamarrava o outro, deixando-a furiosa. Esse momento é bastante vivo nas minhas lembranças.

IMAGEM 02– Mamãe grávida de mim.E minha irmã mais velha Carol (em frente da mamãe).



Fonte: Acervo da família Almeida.

IMAGEM 03 – Eu recém-nascido e Carol.



Fonte: Acervo da família Almeida.

IMAGEM 04– Eu já com um ano, acompanhado de minha irmã.



Fonte: Acervo da família Almeida.

IMAGEM 05 – Carol (esquerda), Camila e Eu, em 1995.



Fonte: Acervo da família Almeida.

IMAGEM 06 – Manoel Pereira da Silva, meu pai.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

Nessa época, se não me falha a memória, mamãe já trabalhava e me levava com ela, pois, até a minha tia Arcádia, irmã mais nova dela, vir morar em casa, não havia ninguém que tomasse conta de mim e da minha irmã velha, que passava o dia na creche. Talvez, esta lembrança explique a outra: a mamãe apanhando o ônibus comigo em seu colo, passando pela catraca, que ficava na parte traseira do veículo. Sentava-se na cadeira estofada de azul marinho – *não sei se na década de 90 os assentos padrões dos transportes públicos de Belém eram azuis e estofados, pois hoje em dia os atuais deixam a desejar* – e descia pela porta dianteira do coletivo, que, por fim, partia seguindo viagem soltando uma nuvem de fumaça pelo ar.

IMAGEM 07 – Carroceria antiga da linha “Perpétuo Socorro” da década de 1980.



Fonte: Site Ônibus Brasil ¹.

Mamãe me disse que eu já fiquei na creche. E, segundo ela, fiquei pouco tempo lá. Talvez esta confirmação explique, também, outra lembrança: da hora do banho em que eu e outros coleguinhas estávamos embaixo do chuveiro.

Da minha infância para cá, sempre andei de ônibus. As primeiras imagens dos lugares que guardo na memória são: as do Elevado da BR 316, que dar acesso a Cidade Nova, bairro onde mamãe morou, em 1993; do Complexo da Cabanagem (ou do entroncamento), próximo da rua onde morei no bairro Guanabara, em 1992, antes da existência do shopping Castanheira e do túnel do entroncamento; da Rodovia Augusto Montenegro, por onde eu e minha família percorríamos de condução para ir à casa do papai e à praia do Outeiro, nos finais de semanas. E, também, da Avenida Júlio Cesar, por onde os ônibus da extinta empresa

¹ Disponível em: <http://onibusbrasil.com/>

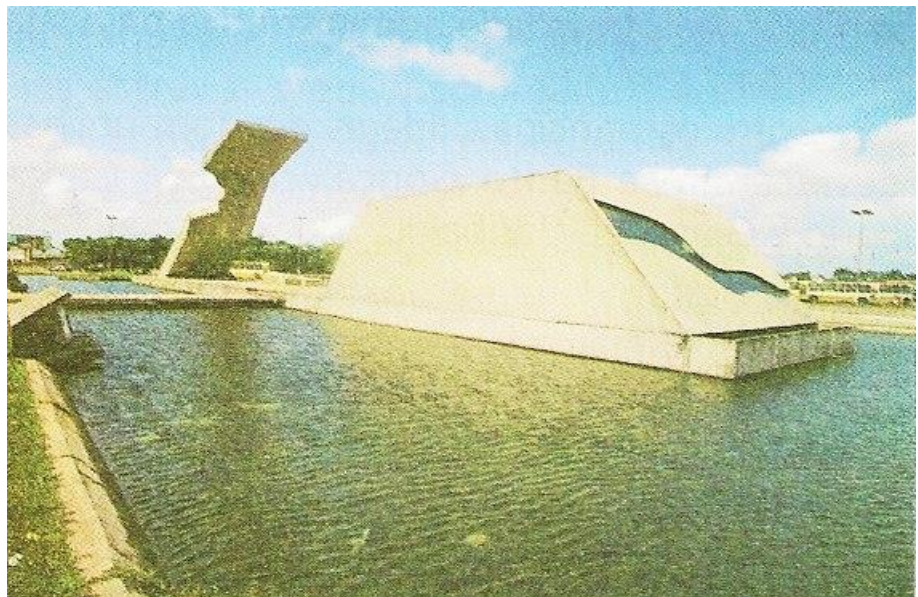
Viação Perpétuo Socorro trafegavam, chegando a circular dentro do Complexo do Aeroporto Internacional – eu amava passar por ali –, nos anos 90.

IMAGEM 08 – Antigas carrocerias da empresa Viação Forte, da década 90, que integra as linhas de ônibus que fazem itinerário do bairro da Cidade Nova, em Ananindeua, ao Centro de Belém.



Fonte: Site Viação Forte ².

IMAGEM 09 - Memorial da Cabanagem da década de 90, localizado no bairro do Entroncamento, entre a fronteira dos municípios de Belém e Ananindeua.



Fonte: Site Nostalgia Belém ³.

² Disponível em: <http://www.viacaoforte.com.br/>

³ Disponível em: <http://www.nostalgiablem.com/>

IMAGEM 10 - Rodovia Augusto Montenegro Antes da reurbanização e implantação do BRT Belém, que ainda está em obra e nele circularão ônibus articulados fazendo trajeto do Distrito de Icoarací ao centro de Belém



Fonte: Site FEAPA ⁴.

Eu adoro viajar de ônibus, mas “odeio” quando ele está lotado. Até hoje, eu ando de condução por toda cidade de Belém – *para “cima” e para “baixo”* – de casa indo para o trabalho, do trabalho indo para a escola e, da escola voltando para casa. O motivo de eu saber andar por quase todos os lugares e conhecer certos pontos referenciais de Belém se deve a este costume, que começou na infância. Cada lugar por onde passo logo me vem às lembranças os momentos em que eu era pequeno, segurando na mão de mamãe, observando cada detalhe das ruas. E, por onde passava, observava os carros, os postes, as casas, as pessoas, as pedras das calçadas, as cores dos outdoors. Perguntava-me, às vezes, por que as cores dos semáforos eram verdes, amarelas e vermelhas e não azul, rosa e laranja? Para que serviam os números e letras das placas do carro? E porque mamãe tinha que acordar tão cedo para trabalhar?

Todos os dias ela me levava ao seu trabalho. Ela trabalhou, por muitos anos, na casa de uma senhora portuguesa chamada Celina, que tinha um grande carisma por mim e pela minha família. Naquela época, eu devia estar com três anos – *pois comecei a estudar com quatro* – e lembro muito bem da padaria de Dona Celina e Seu Ribeiro (como era chamado), seu marido. Lá eu saboreava aqueles “biscoitinhos” de amido de milho com goiabada e

⁴ Disponível em: <http://www.feapa.com.br/sitefeapa/>

refrigerante *Garoto*, da garrafa “KS” (em inglês significa king sizer). Pena que o gosto saboroso daqueles biscoitos eu só tenho na memória, porque nenhuma padaria conseguirá fazer o mesmo biscoito.

Dona Celina mora em um apartamento, na Avenida Braz de Aguiar, no segundo andar – a escada é absurdamente longa e estreita – e a padaria funcionava no térreo do edifício. Hoje, a padaria não funciona mais, porque o ponto foi vendido. E, no lugar da padaria, funciona uma loja de colchões. Infelizmente, Seu Ribeiro faleceu em 2014, e dona Celina, atualmente, sofre de *Alzheimer*. Das únicas pessoas que ela ainda lembra é de minha mãe.

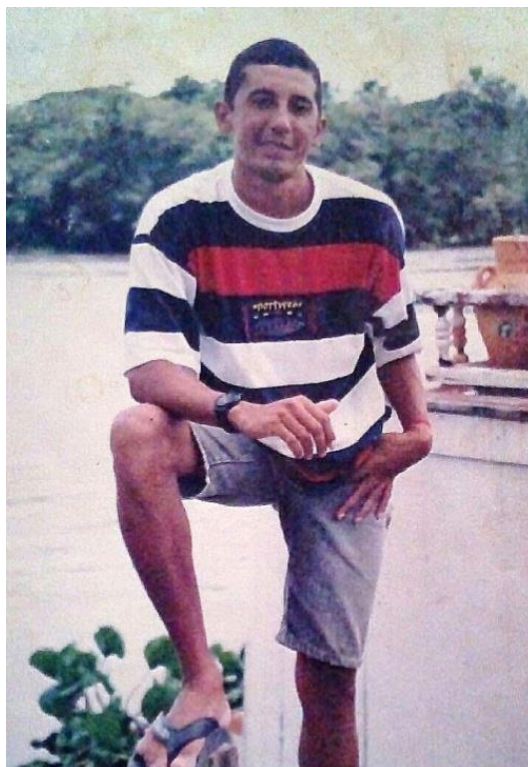
Tia Arcádia passou a cuidar de mim quando eu tinha três anos. A partir daí, minha mãe deixou de me levar para o seu serviço e chamou a irmã dela, que mora no interior de São Miguel do Guamá. Irmã de criação de mamãe, durante minha infância, morou em casa, também, o meu tio Jesualdo (Dinho), irmão de criação da mamãe e irmão mais velho de tia Arcádia. A família, naquela época, era grande. Morávamos no Bairro na Cidade Nova I. Titia é a minha “segunda mãe”. Portanto, eu não poderia deixar de mencioná-la.

IMAGEM 11 – Tia Arcádia.



Fonte: Arcádia (2017).

IMAGEM 12 – Tio Dinho na década de 90.



Fonte: acervo da Família Almeida

Na infância, foi muito difícil para eu ter que me acostumar com a ideia de ficar em casa sob os cuidados de tia. Toda vez em que via mamãe saindo para trabalhar, sem me levar com ela, eu chorava. O tempo foi passando e fui me acostumando ficar em casa com a Carol, e a tia. Carol estudou na escola Vereador Manoel Fernandes de Oliveira (onde eu comecei a estudar aos quatro anos), próxima de casa, de manhã, e voltava ao meio dia e eu ficava em casa brincando sozinho. Eu não entendia. Por que ela ia à escola e eu não? Porque eu era muito novo, segundo mamãe. Era muito difícil eu ver a mamãe chegar do trabalho à noite, pois eu dormia muito cedo.

Também me lembro de todas as manhãs, ao acordar, em que a tia Arcádia me colocava sobre a mesa da cozinha e dava o meu mingau de Cremogema. Nessa época, já existia essa marca de mingau, porque eu gostava de brincar com a embalagem recortando as ilustrações que tinham nela. E até hoje eu tomo esse tipo mingau – *Mamãe falou para mim que eu fui amamentado até os seis meses e nunca peguei mamadeira e, muito menos, “pipo” (ou chupeta). Isso explica o motivo de eu gostar tanto de mingau. Só me faltavam “entupir” de tanto mingau – e outros: Farinha Láctea, Neston, Aveia Quaker, Maizena e Arrozina.*

IMAGEM 13- Antiga embalagem de mingau da marca Cremogema.



Fonte: Site Você se Lembra? ⁵

IMAGEM 14 - Antiga embalagem de mingau farinha láctea da marca Nestlé.



Fonte: Site Oceucho ⁶.

⁵ Disponível em: <http://www.voceselembra.com/search?q=Cremogema>

⁶ Disponível em: <http://www.oceucho.com.br/variedades/evolucao-embalagens-produto-farina-lactea-nestle/>

Dos três anos para cá, eu já me lembro de muita coisa como, por exemplo, de um fato engraçado que aconteceu, quando, nesta idade, exclamei a palavra “porra”. Talvez tivesse ouvido esta exclamação em algum lugar e devo tê-la repetido. Mas por quê? Talvez devido ao fato de podermos “falar de uma “memória específica” para definir a fixação dos comportamentos de espécie animais, de uma memória “étnica” que assegura a reprodução desses comportamentos nas sociedades humanas...” (LEGOF, 1990, p. 425).

A minha tia ouviu e me repreendeu, dizendo que eu não podia chamar “nome” (palavrão) – *E eu lá sabia o que era chamar nome feio. Eu era uma criança e não tinha noção das coisas* – e aquilo me deixou intrigado e eu fiquei me questionando: porque eu tenho que me comportar direito? Porque eu não podia falar “nomes”? Porque eu devo falar baixo? Porque eu devia ter modos? E assim começava a fazer certas travessuras.

1.2 Das minhas travessuras.

*Oh!
Que saudade que eu tenho da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não as trazem mais.
(Casimiro de Abreu - Meus oito anos)*

Desde criança, eu era um “belo” exemplo de mau comportamento, que vivia se metendo em encrencas – *talvez esta circunstância explique a minha paixão pelas artes, porque, desde pequeno, eu já era arteiro.*

A primeira danadisse (travessura) cometida por mim aconteceu no dia em que alguém trocou a lâmpada do banheiro por uma nova, jogando-a, em seguida, no lixo. Eu costumava aprontar quando não tinha ninguém por perto e, então, fui até a lata do lixo e peguei a lâmpada para vê-la, pois nunca eu a vi de perto. Aquele objeto transparente de vidro foi tão fabuloso, para mim, até saber que ele, também, quebrava. A lâmpada caiu da minha mão e, por eu ser uma criança de três anos com pouca coordenação motora, me deparei com um monte de caco de vidro por toda parte da cozinha. Só sei que, depois desse episódio, fiquei traumatizado porque acabei apanhando da mamãe.

Já o outro acontecimento foi marcante não só na minha memória, mas, também, na minha cabeça, quando eu levei uma queda ferindo a minha testa. Eu tenho muitas cicatrizes no corpo, incluindo a da queda. O ferimento foi no meio da testa. Isto aconteceu na noite em que minha irmã e eu fomos brincar na rua de casa com os nossos colegas de vizinhança e,

durante a brincadeira de “esconde-esconde”, faltou luz na rua. Na escuridão, eu não enxerguei um pedaço de ferro (vergalhão) na minha frente, tropecei caindo de testa nele. Esse ferro perfurou a minha testa, mas, por sorte, não perfurou os meus olhos, senão eu estaria cego ou teria acontecido o pior. Lembro que, quando a luz voltou, eu estava chorando com o rosto ensanguentado e minha irmã e meus amigos me levaram em casa, para o desespero da mamãe.

Acidentes domésticos sempre ocorreram comigo. E dessa vez a cicatriz foi em cima da minha sobrancelha esquerda. Isto aconteceu no ano de 1993. Estava na cozinha com a mamãe e havia terminado de jantar – *não lembro exatamente o que ela fazia naquele momento*. Brincando pelos cantos da cozinha, eu me pendurei na boca do fogão e ele caiu em cima de mim. Fiquei tão assustado que comecei a chorar desesperadamente e banhado em sangue. Machuquei a testa novamente e, dessa vez, o ferimento foi em cima da sobrancelha. O alvoroço foi grande.

Lembro-me de uns vizinhos e parentes meus levantando o fogão. A comida ficou espalhada no chão. A mamãe havia desmaiado e estava sendo acudida, também. Tio Dinho me apanhou no colo e, junto com a tia Arcádia, me levaram ao Pronto Socorro da Cidade Nova VI, de carona no caminhão do vizinho, que morava perto de casa. Chegando lá, foi assustador para mim, desesperei-me ao ver um monte de enfermeiros, pondo-me em cima de uma “bandeja” na maca, o outro passando álcool iodado na lesão e passando a agulha para pontear o corte em cima da minha sobrancelha - *Até hoje eu tenho trauma de Pronto Socorro, por causa disso* – e eu gritando muito sobre a maca chamando palavrão, mandando os outros enfermeiros soltarem o meu braço.

O último acidente, desta vez, contou com a participação de minha irmã mais velha. Ocorreu em 1998, em Ananindeua, no quintal de casa, havia a construção de uma casa em obra. Seu Alberto era o dono da casa onde eu morava e responsável pela obra. À tarde, antes irmos à escola, minha irmã e eu brincávamos sempre depois do almoço, aproveitávamos o tempo para brincar subindo nos tijolos da construção da casa na ausência dos pedreiros, que terminavam o serviço. Porém, o tipo de brincadeira que nós inventamos tinha tudo para dar errado. Ela e eu brincávamos de *Power-Ranger* no quintal, simulando uma luta na qual eu era um dos *bonecos de massa*, adversários dos *Rangers*, e ela os *Power-Ranges*.

Foi, então, que subimos nos tijolos da construção onde havia uma parede na qual os pedreiros haviam terminado de construí-la. Carol sobe na parede e, acidentalmente, derruba-a. Ela conseguiu escapar da queda. Contudo, fui atingido por um monte de tijolos, que cortou o meu pé, deixando, também, arranhões por toda parte do meu corpo. O meu desespero não era nem pelo fato de eu estar sangrando e, sim, pela surra que nos dois levaríamos da mamãe,

caso viesse a descobrir. No outro dia, senhor Alberto viu a obra em escombros e, logo, perguntou a mamãe o que havia acontecido. Mamãe, sem saber de nada, disse que não estava em casa no dia anterior e perguntou a Carol e eu se nós sabíamos o que havia ocorrido no quintal. Respondemos, então, que um vento forte havia derrubado a parede na tarde anterior. Mamãe, o dono da casa, e os pedreiros acreditaram na nossa mentira. Mas, a prova do crime estava por ser descoberta, o corte no meu pé. Mamãe só viu o ferimento dias depois, ao perceber o sangramento escorrendo nele. Fui parar no Pronto Socorro para fazer curativo. Seu Alberto faleceu anos depois e nunca soube da queda da parede da construção, derrubada pela Carol e por mim.

Escapar das surras era umas das minhas habilidades: escondendo-me de baixo da cama, me trancando no banheiro ou subindo na árvore do quintal. Para correr da fera (mamãe), eu tinha de ter “sebo nas canelas”.

A fera quando perdia o ataque recuava dizendo:

Fera (mamãe): Eu quero saber que horas tu vai entrar.

Presa (Maurilo): Pra senhora me bater? Nunca!

Fera: Entra logo! Se eu quisesse te bater, já tinha te batido.

Presa: Não!

Eu só entrava depois do almoço, quando dava fome e quando a fera ia tirar o “ronco da tarde”. Porém, à noite não era um bom horário para fugir do castigo. Uma vez, quando mamãe ia me bater e corri fugindo pelo “saguão” (corredor lateral externo da casa) tropecei em um buraco cavado no chão pelo meu cachorro, que vivia cavando pelos cantos do quintal. Dessa vez, a presa “mordeu” o próprio “rabo” – *ou melhor, dizendo: torceu o pé*. Quando a presa está junta com o seu bando, ela enfrenta a fera. No meu caso, sou o primeiro a fugir deixando o bando para trás.

Eu tinha uma mania absurda de desenhar na parede com corretivo escolar (pasta à base d'água) da minha irmã mais velha. Naquela época, em 1999, só era permitido usar corretivo escolar a partir da quarta série, quando a turma passasse a escrever de caneta. E, como eu ainda estava na segunda série, Carol era a única que tinha corretivo. Além de eu surrupiar os lápis-de-cor dela, sua cola, apontador, caneta, folha de caderno, também, furtei o seu corretivo e, um dia, essa brincadeira deu o que falar. Mamãe havia ameaçado me bater, caso descobrisse, que tivesse sido eu o responsável pelos desenhos na parede. E foi na hora do almoço que eu “bobei” e deixei o frasco de corretivo na estante. Camila, minha irmã casula,

já era nascida. Ela pegou o frasco de corretivo e pintou uma das cadeiras novas de verniz da mamãe. Na hora em que eu puxo a cadeira, para sentar, mamãe a vê toda pintada. Furiosa, já com o cinturão na mão, tenta bater em mim primeiro. Na primeira lapada, eu seguro a ponta do cinto. Ela tentou puxar, soltei o cinto dando uma carreira. Carol e Camila apanharam e eu fugi para o quintal e subi na árvore.

Carol, minha irmã mais velha, quando criança sofrera na minha mão. Brigávamos muito. Quando ela batia em mim, ia contar para mamãe. Ela sempre pagava o “pato” das minhas encrencas. Uma vez, ela estava tomando conta de mim. Eu tinha oito anos, quando isso aconteceu. Comecei a aprontar sozinho no quintal. Peguei o vidro de álcool da mamãe para fazer uma fogueira. Porém, a minha ideia não deu certo e, quase, eu incendiei a casa. Uma faísca de fogo me queimou me fazendo largar a garrafa de álcool. Com o álcool derramando da garrafa, o fogo estava se aproximando e, por sorte, a garrafa não explodiu, porque eu joguei água a tempo. Mas a garrafa ficou deformada. Escondi o frasco no armário, mas não por muito tempo, até mamãe descobrir e bater em mim e na Carol, que nem sabia do ocorrido.

Ao contrário da Carol, a Camila era quem fazia da minha vida um inferno. Eu tinha ciúmes dos mimos que ela recebia da mamãe. Tudo que eu tinha ela queria ter, também. Qualquer coisa que eu fazia, ela queria me imitar. Tudo aquilo que eu aprontei contra a Carol, Camila aprontou para mim. Mas, eu não deixava barato, aprontava contra ela, também.

Um dia, estava tomando café e ela tinha mania de ficar pedindo. E isso me irritava. E naquele dia foi a gota d'água. Mamãe, como sempre, fazia as vontades da Camila e me obrigou a colocar um pouco de café na xícara e dar para ela. Eu dei o café. O mais engraçado foi a hora que Ela bebeu o café e começou a gritar se ardendo. Eu havia colocado pimenta em seu café. Eu só não apanhei, porque eu já estava bem longe de casa.

1.3 Dos meus medos

O medo sempre foi algo comum na minha vida, desde a infância tendo isto como exemplo, os médicos. Eu tinha medo de entrar em qualquer posto de atendimento médico, pois já tinha a ideia de que ia levar injeção.

Quando ia fazer exame de sangue, mamãe passava vergonha dos escândalos, que eu fazia ao ver a agulha entrando na minha veia. Houve um dia, no laboratório, em que o enfermeiro precisou me segurar para poder coletar o meu sangue e, dessa vez, ele não teve alternativa senão tirar o sangue do meu pé. Hoje, pelo contrário, não tenho mais medo de injeção, após levar tantas “agulhadas” de *Benzetacil* e *Voltarem* contra uma inflamação na unha do meu dedo da mão.

Quando criança morria de medo de foguete, do papai Noel, de tartaruga e de relâmpago (até hoje). Hoje, morro de medo de assalto.

Só na infância são inúmeros casos assustadores que eu vivi e, até hoje, a família se lembra do medo que eu tinha da vizinha, que morava na mesma vila onde eu morei, aos dois anos, no bairro da Guanabara, em Ananindeua. A imagem da qual lembro é a do momento em que brincava na área da vila e, de longe, enxergava ela olhando da janela de sua casa que ficava a poucos metros da minha. Ela se chamava Deusa, branca, de cabelos escuros, olhos puxados – *acho que ela era japonesa* -, e tinha uma pinta bem escura na bochecha. Sempre que a via, corria para dentro de casa. E, curiosamente, a situação se repetiu já na casa onde morei na Cidade Nova.

Ela se chamava Madalena. Tinha o costume de fazer careta para mim, gestos com as mãos como se quisesse fazer “coceguinhas” em mim – *e eu tenho horror de quem me faça cócegas*. Assustado, dava uma carreira para dentro de casa, escondendo-me no quarto de baixo da cama. Um dia a mamãe estava doente e ela e uma vizinha foram em casa visitá-la. Quando olhei pela janela da sala, vi de longe a Madalena se aproximando de casa, eu me agarrei no colo do meu tio Dinho, pedindo para que ele não a deixasse entrar para me pegar – *a mamãe sempre ameaçava chamar ela, caso eu fizesse alguma danadisse*. Outra vez eu estava saindo com mamãe e vi Madalena saindo de sua casa. Eu corri chorando, desesperadamente, para dentro de casa.

Próximo da casa, onde eu morei, na Cidade Nova, tem um pasto, que, até hoje, existe por lá. Um dia, estava voltando da feira com mamãe e Carol – *a Camila, ainda, não existia* – e vimos umas pessoas correndo em nossa direção e, atrás delas uma manada de bois, que pareciam correr, também. Estava dentro carrinho de feira da mamãe sendo levado por ela.

Quando me deparei com a situação, comecei a me desesperar chorando e querendo sair do carro e para correr também – era tão pequeno que não dava conta sair do carro.

Outra vez, levaram uma preguiça em casa onde morei, no Conjunto Marex. Quando vi aquele bicho estranho, saí correndo para dentro do quarto chorando. Tio Antônio (Tônio), irmão mais novo de mamãe e irmão mais velho de tia Arcádia e de tio Dinho, adorava me assustar. Infelizmente - *no sentido bem-humorado da palavra*—eu não tinha bons exemplos de tios, naquele momento, talvez, pela idade deles, acima dos 17 e abaixo dos 21. Então, foram bastante comuns, naquela época, as atitudes infantis deles em me aborrecer, fazendo certas brincadeiras de mau-gosto. E era uma criança braba – *mas continuo sendo brabo*— e não deixava barato as brincadeiras dos meus tios. Eles gostavam não só de me ver irritado, mas também de me assustar. Tio Tônio passou uma temporada em casa e, um dia, ele estava me perturbando, durante um passeio da família em Outeiro. Eu mordi o braço dele até tirar sangue.

A mamãe tinha uma revista com a foto de Elke Maravilha estampada nas duas páginas. Sempre que pegava a revista para ver as fotografias nela, me assustava quando chegava a vez da foto de Elke Maravilha (que Deus a tenha) e fechava a revista com tudo. Titio, sabendo disso, tentou me castigar, uma vez, mostrando a foto dela na revista.

Voltando a história da preguiça, tio Tônio estava presente nesse dia. A preguiça foi abatida para comer e ele pegou a cabeça dela decepada, colocou na ponta da faca e me mostrou. E, como sempre, me assustava e começava a chorar.

Tio Dinho era brincalhão, mas não tão “atentado” como ele. Ora ele brincava, ora ele era sério. Quando não me comportava bem, ele olhava sério para mim com a mão na fivela do cinto que ele tinha eu sua calça.

A tia Arcádia, como eu já havia dito, é a minha segunda mãe. Cuidou de mim e até hoje ela me diz que sou primeiro filho -*quando eu assumi minha homossexualidade, ela me apoiou dizendo que já sabia e que me conhecia muito bem.*

O maior susto que levei, foi quando caí na piscina, da cadeira. Como era muito pequeno, e a piscina funda, ficava sobre uma cadeira, dentro d’água, sozinho em um canto. Ao ver a minha irmã mais velha brincando com outras crianças, eu queria ir lá. Eu saí da cadeira e, acidentalmente, caí na água. Comecei a me afogar. A sensação do afogamento foi horrível. Não conseguia respirar e nem ver. Tia Arcádia foi quem me salvou. Assustado, comecei a chorar.

Nos momentos de enfermidades, também, morria de medo de tomar remédio. Remédios para garganta inflamada, principalmente. Era horrível ter que abrir a boca para a

mamãe meter o dedo dela enrolado com algodão e sentir o gosto amargo de andiroba, mel de abelha e limão, me causando náusea. Ou, então, ter que passar “mertiolate” em cima da ferida do meu joelho, afinal era recordista em levar quedas.

1.4 Das minhas antigas moradias

Durante esses vinte e seis anos, minha família e eu vivíamos nos mudando de uma casa para a outra, por não termos casa própria. E tinha sempre que me acostumar a cada nova casa. Moramos em vários bairros de Belém e Ananindeua: Conjunto Catalina (1990), Ananindeua-BR 316, Km 08 (1991), Guanabara (1992), Cidade Nova (1993), Conjunto Marex (1995), e em 1998, voltamos a morar em Ananindeua onde moramos lá há quase vinte anos. No total, foram mais de vinte casas. Enfrentamos dificuldades financeiras ao ponto de não termos condições de pagar aluguel. Passamos a morar de favor na casa de um amigo nosso. Hoje, em 2017, mamãe finalmente ganhou a sua casa própria em um conjunto habitacional do Programa “Minha Casa, Minha Vida”, financiado pelo governo federal, começando uma nova vida e uma nova história. Se pudesse contar a história de uma dessas casas, a quantidade de laudas seria inúmera deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Uma das casas que marcou a minha infância foi a que morei na Cidade Nova I, na Alameda Vila Nova. Lá vivi momentos bons da minha infância. A minha primeira escola ficava próxima dela. Comemorei os meus aniversários. Criei meus bichos de estimação. A mamãe criava patos (um era meu e o outro da Carol) e galinhas, no quintal imenso de lá e tínhamos um cachorro que se chamava *Toff*, em homenagem ao cachorro da novela *Sonho meu*, exibida em 1993. Nesta casa, foi onde começou minha paixão em ver televisão. A horta, onde mamãe costumava comprar verduras e legumes, ficava próxima da rua de casa ao contrário da feira, que ficava longe.

1.5 Dos brinquedos da minha infância

Sempre tive os melhores brinquedos que uma criança sonhou em ter. Ganhava da mamãe, do papai, dos convidados das minhas festas de aniversário, no dia da criança e no natal. Lembro que os guardava em uma sacola grande. Alguns brinquedos fizeram parte da infância e ficaram só nas minhas lembranças. Poderia citá-los todos, mas a história se tornaria longa demais. Então vou mencionar alguns, os que realmente se tornaram memoráveis para mim.

O brinquedo que até mamãe comenta foi o helicóptero, movido a pilhas, que ganhei do papai aos dois anos. Ele o trouxe de Manaus em uma de suas viagens marítimas a trabalho. O helicóptero de cor bege e detalhes preto e vermelho, e com luzes vermelhas e azuis, que acendiam, foi totalmente destruído por mim. Eu tinha um espírito de criança destruidora. Nenhum brinquedo sobrevivia em minhas mãos. O helicóptero ficou só a carcaça. Mamãe, até hoje se lembra deste brinquedo, por ter sido um dos mais caros que ganhei.

Outro brinquedo, que até hoje é bastante lembrado na família, foram os bonecos dos personagens *Chaves* e *Chiquinha*, comprados por mamãe no shopping *Castanheira*. O shopping foi inaugurado no dia 30 de novembro de 1993, dia do meu aniversário. Mamãe comprou os brinquedos, após a inauguração. E, ao chegar do trabalho, presenteou minha irmã Carol e eu, com os respectivos bonecos da Chiquinha e do Chaves. Com o passar do tempo, perdi o boneco, arremessando-o para cima, parando no telhado de casa. Mamãe pediu ao vizinho do lado de casa para recuperar o boneco e ele o tirou do telhado. Mas, joguei-o, novamente, para cima e, dessa vez, ele foi parar na caixa d'água, que fica na frente da casa que eu morei, na Cidade Nova.

1.6 Do meu dente de leite

Toda criança deve ter inúmeras histórias para contar sobre dente de leite, quando são ludibriados com aquela mentira da velha história da *fada dos dentes*, que dá sempre um “trocado” em troca da sua mercadoria (o dente). No meu caso, a fada dos dentes teria que me pagar com juro e correção monetária todos os dentes que eu já troquei.

Aos cinco anos, olhei no espelho do quarto da mamãe algo curioso com o meu dente. Ele estava mole a ponto de sair. Eu fui até a cozinha mostrar para ela. Não pensou duas vezes e o arrancou. Eu fiquei assustado ao ver o meu dente na mão dela e, na mesma hora, comecei cuspir aquele monte de sangue. Quando eu a vi jogar o meu dente em cima do telhado,

curiosamente, perguntei e ela me respondeu que a fada ia pegar o dente e me dar uma moeda em troca –*eu nunca vi a cor desse dinheiro* – e eu caí na conversa dela feito um “patinho”.

Além disso, trocar dente para mim era algo terrível. Quando senti que o dente de cima estava para sair, resolvi manter isso em segredo escondendo da mamãe. Tinha medo de ela arrancar, novamente. Tentava pensar em alguma solução que me fizesse tirá-lo sem sentir dor. Tentei recortar o meu dente com a tesoura sem ponta, mas fiquei com medo de me machucar. Até que, um dia, o meu segredo foi descoberto.

Tinha o hábito de passar a língua sobre o dente, amolecendo ainda mais. Um dia, tia Arcádia e eu saímos para assistir um ensaio de uma quadrilha, na Cidade Nova – *nessa época, eu já morava no Marex, em 1996*. Estava sentado no canto com a titia vendo o ensaio e comecei a amolecer o meu dente com a língua. Foi quando senti um estalo dele, que me desesperei deixando a titia atônita, que não estava entendendo nada. Conteí a verdade a ela. Em casa, mamãe, também, ficou sabendo da situação. Com toda a rigidez, tentou me segurar à força para arrancar o meu dente, mas consegui escapar. Ela ameaçou me bater se eu mesmo não arrancasse esse dente.

Os dias se passaram e ela ficou sabendo que ainda não tinha arrancado o dente. Não teve jeito. Mamãe e meus tios me seguraram a força e conseguiram arrancar. Fiz aquele escândalo, ao me olhar diante do espelho “banguelo”, sem o meu dente de cima. Pouco tempo depois, perdi o segundo. Todos debochavam de mim com uma janela imensa nos meus dentes.

Quando perdia um dente, isso sempre acontecia em locais inesperados como dentro de um banco. Um dia mamãe me levou com ela ao banco e, lá, sem querer perdi o meu outro dente. Naquela época, ela recebia a minha pensão na “boca” do caixa do Banco Basa. Enquanto ela estava na fila, eu estava sentado em uma cadeira no canto. E, novamente, amolecia o dente com a língua. Acidentalmente, ele caiu. Mamãe ficou possessa comigo, pois ela estava preste a ser atendida e teve que abandonar a fila para ir lá fora comprar uma água mineral para mim, que estava com a boca suja de sangue. Dor de dente foi algo traumático, quando completei oito anos. Se eu pudesse esquecer esse “presente” doloroso e desagradável, que ganhei no meu aniversário...

Aconteceu isto comigo em 1997, em pleno domingo. Todos estavam animados com os preparativos da minha festa. Mas estava nesse dia convalescente no quarto sentindo fortes dores de dentes. Dias antes, mamãe havia me levado para me consultar na antiga Clínica SAMEG (Serviços de Assistência Médica em Geral) com a Doutora Ruth (que era a única

médica que não tinha medo). A doutora receitou alguns analgésicos para passar a dor. Porém, não surtiu efeitos. E a dor continuou persistindo.

IMAGEM 15 – Cédula de identificação do beneficiário da Clínica Medica SAMEG.



Fonte: Acervo da família Almeida.

O dia do meu aniversário foi estranho sem a minha presença, pois não queria sair do quarto, mesmo estando arrumado. A lembrança que guardo desse dia foram dois livros de fábulas, cujo convidado não sei – *mas eu adoraria saber quem foi*-, por conta da minha ausência.

IMAGEM 16 – Livro Está quente, está frio. IMAGEM 17 – Livro Três numa árvore. Meus primeiros livros.



Fonte: Acervo da família Almeida

Dias depois, não teve jeito. Fui ao dentista do Centro de Saúde do Conjunto Providência, e, lá, me surpreendi com a dentista aplicando uma anestesia em cima do meu dente. E o escândalo tomou conta do centro de saúde – *todos do bairro devem ter ouvido os meus gritos*. Foram dois dentes podres que a dentista havia arrancado. Quando cheguei em casa, todos debocharam novamente de mim, que estava com a bochecha inchada da anestesia. Depois desse trauma, voltei ao dentista, sete anos depois, para extrair outro dente que estava me matando de dor.

1.7 Da minha adolescência não tão aguardada

Se pudesse nascer outra vez, queria ser mulher. Pois não foi fácil ouvir da minha família que “eu era o homenzinho da casa”; “que homem não chora”; “não podia ficar na barra da saia da mamãe”.
(Maurilo Silva)

É muito delicado falar deste assunto, porque dos nove anos em diante, começava a me deparar com a dura realidade de ter que amadurecer, deixando de lado certas atitudes de criança quando chegasse a minha adolescência, ou seja, já não podia ter certos comportamentos de um “bebezinho”; tinha que me comportar como um homem, e estas imposições da minha família me incomodavam. Se pudesse nascer outra vez, queria ser mulher. Pois não foi fácil ouvir da minha família que “eu era o homenzinho da casa”; “que homem não chora”; “não podia ficar na barra da saia da mamãe”.

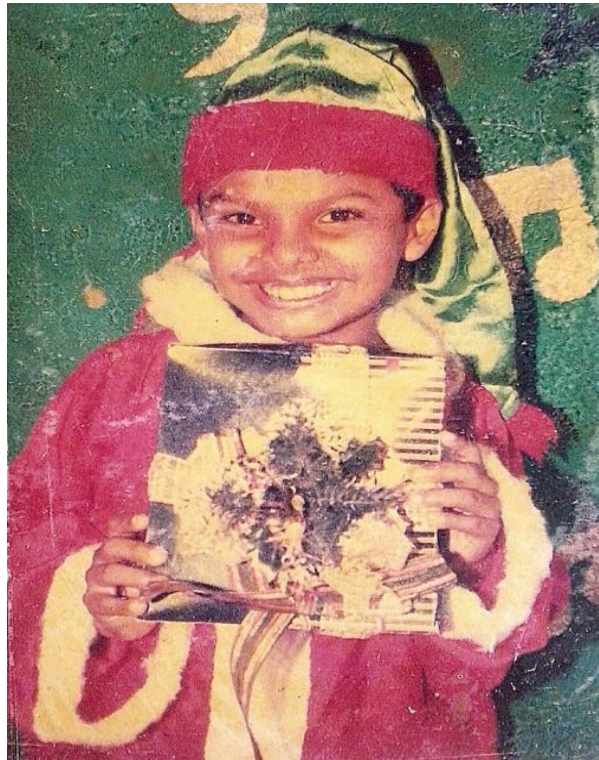
Comecei a ignorar tudo isso, e a imaginar um universo só para mim, onde criava as minhas rotinas e minhas regras. Comecei a inventar um amigo imaginário (eu mesmo) que, até hoje, me acompanha. Naquela época ninguém podia saber disso, pois se me vissem falando sozinho iam pensar que eu estava doido. Posso assegurar, portanto, que não há nada de errado termos um amigo imaginário – *porque eu não sou doido!* Um amigo que te compreenda, que esteja sempre ao seu lado quando quiser e nunca irá lhe abandonar.

Em 1999, quando comemorei meus 10 anos, passou um “filme” na cabeça, da minha infância e depois eu fiquei me questionando: “o que vai ser da minha vida depois disso?”. No meu aniversário, estavam os meus familiares, amigos, a professora Ivanilde da 2ª série, e alguns vizinhos. Assim que a festa acabou, fiquei como aqueles pensamentos na cabeça e um pouco inseguro quando me tornei adolescente. Senti medo ao imaginar meu futuro, pensando

no quanto minha vida seria infeliz, quando fosse adulto. Pois, para mim, os adultos eram cheio dos problemas, rabugentos, infelizes, vivem em conflito com a família, bebem, fumam, adoecem quando ficam velhos e morrem. Quando imaginei tudo isso, respondi a mim mesmo: “eu não quero virar adulto!”. A natureza parecia não estar do meu lado: virei um adulto, oito anos depois.

Ser criança foi muito bom. Sonhava em ter uma máquina do tempo para que pudesse voltar aos três anos de idade, pois foi a melhor fase da minha infância. Ou, então, que tivesse o poder de paralisar o tempo. Mas, com um tempo, eu me acostumei. Hoje, com vinte sete anos, ainda, sinto a falta da minha infância. Minha prima Ana Carla brinca comigo dizendo que tenho complexo de *Peterpan*.

IMAGEM 18 – Natal de 1999.



Fonte: Acervo da família Almeida.

1.8. Da minha paixão em assistir televisão

*Foi em uma manhã que a televisão chegou, lembro bem disso.
(Maurilo Silva).*

A paixão pela TV começou aos quatro anos, quando ainda morava na Cidade Nova. Foi lá onde tudo começou. Antes, a mamãe não tinha televisão em casa. Todas as noites ela, minha irmã mais velha e eu íamos assistir a novela na casa da dona Maria, que morava na casa ao lado. Lembro que, naquela época, passava *Mulheres de Areia* (1993), na Rede Globo com a imagem preta e branca.

Tempos depois, a mamãe ganhou uma televisão, de imagem preta e branca, de segunda mão. O engraçado era porque a gente tinha que fechar a casa toda para aparecer a imagem do televisor, que, a meu ver, dava a impressão de ter alguém dentro dela – *a partir dos nove anos, foi, então, que descobri que os artistas da televisão eram reais e que, na verdade, dentro da imagem do televisor existia uma câmera secreta que filmava os artistas. Isso quer dizer que os artistas são de carne e osso como eu. E, quem sabe, eu não teria a chance de conhecê-los.* Foi em uma manhã que a televisão chegou, lembro bem disso. Quando a ligamos, estava passando o programa da *Mara Maravilha* (1993) e, na sequência, o *Chapolim* e *Chaves*. A partir desse dia, eu comecei a assistir diariamente os programas do *Chaves* (até hoje).

Os desenhos animados também entraram na grade dos programas favoritos como *O fantástico mundo de Bob*; *Tom & Jerry*; *Pica-pau*; *Ursinho Pooh*; *Ursinhos Carinhosos*; *As Meninas Superpoderosas* e outros.

IMAGEM 19 - Bobby, “O Fantástico Mundo de Bob”.



Fonte: Site Filmesedesenhos animados⁷.

⁷ Disponível em: <http://filmesedesenhosanimados.com/informacoes/o-fantastico-mundo-de-bob/>

Os seriados, também, marcaram minha geração, como *Power Rangers*; *Punk a levada da breca*; *Sandy & Junior*; *Os trapalhões* e outros. Os programas da Xuxa, que exibia aos sábados, eram imperdíveis. Meu sonho era conhecê-la em seu programa. Eu tinha quase todos os seus álbuns da década de 90 em fitas K7 de suas músicas como: *Luz Do Meu Caminho* (1995), *Tô De Bem Com A Vida* (1996), *Xuxa 10 anos* (1996) e *Xuxa 2000* (1999). Eu era tão fanático por ela, que não me cansava de ouvir as suas músicas no gravador da mamãe.

Uma vez, mamãe ameaçou quebrar minha fita da Xuxa, porque quebrei o botão do gravador dela. Foi quando tentei colocar, sozinho, a fita no gravador, mas acabei quebrando o botão, que dar o “play” da música. Mamãe, sabendo disso, ficou furiosa, tirou a fita do gravador e quebrou, jogando-a no chão. Porém, ela quebrou a fita errada. Eu escondi a minha há tempo. E a fita que ela havia quebrado era da tia Arcádia, que costumava ouvir as músicas do Zezé de Camargo & Luciano deixando a fita no gravador.

Voltando a falar sobre a televisão, o programa da Eliana era sagrado. Aos cinco anos, todo o santo dia assistia os desenhos animados que passavam na TV. E como toda criança de cinco anos, estava naquela fase de aprender tudo o que via, bem como imitar certos comportamentos dos outros. Gostava de imitar os personagens de desenho animados, de novela, de programas de auditórios, que me chamavam a atenção.

Na época em que a Eliana apresentava o programa “Bom dia & Cia”, em 1995, tinha um “quadro” em que ela construía brinquedos reciclados de papel, mostrando passo a passo o processo da construção. Ela costumava a trabalhar com certos materiais, que não tinha em casa: cola, tinta, lápis, tesoura, recortes de papel e massas de modelar. Cada dia, ela vinha com uma nova invenção e eu tinha uma vontade enorme de fazer os meus brinquedos, aprendendo com ela. Mas não tinha esses materiais necessários e, para consegui-los, furtava os materiais escolares da Carol, que tinha em sua mochila escolar: lápis de cor, cola, canetinhas (canetas hidrográficas), apontadores, tesoura sem ponta e papeis “chameguinhos”. Um dia, a Eliana, em seu programa, criou um boneco de massa. A massa era de modelar. E como eu não a tinha massa de modelar, peguei escondido um pedaço da massa de pão caseiro do meu tio Antônio, que vendia pão na casa onde eu morava, no Marex.

Gostava de imitar os personagens do programa Chaves, porque havia cenas no programa que eram bastante cômicas e como as de pancada, queda, guerra de comida (torta na cara) e de personagem que caem na água. No final da tarde, na hora do banho, aproveitava o momento brincar de Chaves na bacia do banheiro ou no quintal jogando água pelos cantos. No quintal, eu tomava banho no “giral” (tipo de pia provisória) onde lavava a louça. Molhava as paredes da casa, as árvores do quintal e até o cachorro, que nem estava participando da

cena. Mamãe sempre me dava uma bronca e eu colocava a culpa no cachorro, que nada tinha a ver com a situação. Mas ela não acreditava e dizia que estava me aproveitando do animal, que não sabia falar e podia me desmentir. A verdade é que, “*sem querer querendo*”, eu me apaixonei por comédia através do Chaves.

Aos dez anos, comecei a me interessar em desenhar os personagens e super-heróis da TV. As minhas capas de trabalho escolares eram ilustradas com esses desenhos. Isso foi em uma época em que a maioria dos alunos da minha sala desenhava os personagens do *Dragão Ball Z*. Eu era o único que não gostava do *Dragão Ball*, gostava de desenhar mesmo era o Pica-pau, que exibia diariamente no canal SBT. Desenhava, também, *As Meninas Superpoderosas* nas folhas em branco dos meus cadernos ou no verso da capa na superfície em branco. A minha professora vivia chamando a atenção por causa dos rabiscos (se referindo ao meu desenho) apresentados nos meus cadernos.

Dos onze anos para cá, comecei a assistir assiduamente as telenovelas, normalmente assistia as “infantis”, como *Chiquititas* (1997), e outras, que fizeram parte da minha geração. Gostava de assistir, também, novelas “adultas”, sem me preocupar com a “censura” de idade. Na época, a sociedade não era tão “careta” (cheia de pudor em querer cesurar as cenas de sexo, droga e violência exibidos nos programas, filmes, novelas e vídeo games), como a de hoje é.

Posso afirmar, então, que o hábito de assistir televisão não afetou a minha mente, no sentido negativo de interpretar mal as coisas do mundo, e, tampouco me tornei um alienado, iludido, um psicopata, uma “marionete da Rede Globo”, e “sem cultura”. Assim como fui aprendendo a desenhar, a ler, escrever, estudar, a expressar a minha visão de mundo, a televisão, por sua vez, apenas reforçou a minha capacidade perceptiva, cognitiva, motora (aprendendo a usar o controle remoto) e emotiva de ser quem eu sou.

A novela que chamou a atenção foi *A viagem* (1994), que tinha um personagem que gostava muito de ver, o Mascarado. Quando chegava a cena dele, ficava atento à alegria que ele passava ao abordar os adultos e as crianças na novela. A música incidental que tocava em quase todas as suas cenas está viva até hoje na minha memória, que, podendo passar dez, vinte ou trinta anos, se eu a ouvir, lembrarei do personagem. A sensação que ele me causava, até hoje, é de alegria e emoção sentindo os meus olhos lagrimar toda vez que o assistia. Em 2014, a novela voltou ao ar, no Canal Viva (canal de tevê por assinatura) e não perdia um capítulo.

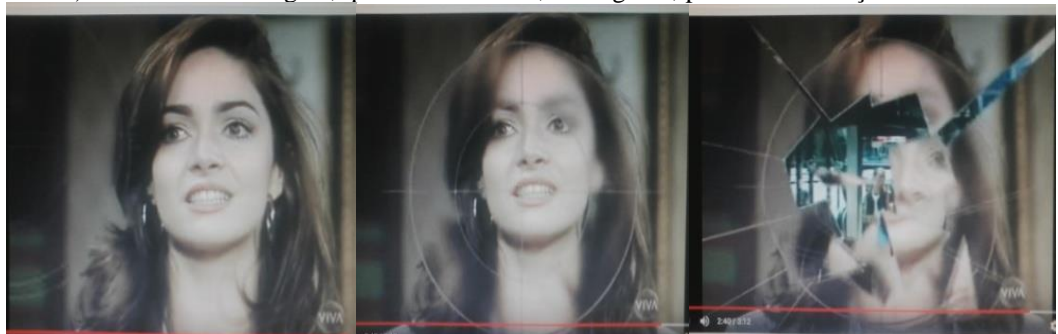
IMAGEM 20 - Suzy Rego (à esquerda) e Breno Moroni (à direita) interpretaram os respectivos personagens Carmem e Mascarado Adonay (Breno Moroni).



Fonte: Canal Viva⁸.

A próxima vítima (1995) foi outra novela que gostei. Assisti a estreia e sua reprise. Quando estreou, tinha cinco anos e não entendia a história, mas tinha efeito visual que chamava a atenção. Na primeira exibição, os finais dos capítulos terminavam com o congelamento dos personagens, com uma mira projetada neles, que quebrava a imagem. Eu achava que o vidro da TV, também, quebrava. A minha personagem favorita era a vilã Isabela, interpretada por Cláudia Ohana. Não gostava quando ela apanhava dos outros personagens. Quando a novela voltou no programa Vale a pena Ver de Novo, tinha dez anos e já tinha compreensão das coisas, acompanhei a novela do começo ao fim. Eu estudava à tarde e assistia um pedaço da novela. Na época entrava às 15 horas e a novela começava às 14 horas.

IMAGEM 21 - Na sequência, cada imagem (foto) mostra a transição do efeito visual, que, para terminar o capítulo da novela “A Próxima Vítima”, o rosto do personagem (o da atriz Cláudia Ohana) era mirado na imagem, que se deteriorava, em seguida, para dar a sensação de um tiro.



Fonte: Canal Youtube⁹.

⁸ Disponível em: <http://canalviva.globo.com/especiais/mais-da-tv/materias/por-onde-anda-breno-moroni-o-mascarado-da-novela-a-viagem.htm>

⁹ Foto capturada da tela de um computador exibindo o vídeo da novela. Disponível em: <https://www.youtube.com>

Em 1997 (no Brasil), assistia novela mexicana *Maria do Bairro* (1995), que fez sucesso na época. O motivo foi o fato da personagem Maria, interpretada por Thalia (foto), viver brigando com a sua rival Soraya, interpretada por Itati Cantoral. Divertia-me com o “barraco” das duas. Também, me identificava com as personagens briguentas interpretadas por Thalia. A paixão por este “conto de fada melodramático”, começou desde que assisti as novelas *Maria Mercedes* e *Marimar*, anteriormente.

IMAGEM 22 - Thalia interpretou Maria, em *Maria do Bairro*.

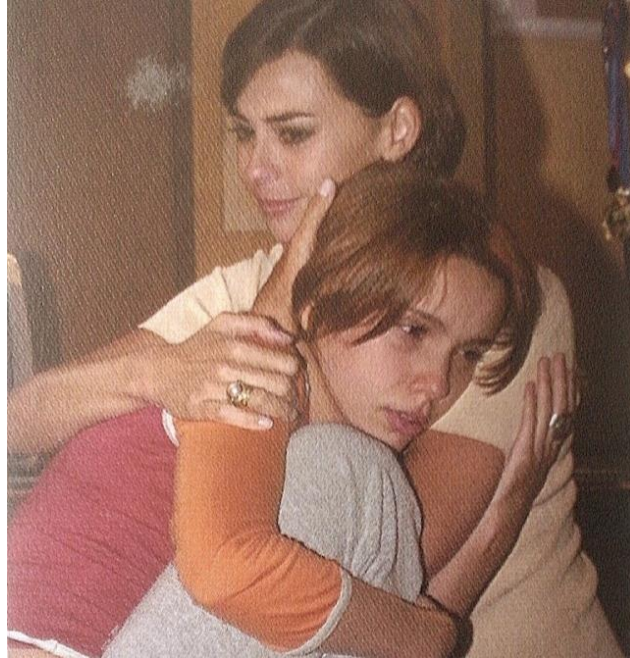


Fonte: Site do Youtube ¹⁰.

Em 2001, quando tinha doze anos, a novela *O Clone* fazia sucesso e a acompanhei do começo ao fim. Como já estava adolescente, certas abordagens me chamavam a atenção. E, por se tratar de uma novela que falava de clonagem humana, achava aquilo fabuloso. Além disso, me encantava com as danças árabes, as músicas e as atuações dos personagens. A personagem Mel, interpretada por Débora Falabella, foi a que a que mais chamou a atenção, não só pelo contexto (sobre drogas na adolescência) em que ela estava situada, mas pela atuação da atriz. A partir daí fui me interessando por histórias e personagens dramáticos, em conflitos.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ID3fevSupho>

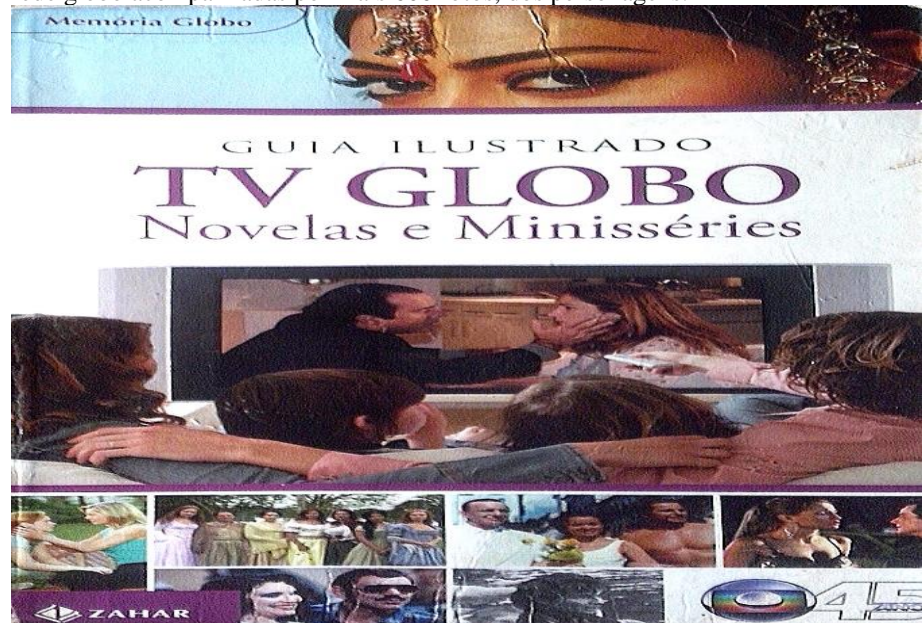
IMAGEM 23 – Mel (Débora Fallabela) e Maysa (Daniela Escobar) em *O Clone*.



Fonte: Guia Ilustrado Tv Globo Novelas e Minisséries.

Tais histórias me fizeram gostar de novelas como *Uga-Uga* (2000), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Celebridade*(2003), *A Usurpadora* (1998), *Senhora do Destino* e *Alma Gêmea* (2005), *Rebelde* (2004), *Duas Caras* (2007), *A Favorita* (2008), *Caminho das Índias*(2009), entre outras. A paixão por novelas é tanta que tenho um livro sobre as da Globo, o *Guia Ilustrado TV Globo Novelas e Minisséries*. Quem me presenteou ele foi a Jéssica, em 2010.

IMAGEM 24 - Capa do meu livro, que traz as sinopses de todas as novelas da tevê rede globo acompanhadas por mais 600 fotos, dos personagens.



Fonte: Acervo da família Almeida.

Aquelas histórias já conhecidas e bastante tradicionais dos folhetins, que costumam tramar as suas narrações, dramatizando o conflito do bem contra o mal, me instigaram a escrever histórias narrativas. Talvez o hábito de gostar de escrever “historinhas” tenha me estimulado a criar as minhas próprias dramaturgias.

A novela que marcou minha adolescência foi *Rebelde* (2004), por estar contextualizar minha adolescência. Curiosamente, não gostava. O título da história não me empolgou, a princípio; achava que ia ser uma versão “protótipo” de *Malhação* (1995), que não é uma das minhas novelas favoritas. Porém, por ser uma novela mexicana, e gostar desse tipo de melodrama, comecei a assistir. Aos poucos fui gostando não só dos personagens, mas também das músicas cantadas por eles, pois onde tiver música, eu “tô” dentro. Eu tenho os CDs, pôsteres, figurinhas deles até hoje guardados.

IMAGEM 25 - Foto dos posteres dos atores mexicanos Anahi Portilla (à esquerda), Alfonso Herrera, Maite Perroni, Christian Chaves, Christopher Uckermann (abaixo) e Dulce Maria, que interpretaram os personagens principais da novela “Rebelde”.



Fonte: Acervo da família Almeida.

Outra novela que eu não poderia deixar de falar é *América* (2005), que tinha um personagem que mexeu muito comigo. Júnior, interpretado por Bruno Gagliasso. Gay, mas escondia sua homossexualidade da sua mãe e de todos. Eu me assustei ao me identificar com esse personagem. Questionava como a Glória Perez, autora da novela, sabia desses assuntos. Não queria relacionar minha realidade com aquele personagem. Houve uma cena em que o personagem Zeca, interpretado por Erom Cordeiro, se declara ao Júnior, que me causou arrepios pela sua essência. Pois, já havia passado uma situação como esta. Quanto mais me assustava com o que eu via, mas eu tinha certeza de que eu era o “Júnior” da vida real.

Emocionei-me com a cena em que ele assumia a sua homossexualidade para sua mãe Neuta, interpretada pela Eliane Giardini. Mas achava que aquilo estava muito longe de acontecer comigo, pois a mamãe nunca iria aceitar.

IMAGEM 26 - Bruno Gagliasso (à esquerda); Murilo Rosa (atrás); Eliane Giardini e Erom Cordeiro (à direita), em cena na novela “America” (2005).



Fonte: Site Terra¹¹.

Em parte, a televisão me ajudou a entender muitas coisas e a desmistificar outras. Essas descobertas foram feitas através dos desenhos, programas infantis, séries, filmes, novelas e outros. Assim como outros meios de comunicação, a TV foi um meio que me possibilitou a compreender as coisas de maneira exemplificada através da atuação dos artistas. Em resumo, ela me mostrava por atos aquilo que, em teoria, estava abstrato na minha cabeça.

Ao longo desses meus vinte e poucos anos, a TV é, para mim, uma “caixinha preta” e “mágica”, como se dentro dela, existisse um “mini-teatro-televisível” e assistido por mim enquanto “expectador”, que ainda não conseguiu romper a “quarta parede” – *quem sabe, daqui a alguns anos, surja um “Brecht” especialista em teledramaturgia que possa romper essa quarta parede (a lente da câmera).*

E esta é a maneira imaginária de como enxergo a realidade, e a televisão como dois respectivos universos: a vida e a “tele-arte”. E esse universo só existe na minha cabeça imaginativa. Quando assisto a uma novela, não só presto atenção na história como, também, reparo as cores, os cenários, os figurinos, bem como a cena dos personagens em ação. A

¹¹ Disponível em: <http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/gloria-perez-fala-como-sera-o-beijo-de-junior-e-zeca-em-america/2005/11/04-12156.html>

novela “Caminhos das Índias” (2009) é um exemplo desta explicação. Enquanto produção artística, me fascinava pela riqueza cenográfica de cores, brilhos e contrastes. A história era muito bem escrita, dramaturgicamente, ao meu olhar. A abordagem sobre a cultura indiana, com base nos seus costumes, foi a que mais me chamou a atenção. Percebo na ação dos atores, em cena, o quanto a arte possibilita o encenadora totalizar a atuação do corpo, enquanto linguagem, dialogando com a estética da música e conduzida pela dança. E cada vez mais me interessava por novela, mas não como expectador e sim como um “crítico”.

O diálogo, o drama e a ação dos personagens de programa de televisão foram os fatores que, portanto, me instigaram a fazer de teatro.

1.9. Das minhas primeiras escolas

Ninguém ia saber do sabor que tinha esperar o sábado sem aula, sem notas, sem chatice de ir e vir, sem vontade.

(Maria Lúcia Medeiros - Zeus ou A menina e os óculos).

A minha trajetória escolar também teve um papel importante na minha formação curricular. E, hoje, só tenho a agradecer aos professores que me ensinaram e fizeram parte de minha história. Falando nisso, a primeira vez em que fui à escola não foi lá aquela grande coisa. Como era muito apegado à mamãe, à minha tia, e com todos da família, o estranhamento em estar na sala de aula sozinho foi massacrante.

Lembro-me de um dia em que mamãe estava muito contente porque faltavam poucos dias para eu ir à escola e não entendia o motivo da empolgação. O dia chegou. Achei estranho acordar tão cedo por não estar habituado. Chegando lá, minha irmã entrou na sala em que ia estudar e a mamãe me conduziu até à turma. A professora (infelizmente o nome dela eu lembro) estava na porta para me receber. Quando mamãe se despediu de mim, comecei a cair em prantos. A professora me consolava de todo jeito e fui acalmando aos poucos. A memória que guardo do primeiro dia aula foi a hora de desenhar no papel A4 “Chamequinho”, com giz de cera. Como sempre, ficava encantado com aqueles lápis coloridos.

Além das atividades de desenho, lembro das brincadeiras em sala de aula com a turma; da professora mandando sentar, porque eu era demais da conta; das brincadeiras de roda que ela fazia com a turma, quando cantávamos a música do lanchinho; e da hora do recheio, quando lanchava junto com minha irmã, que trazia a sua lancheira. Naquela ocasião,

ainda não sabia ler e nem escrever, sabia desenhar, pintar, falar as vogais e os números. Mesmo sem saber para queria fazer tudo aquilo. “O aluno deve registrar na sua memória. Nunca será demais insistir nesta atitude intelectual que caracteriza e caracterizará por muito tempo ainda, não só o mundo ocidental, mas o oriente” (Legof *apud* RICHÉ, 1990, p. 451).

É verdade! Isso explica as aulas de canto, tínhamos que cantar como “Bom dia professora! Como vai?” “Papel e cascas não se joga no chão, porque é falta de educação!”.

As festinhas comemorativas, também, são memoráveis nas minhas lembranças como a Páscoa, dia do índio, das mães – *naquele momento, eu vi na televisão a homenagem ao piloto Ayrton Senna, que faleceu após um grave acidente durante a sua corrida* -, festas juninas e meu aniversário de cinco anos que foi comemorado lá. Teve um dia em que fomos a um passeio para visitar a fábrica da Coca-Cola, que fica na Rodovia Augusto Montenegro. A condução foi de trem, que tem lá para as bandas da Cidade Nova. Achei aquilo fabuloso, então posso dizer que andei de trem pela primeira vez quando fui ao passeio da escola. Chegando ao destino do passeio, fomos recebidos por um palhaço que animava a festa e dava prêmios a quem participasse da brincadeira. Lembro que bebia muita latinha de Fanta Uva e Laranja e colecionei um monte de tampa de refrigerante.

Como havia dito, no começo de meu relato sobre a minha passagem na escola, a minha adaptação nela não foi tão harmoniosa como parecia. Quando criança, não suportava acordar cedo para ir à escola. Todos os dias minha mãe chamava minha atenção e a da minha irmã mais velha, porque era uma luta acordarmos por conta própria sem levar sermões. Para mim era um inferno ter de acordar bem cedo e suportar aquela água fria do chuveiro me torturando. Chorava para não querer ir. Benditos eram os sábados e domingos, pois eram os únicos dias que eu não ia para escola.

Estudei, também, nas escolas Associação dos Moradores, do Conjunto Promorar (1995), e Jonathan Pontes (1997), que ficavam próximas da casa onde morei no conjunto Marex. Na associação, lembro-me das festinhas de comemorações, como o Natal. Na Jonathan Pontes, o dia da minha colação, o meu “A-B-C” e, também, o dia em que repeti a 1ª série.

IMAGEM 27 - Eu, Carol e nossas respectivas professoras da esquerda e direita em festinha de Natal na escola “Associação”, em 1995.



Fonte: Acervo da Família Almeida.

IMAGEM 28 - Foto da minha colação de “A-B-C” tirada na escola “Jonathan Ponte”, em 1997. Minha tia Maria (à esquerda) e eu (com 7 anos); e com minha diretora.



Fonte: Acervo da família Almeida.

Assim como tive colegas de sala, também tive inimigos de turma. Nunca cheguei a falar das constantes perseguições que sofria na escola, para a mamãe, pois tinha receio de virar alvo de chacota naquela época em que “não existia” *bullying*, até repercutir nas mídias de comunicação sobre a violência nas escolas. Em 2009, um ano depois de eu ter concluído o Ensino Médio -, portanto tinha que ser homem e me defender sozinho para não se sentir um

fraco. Não tinha quem me defendesse. Mesmo sendo magro e baixinho, quando criança, era bom de briga.

Comecei a tirar notas baixas na primeira série, por fatores muitos comuns como *déficit* de atenção, desinteresse, dificuldades para ler e entender os comandos das questões. Todos os dias era cobrado pela mãe, tinha que aprender a ler e escrever para passar de ano – *ouvi essa “blablação” até os 15 anos*. Isso se tornou um tédio na minha vida escolar. Minhas “válvulas de escape” eram a televisão e os brinquedos. E como toda ação tem uma reação, o resultado disso foi minha reprovação no fim de ano e uma surra de castigo.

Por esse motivo, tinha que passar de ano letivo sempre quando chegavam as provas finais. Não me sentia um bom aluno, como os professores costumavam me ver. Naquele momento, sentia-me reprimido em uma “ditadura” interna.

Em 1998, quando mudei para Ananindeua, estudei na escola João Alves de Andrade, que ficava alguns quarteirões longe de casa, na Rua A, Vila Esperança. Lá, ao contrário da escola anterior, me sentia bem. Os professores, embora rígidos com a turma, tinham empatia por mim. Sob a pressão psicológica da mãe, tinha que fingir ser um bom menino e um aluno aplicado. Mas, havia horas que acabava deixando cair o disfarce. Uma vez, Rômulo, meu colega de turma, e eu estávamos jogando papel um no outro e paramos na diretoria – nas mãos de uma orientadora mais temida da escola – até o final da aula. A orientadora se chamava Vera. Essa mulher me assustava, com aqueles seus olhos verdes. E neste dia, em que ficamos de castigo, ela nos deu um sermão aos gritos, nos fazendo responder de cabeça baixa que viemos à escola para estudar. O meu medo maior não foi nem tanto o fato de estar de castigo, mas de ser suspenso e mãe ter que ser chamada. Ela não podia nem sonhar, naquela época, que tinha ficado de castigo na escola. Se não o “coro” comia, quando chegasse em casa.

Dos 17 anos para cá, continuei tirando boas notas nas matérias, exceto em matemática, na qual as notas eram medianas. Mãe já não cobrava mais tanto de mim porque sabia que tinha um filho inteligente na família – modéstia a parte – portanto, as cobranças passaram a se tornar pessoais.

Como bom aluno, ora aplicado, ora trapaceiro, já passei por situações embaraçosas durante as provas de avaliações. Na oitava série, tentava driblar o professor de matemática, que usava óculos escuros nos dias de prova, para observar se algum aluno colasse na hora dos exames. Como sentava na cadeira da frente e, supostamente, sendo um bom aluno, ele não olhava tanto para mim. A galera do fundo era quem sofria. E, discretamente, colocava o papelzinho com as equações escritas coladas com uma fita *durex* dentro da minha camisa ou

escrevia só as formulas à lápis na careira e colocava a prova em cima - *se eu for contar todas as minhas táticas o meu segredo será descoberto*. O ensino médio foi a melhor série da minha trajetória escolar, pois era bom em quase todas as matérias, menos nas de ciências exatas. E para ser aprovados nelas, apelava para a “cola”, durante as provas.

Também não poderia deixar de falar das minhas amigadas de escolas que, hoje, ainda permanece firme e forte. A primeira amiga que conheci foi na terceira série, no ano 2000, se chama Eleni (ou Lenny, como ela prefere ser chamada). Hoje já são dezessete anos de amizade. E, embora ela esteja morando em outro estado, ainda nos comunicamos. E sempre recebo notícias dela através de sua mãe. Na quinta série, conheci Renato Fazzi, em 2002 e, hoje, ainda continuamos amigos. Em 2003, conheci Jessica Diana com a qual são 14 anos de amizade.

IMAGEM 29 – Festa de 15 anos de Jessica Diana (esquerda), acompanhada de Renato, Lenny, professora Dina e eu (esquerda).



Fonte: acervo pessoal de Jessica (2006).

Dos 17 anos para cá, continuei tirando boas notas nas matérias, exceto em matemática, na qual as notas eram medianas. Mamãe já não cobrava mais tanto de mim, porque sabia que tinha um filho inteligente na família – modéstia à parte – portanto, as cobranças passaram a se tornar pessoais.

1.10. Da minha trajetória no teatro

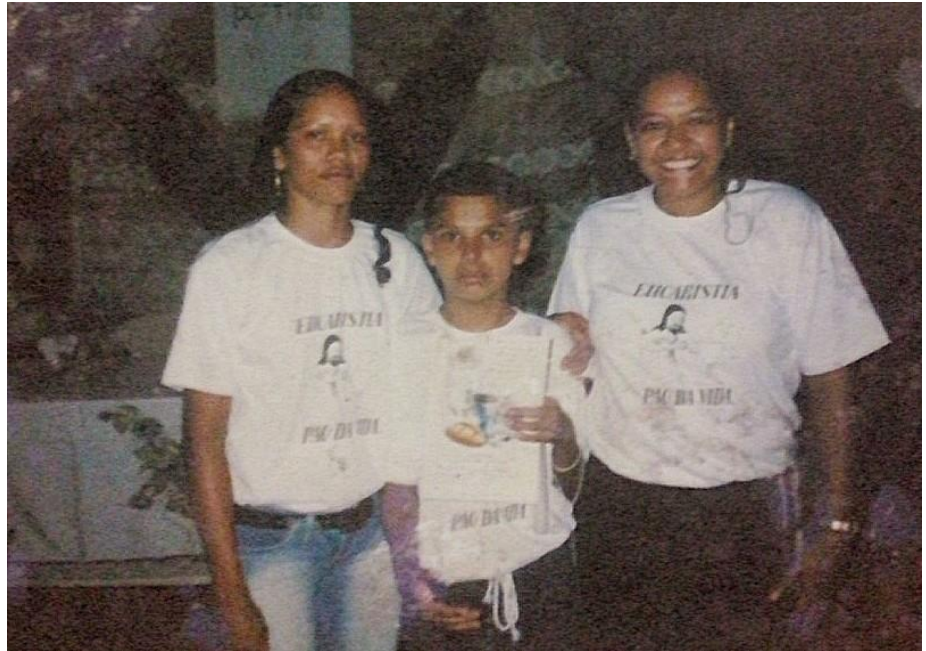
Devemos reconsiderar o que significa 'talento'. É muito possível o que é chamado comportamento talentoso seja simplesmente a maior capacidade individual para experienciar.
(Viola Spolin).

Gosto, além de desenhar, de ver televisão e de escrever, de fazer teatro. A razão deste ato de gostar começou através do simples hábito de assistir TV, a partir da atuação dos atores em novelas, filmes e séries. Pois, até os dez anos, não conhecia o teatro e nunca tinha ouvido falar. De algum modo estava interessado em fazer teatro e, ainda que a televisão e o teatro sejam “mundos” distintos, a atuação era o “elo” que ligava os dois. Queria me aparecer para algum público – *e, antes de saber da existência do teatro, eu acreditava que só na televisão isso seria possível* – até descobrir que existia a outra possibilidade de aparecer, no teatro.

O primeiro contato que tive com o teatro foi em 1999, em que acontecia a Paixão de Cristo, durante a Via Sacra, na paróquia de Nossa Senhora das Graças, em Ananindeua. Tinha umas primas que participavam do grupo jovem daquela época e faziam teatro. Quando as via apresentando ficava encantado. Achava aquilo um máximo. Elas deviam estar se divertindo muito aparecendo em público fazendo teatro.

Quando completei onze anos, tinha um grupo de teatro na comunidade da igreja de São Francisco de Assis, na rua de casa, em Ananindeua, que precisava de alguém para fazer um personagem em uma encenação. Fui o único que se voluntariou a fazer, pois a maioria dos meus colegas tinha vergonha de se expor em público. A sensação ter atuado pela primeira vez foi ótima, mesmo com pouca fala. A direção do grupo era de uma das coordenadoras do grupo Jovem da igreja, Silvana, e pela Márcia, uma das jovens que atuavam nas peças realizadas durante as missas na Comunidade, também integrante do grupo jovem. Então passei a me interessar em ir para a igreja por causa do teatro. E já conhecendo as duas no teatro, coincidentemente, elas foram as minhas professoras da primeira eucaristia, em 2002.

IMAGEM 30 - Eu e as professoras Marcia (à esquerda) e Silvana (à direita) na minha Primeira Eucaristia, em 2002.



Fonte: Acervo da família Almeida.

Em 2003, conheci a Fundação Curro Velho, através da minha tia Maria, que havia colocado as minhas primas, Alessandra e Carla, para fazer oficinas lá. Quando soube da inscrição para o curso de iniciação teatral, não pensei duas vezes e fiz. A experiência foi significativa. As aulas foram ministradas pelo professor e ator Leonel Ferreira, e, através dele, aprendi as técnicas de preparação e aquecimento corporal do ator, praticando alongamentos, dinâmicas e jogos. Gostava tanto de fazer teatro que fiz quatro vezes iniciação teatral.

Na última vez em que fiz oficina de teatro, no Curro Velho, a aula foi ministrada pela professora Iraci Vaz. Ela me ensinou muitas coisas, e passei a ter uma visão ampla sobre teatro, enquanto interpretação e improvisação. No final da oficina dela, encerramos com o espetáculo *A Megera Domada*, de William Shakespeare, o qual ouvi falar pela primeira vez. Após o espetáculo, tive a alegria de conhecer o ator Cacá Carvalho, o qual só conhecia pela televisão, nas novelas *Torre de Babel* (1998) e *Belíssima* (2005), sendo o primeiro ator de novela que conheci.

IMAGEM 31 - Eu e meu amigo Geraldo em companhia do ator Caca Carvalho Momento do Evento Folclórico da Fundação Curro Velho após a apresentação do espetáculo *A Megera Domada*, em 2007.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

Nove anos depois, período no qual cursei o pré-vestibular, conheci Luís Kenedy, que estudava na mesma sala comigo. Através dele, participei do teatro na igreja novamente, na Paróquia José de Queluz. Conheci um diretor muito responsável com o seu trabalho e bastante humilde, chamado Edson. Foi num período de Páscoa em que a igreja organizou um retiro pascal, o “Pascoa Jovem 2012”. Um evento promovido pela paróquia, que ocorre anualmente, nesse período, misturando louvor, música, teatro e dança, com o objetivo de evangelizar os jovens - *objetivo este herdado historicamente dos jesuítas, que chegaram ao Brasil em missão de catequisar os índios através do teatro.*

Não foi fácil conciliar o ensaio do grupo teatro de lá com os meus estudos em casa. Ensaiaava das 18:00 às 23:00, chegando tarde em casa e, ainda mais, tendo que acordar de manhã às 6:00, para ir ao cursinho estudar. Fiz muitos amigos no grupo de teatro. O elenco era bastante fraterno um com o outro; mesmo não tendo o apoio financeiro da administração da paróquia, fomos elogiados por todos pelo nosso trabalho. No grupo, não havia atores e, sim, pessoas interessadas em fazer teatro, assim como eu. Estava há tanto tempo sem fazer teatro, acreditando que somente os atores formados faziam, pois por muito tempo fiquei afastado do teatro, após as constantes frustrações, que senti de nunca iria passar nas provas da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA), para o Curso Técnico em Ator.

Minha “reconciliação” com o teatro começou na igreja Queluz, onde me senti acolhido, revigorado, estimulado, renascido e pronto para vencer na vida. A volta ao teatro da igreja me devolveu a vontade de fazer teatro novamente. Posso dizer, então, que pela primeira vez senti a catarse do teatro, não no sentido religioso, mas no sentido de me fazer acreditar que existiam pessoas humanas, humildes, solidárias, amigas e fraternas que acreditavam no meu fazer artístico.

Essas pessoas foram as que atuaram comigo no teatro da igreja. Embora o ano de 2012 tenha sido um período de muitas lutas, através do teatro, pude superar os obstáculos da vida. Em 2017, o grupo de teatro da paróquia retornou, cinco anos depois, graças ao apoio recebido pelo novo pároco da comunidade, frei Sebastian. O grupo, que atuo hoje, faz parte do Ministério de Teatro Arte & Missão, que tem a perspectiva pautada na evangelização através da arte.

IMAGEM 32 - Páscoa Jovem 2012, pela qual a minha trajetória no teatro da paróquia São José de Queluz começou.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

IMAGEM 33 - Momento da festividade de Santa Rita de Cassia em que eu, o grupo de teatro e grupo jovem da paróquia participamos do evento.



Fonte: site. Facebook.com; foto capturada por Felipe Lima.

IMAGEM 34 - Momento da Páscoa Jovem 2017, marcado pela minha retomada à paróquia; e nascimento do grupo de teatro Arte & Missão.



Fonte: site. Facebook; foto capturada por Raimundo Trindade.

Quando decidi fazer teatro, mamãe, à princípio, não colocava tanta fé e até criticava quem fazia teatro. Para ela, somente homossexuais, drogados, prostitutas e tudo aquilo considerado imoral, na opinião dela, fazia teatro. Por outro lado, alguns amigos meus indagavam-me se ia ganhar dinheiro fazendo teatro. Dizia que não, pois a aquisição

financeira, ainda, não estava nos meus objetivos. Queria estudar e o meu sonho era entrar na ETDUFPA, para aprender teatro. Meu pai menospreza o que faço até hoje, pois, para ele, eu tinha que estar em uma profissão que desse rendimento financeiro, como ser médico, advogado ou militar. Profissões estas que engrandecem a pessoa enquanto assalariada, na cabeça dele. Ele se sentiu frustrado por não querer seguir a carreira militar. A tristeza maior que senti, foi a de não ter recebido os parabéns dele na minha aprovação. Apesar de amá-lo tanto, sempre me senti rejeitado por ele.

Hoje estou realizado. Consegui entrar na universidade e cursar a graduação em teatro. Isso foi possível graças às poucas pessoas da minha família, que acreditaram no meu talento como mamãe; minha prima Alessandra, da qual a tenho como referenciado meu fazer artístico; da minha Tia Maria, que me apresentou o espaço Curro Velho, incentivando-me a engrandecer enquanto artista; a Carla, que incentivou a estudar para entrar na ETDUFPA; e ao Paulo Monteiro, marido de Carla, a primeira referência masculina que me apoiou nos meus estudos, acreditando no meu potencial, sendo este o meu segundo pai.

Para chegar à ETDUFPA, não foi fácil. A minha trajetória artística ainda tem um longo caminho...

CAPÍTULO 2 - SEGUNDO ATO PERFORMATIVO: O ITINERÁRIO DA MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA

2.1 Na primeira Estação: em casa.

Por onde comecei.

➤ A minha Arte de desenhar.

Neste trajeto, a pipa foi forma que escolhi de exemplificar a maneira através da qual aprendi a desenhar. Pois, a pipa foi à primeira imagem que desenhei no chão do quintal de casa. E a partir dessa invenção, o meu passaporte à arte de desenhar estava garantido, mas, naquele momento ainda não sabia o que era a arte, enquanto significado. Meu fazer artístico, grosso modo, será relatado a seguir.

Riscando o chão do quintal, da minha casa de madeira, localizada no bairro da Cidade Nova II, rasgando papel, desconstruindo e reconstruindo, aos poucos, começava a dar *intenções* as minhas ações.

➤ Tentando...

Quando comecei a riscar, aos três anos, o chão do quintal, a intenção não era apenas riscar. Eu queria desenhar descrevendo os objetos a minha vista, e que ficavam visíveis na minha memória. Para Jaques Le Goff (1990), o processo de memorização parte da ordenação às releituras dos *vestígios* como as informações e as impressões:

Todas as teorias que conduzem de algum modo a ideia de atualização mais ou menos mecânicas de vestígios mnemônicos foram abandonadas, em favor de concepções mais complexas da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso: ‘O processo de memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios e os processos de releituras podem fazer intervir centros nervosos muito complexos e uma grande parte do córtex, mas existe um certo número de centros cerebrais especializados na fixação do percurso mnésico’ (p. 420).

As impressões que tinha da pipa, em minhas memórias, só podiam ser “enxergadas” por mim. Só conseguia enxergar a pipa no risco, visto porque a imaginação e a percepção da forma do objeto reforçavam as impressões que estavam em minhas lembranças. Portanto, via algo e tentava reproduzi-lo através da releitura do objeto que tinha em mente, de modo a

transpassá-lo, através do desenho, para o chão. Talvez, naquela ocasião, como um meio de atualização das minhas impressões que, por conseguinte, ganhou outra trajetória.

Gostava tanto de desenhar pipas no chão do quintal. E, como a pipa é um objeto geograficamente cartesiano, a perfeição não era tão linear. Pedia a alguém da minha família que desenhasse para mim, mas ninguém queria ou não sabia. Iria aprender, sozinho, a desenhar pipa e, para isso, precisaria de alguém com o *saber técnico e prático* para que aprendesse a construir, para poder empina-la. Le Goff (1990) destaca em sua abordagem “a prática social da memória coletiva, tendo em comum à conservação de tais atos em dois momentos da sociedade, conforme a sua abordagem: do povo que pratica a memória coletiva em prol de conservar; o conservar o conhecimento prático, técnicos, de saber profissional (p. 425)”.

A intenção era de alguém que soubesse manejar o palito de madeira, desenhasse e, através do qual, eu observasse como se desenha uma pipa. Pedia para mamãe e ela dizia que não sabia desenhar; pedia para a minha tia Arcádia, irmã mais nova da mamãe, ela não podia porque estava ocupada; o meu tio Dinho, irmão mais novo da mamãe e mais velho que a titia, dizia que depois desenhava para mim – *se eu dependesse dele, até hoje estaria esperando* -; e restou a minha irmã mais velha, Ana Carolina, que, por sinal, não desenhava bem. A única pessoa que poderia me ensinar não só a desenhar uma pipa, mas também construir uma é a minha prima Alessandra, que já tinha, como, ela a prática, a técnica e o conhecimento artístico de uma pessoa desenhista e pipeiro (alguém com saberes técnicos de construir pipas para fins comerciais). Mas, ainda, não a conhecia. Portanto, eu criei as minhas técnicas, praticando-as sozinho. Le Goff (1990) fornece os exemplos de *Piaget* e *Scandia*, em sua teoria sobre a inteligência humana em fazer de aquisição da memória nas crianças:

O estudo de aquisição da memória pelas crianças permitiu assim constatar o grande papel desempenhado pela inteligência. Na linha desta tese, Scandia Schonen declara: ‘A característica das condutas perceptivo-cognitiva que nos parece fundamental é o aspecto ativo e construtivo dessas condutas’, e acrescenta: ‘Podemos, pois, concluir que se desenvolveram ulteriores investigações que tratam do problema das atividades mnésicas ao conjunto de atividades perceptivo-cognitivas, no âmbito das atividades que visam organizar-se da mesma maneira, na mesma situação, ou adaptarem-se a novas situações. E, talvez, só pagando este compreenderemos um dia a natureza da recordação humana que impede tão prodigiosamente as nossas problemáticas (LE GOFF APUD PIAGET; SCANDIA, 1990, p. 420-421).

Dando início ao meu processo ativo de construção em tracejar o desenho, usei a palma da minha mão para medir as laterais do quadrado e, então, poder desenhar a pipa. Usava o pé para medir. Ou pegava uma “vara” (que significa um bastão de madeira pequeno),

dando alguns passos para trás e, de lateral em lateral, repetia os passos. O problema era desenhar a curva (feita no pau de miriti o qual atravessa horizontalmente o outro pau, que está em posição vertical), que fica posicionada na parte frontal da pipa. Ficava frustrado por conseguir fazer até o quadrado.

Com o papel, tentava rasgar cuidadosamente as arestas na intenção de fazer o quadrado, mas o rasgo tomava outra direção e, conseqüentemente, estragava o papel. Meu tio tinha um bloco de notas e, sempre que descartava uma folha, me dava para brincar e ficava muito alegre. As invenções de criar uma pipa representada através de um papel qualquer, que fosse quadrado, foram inúmeras. Eu catava embalagens de bombons nas ruas e as colecionavas para brincar de pipa com a Carol; pegava sacolas de plásticos amarradas em tiras de retalhos de plásticos, como linha; e até rasgar dinheiro eu já rasguei para fazer uma pipa. E as ideias não paravam por aí.

A paixão por pipas era tão grande que fazia de conta que as minhas mãos fossem duas pipas entrando em laço – *o objetivo da brincadeira de pipas é, que quando duas linhas se cruzam, a mais encerada corta a outra* –. E, com o movimento das mãos, imaginava a pipa dando “cabeça” (se movimentando em direção ao chão).

➤ E tentando...

A primeira pipa que ganhei foi no dia em que caiu no quintal de casa e meu tio a pegou para mim. Eu fiquei impressionado com dimensão dela, pois, na minha cabeça, as pipas pareciam ser pequenas quando estavam no ar. Acreditava que elas viviam no céu brincando com aqueles movimentos “performáticos”. O comprimento (do rabo da pipa era o dobro da minha altura), a textura, o tamanho do quadrado e os detalhes eram extraordinários para mim naquele momento – *“com que tipo de material ela foi feita?”*, me perguntei. Como não sabia empinar pipa, queria aprender a fazer igual a que tinha na mão. E como não sabia fazer, comecei a desmontá-la. A primeira tentativa foi frustrada – *rasguei a pipa* -, pois a base quadrada do plástico era amarrada nas extremidades das duas “talas” (pau de miriti) de ponta a ponta, e não sabia que tinha que desamarrar a linha enrolada nas pontas. Além de não saber amarrar, tampouco sabia desamarrar.

Mesmo sem saber construir uma pipa e tampouco conhecer a arte enquanto *processo criativo*, naquela idade, já estava começando a querer “ressignificar” às coisas enquanto artista. Minha intenção, ressaltando novamente, não era destruir, mas sim reconstruir desconstruindo.

Nunca havia imaginado que fazer uma simples pipa fosse tão complexo assim: ter que tirar a medida do plástico, da tala e amarrar. Mas isso não foi obstáculo para mim. Mesmo errando na medida, no tamanho, no comprimento e amarrando errado, ficava feliz quando conseguia, parcialmente, fazer minha pipa. Talvez, hoje, mesmo não brincando mais de pipa, ainda sei fazer e desenhar com perfeição, porque minha coordenação motora está 100% ágil.

2.2 Na segunda Estação: em salas de aula.

Onde aprendi!

A Escola Vereador Manoel Fernandes de Oliveira, por exemplo, foi o lugar no qual fiz meu primeiro desenho em uma folha de papel A4. Também foi onde descobri uma nova arte: a técnica de desenhar através do giz de cera, lápis de cor, e tinta. Conheci, além disso, outras artes, que me possibilitaram a novas criações como montar bonecos com massas de modelar, confeccionar desenhos através da colagem com recortes de papel, que, para Renato Cohen (2004, p. 60), “é o entrópico e lúdico – qualquer criança como uma tesoura na mão faz isso”, e fazendo dobraduras no papel, posso até construir um cata-vento.

A escola João Alves de Andrade endereçou-me para outros aprendizados. Como? Ler e escrever. Através dos livros de gramáticas, por intermédio das leituras narrativas, nas quais os desenhos fortaleciam o meu estímulo e o meu interesse por livros de contos de fadas, fábulas e outras narrações; assim como nas aulas de interpretação e produções de textos narrativos, em que eu praticava transcrevendo-os para o meu caderno durante as atividades de língua portuguesa.

Devo ressaltar que as práticas da leitura e da escrita não foram às únicas motivadoras do meu aprendizado, mas também as aulas de “contação de história”, pela professora de Educação Física contribuíram muito. Na medida em que eu observava e entendia a moral da história, desenvolvia então novas releituras de contar as minhas histórias em atos como o de escrever e desenhar na perspectiva de produzir a artes do meu conhecimento da maneira como eu interpretava o mundo, que para Le Goff (1990) significa a área culminante do conhecimento praticado pelo manuscrito através do impresso:

A massa do conhecimento está mergulhada nas práticas orais e nas técnicas; a área culminante do saber, com um quadro imutável desde a antiguidade, é fixada no manuscrito para ser aprendida de cor...com o impresso...não só o leitor é colocado

em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixa integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. Assiste-se então à exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação que está escrito no escrito (p. 457).

Desse modo, desenhando, lendo e escrevendo foram dados, portanto, os primeiros passos por mim, rumo ao trajeto artístico enquanto itinerante (aprendiz) da vida e da arte em busca de novos aprendizados. Aperfeiçoei não só a minha escrita, como também o meu lado artístico, enquanto criador das minhas próprias narrações textuais, através da escrita. Isso resultou em outros processos criativos de arte híbrida, como meus gibis, que mistura a escrita e o desenho.

➤ A minha arte de ler, escrever e desenhar.

Na escola Joao Alves de Andrades, me relacionava bem com os meus colegas de turma. Quando tinham trabalhos de educação artística, meus colegas de turma me pediam que desenhasse para eles também. Não dispensava e desenhava numa boa.

Matemática, por outro lado, não estava nas minhas preferências. Era uma luta ter que me esforçar em aprender a dividir, multiplicar e subtrair quando estava na segunda série em diante, embora tenha aprendido a única operação fundamental: a soma. Vânia, minha tia próxima da família, foi quem me ensinou, pelo menos, a subtrair. Mamãe pagava a ela para dar aulas particulares, sempre que chegava o período das provas. E aí de mim se não tirasse boas notas.

Português, em compensação, sempre foi uma das minhas matérias favoritas e que me aproximou das histórias narrativas. Tinha um livro didático de língua portuguesa, que nele havia todas as histórias que, até hoje, estão nas minhas lembranças. Foi, então, o que motivou a gostar de ler historinhas acompanhadas de desenhos. Os desenhos me chamavam a atenção. Nos livros de estudos sociais, a presença de figuras ensinava a criança evitar acidentes domésticos como: “Nisto! não se mexe!”. Exclamação mostrada através do desenho de uma garota indicando o polegar em direção aos frascos de produto químicos de: veneno, álcool e remédios.

Algumas histórias que li lembro até hoje, como de algumas falas da personagem do livro: a menina que queria dar banho no seu gatinho, que não gostava de água. A imagem da garotinha lavando o gato na banheira foi cômica. No final da história, ela chegava triste dizendo para a sua mãe que o gatinho dela havia morrido após ela o torcer para enxugar.

Em outra história, tinha uma girafa com um pescoço enorme que alcançava o céu. Relatava a falta de sono dela. Suas imagens, com as estrelas e a lua, me encantavam. Era isso que chamava a minha atenção. Poderia até ter dificuldade para ler, mas entedia as histórias que era uma beleza. Eu não conseguir manter o hábito da leitura, mas gostava quando a professora “Boneca” (só a conhecia com esse nome), de Educação Física, contava histórias nos dias de chuvas em que não dava para a turma sair da sala.

Houve uma dia em que ela contou a história da “Barba azul”. Fiquei chocado com a densidade da narração – *digamos que foi assustadora para mim* – que conta a história de um homem que matava as mulheres que se casavam com ele. Apesar de tudo, achei interessante ouvir essas histórias contadas pela professora em aula, pois passei a me interessar pelas policiais, suspense e drama.

A paixão em ler contos, fábulas, histórias em quadrinhos e histórias policiais deu-se a partir do hábito de ler constantemente os meus dois livros que ganhei do meu aniversário de oito anos. E quando a professora contava uma nova história, ficava ansioso para descobrir o final. Uma vez, ela contou a dos três porquinhos, sem ler nada. Narrava e desenhava, ao mesmo tempo. Com um giz, a professora desenhava no quadro negro: os três porquinhos, o lobo mau e as três casas dos porquinhos. O modo como ela contava a história era bastante instigante:

PROFESSORA (desenhando no quadro e indicando o dedo para ele) – “Era uma vez, em um bosque, havia três...”.

A TURMA (concluindo a narração da professora e olhando para o desenho) – (...) “porquinhos!”.

Em casa, pegava umas folhas de caderno em branco e começava a inventar histórias de suspense. Inventava os personagens e os desenhava na folha e, abaixo deles, narrava escrevendo as narrativas em formas de capítulos – como se fosse novelas – em cada página. O único registro desta criação foi um livro artesanal, que tenho guardado, feito com folhas de papel com pauta desenhadas com desenhos dos personagens do conto de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões*, feitos por mim já adolescente, em 2006.

IMAGEM 35 - Capa do “livro”.



Fonte: Acervo pessoal da família Almeida.

IMAGEM 36 - Páginas do “livro” incompletas. Nelas ficaram por faltar escrever a narração e pintar os desenhos, que há mais de dez anos, não se concluiu por falta de tempo e recursos materiais para pintar (naquele tempo).

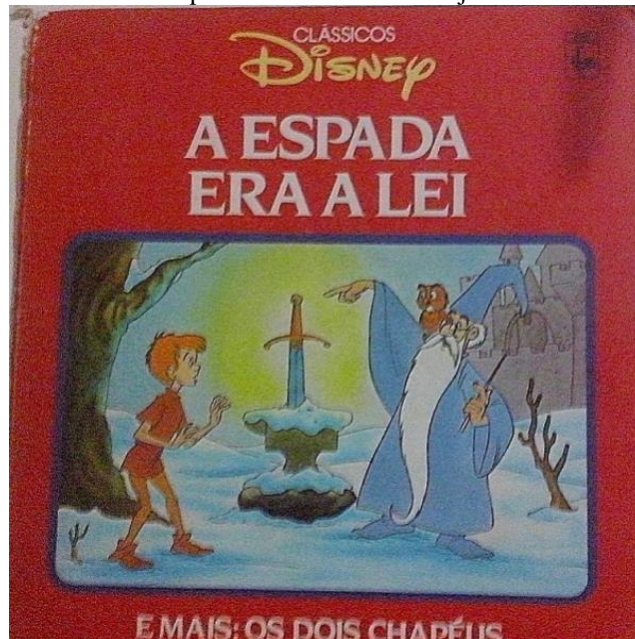


Fonte: Acervo da família Almeida.

Em 1999, quando morávamos em um kit-net, em Ananindeua, ganhei muitos livros ilustrados para pintar e de contos e fábulas de uma vizinha (cujo nome não consegui lembrar), que tinha uma cachorrinha de estimação chamada *Karen*, e costumava me dar muitos

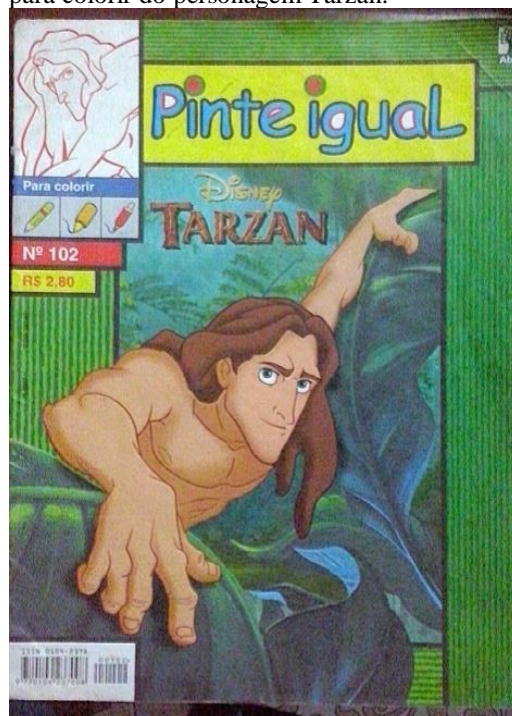
brinquedos doados pela sua patroa, da casa onde, segundo ela, trabalhava. O antigo dono dos livros devia gostar muito dos desenhos da *Disney*:

IMAGEM 37 - Capa do meu livro. Além do clássico “A espada era a lei”, protagonizada pelos personagens Arthur (à esquerda) e o magico Merlin (à direita), neste livro, também têm “os dois chapéus”, que conta a história de amor de dois chapéus na vitrine de uma loja.



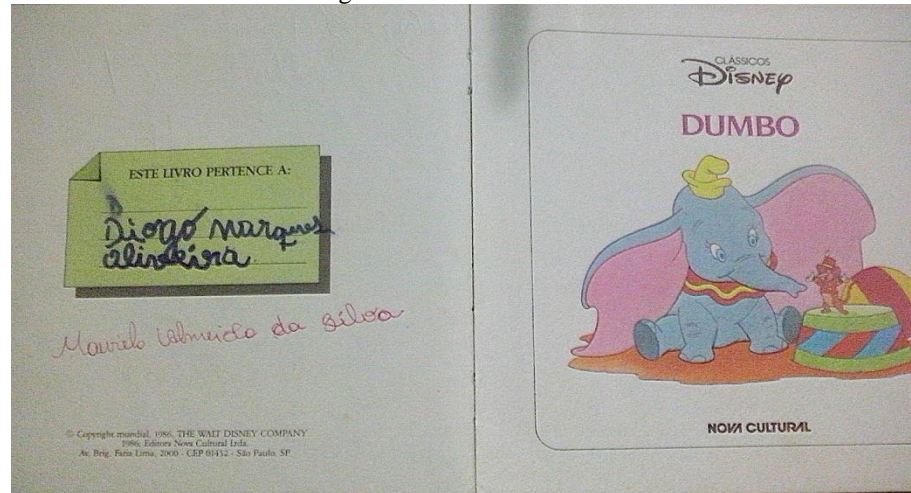
Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

IMAGEM 38 - Capa do meu livro com desenhos para colorir do personagem Tarzan.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

IMAGEM 39 – Contracapa do meu livro “Dumbo”, com o meu nome (à esquerda) escrito abaixo do nome do antigo dono.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

Apesar de estar escrito livro do *Tarsan* “para colorir”, não podia ver uma página em branco, que começava a desenhar nela mostrada na foto a seguir:

IMAGEM 40 - Desenho do Tarzan (à esquerda) pintado pelo antigo dono e, ao lado dele, a antiga pagina, em branco, desenhada por mim.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

O tempo foi passando e fui envolvendo-me com as artes, de modo geral. Gostava de desenhar, pintar, fazer recortes com revistas e jornais, fazer brinquedos com caixas de papel, inventar história em quadrinhos (após inventar o livro da “Branca de Neve e Os Sete Anões”) e fazer teatro.

Um dos momentos marcantes, para mim, foi o primeiro contato com brinquedos revestido de papel, que minha prima Alessandra construíra. Um dia fui passar o final de semana na casa da minha tia Maria, irmã de meu pai, e fiquei apaixonado ao ver um monte de

brinquedos artesanais que ela havia feito. Ao ir embora, levei uma sacola cheia deles. Lembro-me de uma máscara, um ratinho, um cartão ilustrado em forma de cachorrinho, um cata-vento e outros.

Além da escola, os desenhos animados que assistia pela televisão e as histórias em quadrinhos da “Turma da Mônica”, do “Chaves”, “Xuxa”, “Tio Patinha”, “Zé Carioca” e o “Pica-pau”, uma das minhas favoritas, foram as bases para a minha criação artística em desenhar os personagens. Com isso, a vontade através do desenho despertou em mim a criação dos meus personagens.

Tinha um caderno de rabisco que passava o tempo desenhando personagens de desenho animado. Com o tempo, fui aprimorando os traços estilísticos, e me interessando em desenhar personagem de novelas, artistas famosos e personagens reais enfatizando suas descrições físicas. Um deles era a Xuxa, tendo como ênfase a sua roupa e o seu cabelo. O Chaves, ressaltava o boné e as listras de suas roupas; e o Chapolin, as suas antenas e o coração com as letras "C" e "H".

Sempre que surgia algum artista famoso eu desenhava. Os personagens da novela "Rebelde" foram um exemplo de aprimoramento nos meus desenhos. Como era muito fã deles, todo mês comprava pôsteres de fotos deles, figurinhas, álbuns e revista. Revirando a página de umas das revistas deles, vi a divulgação do lançamento da história deles em quadrinhos japoneses (Manga). Fiquei fascinado com a semelhança física deles com os outros. A partir de então, tentei os reproduzir. Mas, como nunca havia desenhado personagens de quadrinhos japoneses, os adaptei ao meu estilo de desenho japonês.

A paixão foi tanta pela minha criação, que resolvi criar personagens autorais. Para isso, teria que criar uma história e definir esse personagem. Como inspiração, criava uma dramaturgia folhetinesca. Em virtude da minha paixão por telenovelas, os meus personagens de quadrinhos são bem diferentes dos personagens comuns de outros. Estabeleci uma estética realista com nuances de contos de fadas em ritmo de “dramalhão” mexicano.

A primeira história que criei, em formato de narração ilustrativa, foi “Inimigas mortais”, em 2007. No mesmo ano, mudei esse formato adotando para o gibi. Sentia a necessidade de transformar minha narrativa em drama, ação e imagem. Para este modo, precisaria ter algo como suporte na transposição da minha narração para o lúdico enquanto imagem. Algo que fosse cartesianamente sequenciado por enquadramentos das ações dos personagens em cena: o quadrinho. E o segredo, para se pôr minha narrativa em ação dramática, foi a imagem em quadrinhos sequenciados por diálogos entre os atuentes da cena

(os personagens do gibi). Imagem esta enquanto *script* da minha história em narração, Renato Cohen (2013) a denomina de *Story Boards*:

O story boards funciona como um texto de imagens, onde o script contendo as cenas é inteiramente desenhado antes de ser reproduzido. Dessa forma storyboard vai servir de suporte para o trabalho do encenador, da produção, para os artistas cênicos (figurinistas, cenógrafos etc.) os performers e outros artistas envolvidos na montagem (p.64-65).

Essa necessidade, então, foi alimentando e colocada em prática; outras artes despertadas em mim no meu processo de criação: arte de ser autor, diretor, dramaturgo, figurinista, ensaísta (no enquadramento dos personagens em seus devidos ângulos), esteticista, cenógrafo e criador artístico como mostra a “cena” dos personagens de “Viver e Aprender” (2008), do meu gibi a seguir:

IMAGEM 41 - Cena de “Viver & Aprender” (2008). Cena de “Guerreiro Ancestral” (2009); e cena “Ocultos & Paralelos” (2011).



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

Portanto, surgiu a ideia de reproduzir as minhas narrações em gibi. Essa foi minha maneira “gibi-dramatúrgica” de criar as minhas narrações. Um processo de criação que deu certo. Cheguei a criar aproximadamente dez obras autorais, durante quatro anos. Hoje, dez anos depois, ainda continuo inventando histórias, escrevendo as sinopses delas no computador, para que, no futuro, torne a criar novos quadrinhos através das quais estão armazenadas. Eu só voltei à narração, através da escrita, porque falta de tempo para adaptá-la aos gibis. No total, já devo ter criado, em média, vinte sinopses das histórias, que escrevi.

IMAGEM 42 - Capa da primeira revista em quadrinho desenhada por mim, em 2007, (à esquerda); e da primeira revista em quadrinho no mesmo ano.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

IMAGEM 43 – Todos os personagens das minhas histórias em quadrinhos.



Fonte: Acervo pessoal de Maurilo Almeida.

IMAGEM 44 - Momento em que minha amiga Selma Santos e eu, discentes da turma de teatro 2013, estamos participando do evento cultural no espaço *Zecas Coletivos de Teatro*, em 2016¹².



Foto: Página oficial do Grupo Zecas Coletivos de Teatro ¹³.

¹²No evento, tive a honra de ser convidado para expor os meus gibis artísticos.

¹³ Disponível em: https://www.facebook.com/zecascoletivodeteatro/?ref=br_rs

2.3 Na terceira Estação: no Curro Velho: fazendo teatro.

Onde eu aprendi a atuar!

Antes de dar início a essa outra trajetória, que se tornou efetiva nas minhas recordações e na minha vida, não poderia deixar de citar três pessoas importantes com as quais convivo até hoje: minha tia, Maria Raimunda, Irmã mais velha de meu Pai; Ana Carla, que, carinhosamente chamo de “Carlota”, filha mais nova de minha tia; e Alessandra Matos (Alê), filha mais velha de minha tia, irmã de Ana Carla, sendo ela quem me inspirou a fazer arte.

Passei a frequentar casa de titia nas férias de julho de 1999, quando estava na segunda série do primeiro grau. Em 2009, após concluir o ensino médio, passei a morar na casa dela para dar continuidade aos meus estudos entrando, em 2013, na Universidade.

Durante esse tempo, costumava passar os finais de semanas na casa dela. E um desses passeios, na semana do Carnaval 2003, passava uma reportagem no Jornal Liberal, da emissora Liberal, sobre o carnaval da Fundação Curro Velho¹⁴. Vendo a reportagem, tia Maria recordou contando a mim que suas filhas haviam participado de oficinas artísticas nesse espaço, e sugeriu que devia estar lá. Encantado com a ideia, pedi a ela que me levasse para conhecer o lugar. Chegando à fundação, ficamos do lado de fora do portão, pois naquele dia era domingo e minha tia havia me levado só para conhecer o lugar e o caminho aonde ir quando fosse apanhar o ônibus. Estávamos somente de passagem, quando uma chuva forte nos colocou para correr.

No dia 11 de agosto de 2003, início, então, a oficina de Iniciação Teatral, que escolhi durante a matrícula realizada dias antes. A sala onde realizei a atividade fica ao lado da “Nave” (o próprio prédio da Fundação Curro Velho), de frente para a Rua Djalma Dutra (no final dela), no bairro do Telégrafo. Nessa sala, a segunda, era para atividades de corpo; a primeira para as atividades de dança; e as demais salas, naquela época, para atividades de cerâmicas e, em uma delas, ficava o acervo (dos figurinos de carnaval, alegorias e outros).A

¹⁴ Prédio histórico com influência neoclássica, situado no bairro do telégrafo, as margens da baía do Guajará, foi construído no século XIX para abrigar o primeiro matadouro em Belém; e restaurado em 1991 para sediar um núcleo de formação e qualificação na educação informal. Mantém um ciclo de oficinas de iniciação a arte e ofício em diferentes linguagens como artes visuais, músicas, artes cênicas, e cursos de capacitação no núcleo de práticas de ofício e produção, possibilitando qualificar jovens e adultos para oportunidades de emprego e renda. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/oficinas-curro-velho>

oficina foi ministrada pelo professor Leonel Ferreira¹⁵ no horário vespertino das 16:00às18:00, totalizada em 40 horas –*até essas informações tenho-as guardadas na minha memória, porque eu sempre lia o folder de cor amarela com as letras pretas, que recebia para escolher as oficinas e, lá estavam as cargas horárias de cada uma.* E, logo após, cada aluno recebia o certificado de conclusão e carga horária alcançada. Por imprudência, os certificados, que recebi da fundação foram extraviados e não restou um para “contar história”.

➤ Estranhamento.

A primeira aula começou com um breve bate papo do professor com a turma. Cada aluno apresentava-se falando o seu nome, idade e “o que motivou a fazer teatro”. Chegando a minha vez, respondi que passei a me interessar por teatro, quando comecei a ver televisão e conclui dizendo que tinha muita vontade de ser ator de novela da Rede Globo de Televisão – *naquela época, a novela “Mulheres Apaixonadas” estava ao ar e tinha muita vontade de interpretar personagens dramáticos, igual aos que via nela, ou, então, imaginava que discurso ia dar ao participar do programa “Domingão do Faustão”, no quadro “Arquivo Confidencial”-*, pois acreditava que atuar em teledramaturgia era o mesmo que atuar em teatro.

Durante as primeiras aulas, o professor passava atividades como alongamentos, respiração, concentração, dilatação do corpo, caminhadas pelo espaço, tendo o olhar como foco principal na percepção pelo espaço e outras mais. Atividades estas que despertavam em mim certa curiosidade – *para que elas servem? Por quer? Essas respostas só as teria quando passasse vivenciar o teatro, fazendo e aprendendo de professor a professor e de ocasião para ocasião* -, mas nunca questionei o Leonel, pois estava ali “pro que der e vier”. Queria, mesmo, fazer teatro. O que não sabia era que essas atividades corporais são técnicas adotadas pelos professores da área, que herdaram de outras atividades teatrais através da sua experiência, enquanto aprendizado. Técnicas estas do professor já explicadas por Le Goff (1990), que advém dos memoráveis “saberes práticos, técnicos e profissionais” e, talvez, herdados do método do Sistema de Stanislavski.¹⁶

¹⁵ Graduado em Ciências Sociais, com ênfase em sociologia, pela Universidade da Amazônia (1998). É especialista em Educação, Cultura e Organização Social pela Universidade Federal do Pará (2005). É ator formado pela Escola de Teatro e Dança da UFPA (2002). [...] Técnico em instrução em teatros atuando em várias instituições públicas e privadas no estado, dentre elas a Fundação Curro Velho, Projeto Bicho D’água, dentre outras. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9291279261906878>

¹⁶ Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/stanislavski-constantin-a-preparac3a7c3a3o-do-ator.pdf>

➤ Alongando os braços e queixos paralelos aos pés...

Se alguém perguntasse a mim se pratiquei alguma atividade física na vida, responderia que sim, no Curro Velho. Pois, a impressão que tinha das aulas alongamentos era estar na aula de educação física das escolas; naquela época, era entediante. Por outro lado, as aulas de alongamentos aplicadas pela professora Joelma Sampaio, que ministrou a oficina de Iniciação Teatral do mês de outubro, na qual participei pela segunda vez.

A partir daí, comecei a me sentir concentrado e entregue ao jogo de se perceber no espaço enquanto caminhava, mantendo o “foco”, direcionando o olhar para frente sem deixar de lado o olhar periférico. Durante as atividades corporais, a professora Joelma tocava uma música em seu gravador e toca CD a música da cantora *Enya*. Talvez, naquele momento, a música tenha sido o “catalisador” da minha descontração. E, assim, fui perdendo o automatismo de caminhar pelo espaço me deixando levar pelo ritmo e pela sensação de estar ouvindo a música.

➤ Inspire e Expire...

Sentia muita vergonha de participar das atividades de respiração, a sensação que tinha era de estar em uma clínica médica, sendo examinado e falando “trinta e três”. Tinha muita dificuldade de entender o comando que era respirar o ar pelo nariz e solta-lo pela boca, suavemente. Ao invés de respirar o ar pelo diafragma, ofegava enchendo os pulmões de ar - *como um peixe n'água* – soltando-os pelo nariz.

Aos poucos fui aprendendo no tempo e no modo certo, graças à professora Iraci Vaz, que ministrou a turma do mês de agosto, em 2007, sendo a minha última oficina de iniciação teatral no Curro Velho. Através dela, pude compreender sobre a importância de respirar pelo nariz, destinando o ar ao abdômen e não ao pulmão, como pensava. Conclui que a maneira adequada de entrada e saída do oxigênio são através das respectivas vias nasais e orais – *“inspirando e expirando!”*, conforme os ensinamentos dela.

➤ Caminhando pelo espaço...

Minha prima Ana Carla dizia: “quem olha para o chão, enquanto anda, não vê o futuro”. Nas primeiras aulas ministradas pelo professor Leonel, era comum ele pedir que todos da turma caminhassem pelo espaço após o alongamento. Para mim, não havia problema algum até ele pedir que direcionasse o olhar para frente, pois não conseguia por causa da timidez a qual foi uma das minhas limitações.

Ficava muito nervoso, pois tinha o receio de esbarrar com alguém enquanto me distraía, olhando para frente. A sensação era de estar marchando em um desfile de “Sete de Setembro” da escola onde tinha essa obrigação. O modo como andava era o de um robô. Não conseguia me envolver “organicamente”. E o desconforto de se expor só aumentava quando o comando do jogo era olhar paralelamente com o colega. Quando fico nervoso tenho ataques de riso. E durante a atividade, escolhi o meu colega chamado Sid Clayton. Não consegui ficar sério e muito menos olhar nos olhos dele, que me olhava tranquilo e seriamente. Até hoje me sinto mal quando me lembro daquela situação, pois a impressão que passei aos outros parecia de deboche.

➤ Relaxando...

Das atividades que mais gostava de praticar era a de relaxamento do corpo – *talvez esse momento seja o que o professor está mais calmo e menos ranzinzo, no bom sentido. Claro!* – em que poderia me entregar totalmente a um estado de estar viajando na minha mente, sentindo paz, tranquilidade e alegria. O resultado disso era relatado por todos durante a roda de conversa que tínhamos no final da aula. Esse era o melhor momento.

Assim como o professor Leonel, Iraci e outros tinham suas maneiras de conduzir as atividades de relaxamentos. A professora Joelma também tinha a sua maneira, tocando um CD da cantora *Enya* durante a oficina. Esse momento foi tão importante para mim, que não podia deixar de falar das impressões que guardei daquele momento.

O relaxamento começava com a música “*Book of days*”¹⁷, no início do relaxamento, assim finalizando com outra música (cujo nome consegui descobrir) - *no final do curso, esta música, trilhou com a nossa apresentação final com o título “a morte”*.

Em uma das atividades da professora, ela pediu a todos que deitassem no chão de peito para cima e fechássemos os olhos. Pediu, então, que nos “desligasse” um pouco da rotina lá fora, por alguns instantes – *e a música começava a tocar* – imaginando estar em outro lugar. Lugar este, segundo ela, que fosse imaginado por nós onde não houvesse tristeza, guerra, diferenças e preconceito – *nossa! Naquele momento era tudo que eu mais precisava ouvir*.

O momento curioso foi quando ela propôs que imaginássemos esse lugar na condição de louco e que, naquele momento, não estávamos mais na fundação Curro Velho, e sim no manicômio. Todos começaram a representar um louco. Eu também. Tentava imaginar o que

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiBwr4U59EI>

se passava na cabeça de um louco, pois quando era criança enxergava o louco como alguém engraçado, ridículo e temido. Mas, foi naquele momento em que desmistifiquei a ideia deturpada sobre ser louco. Se formos loucos naquela ocasião, porque não “vomitar” toda a emoção que estava ansiada por mim durante toda a minha juventude. Abraçava os meus amigos, brincava de “pega-pega”, cantava, pulava brincávamos de ciranda e tantas e tantas coisas mais. Talvez a minha arte-criação tenha começado pelo meu modo de interpretação através das minhas memórias emotivas da infância.

Em contrapartida, houve a segunda proposta, que era nos deparar diante da realidade de estarmos presos no manicômio e que sentíamos medo, dor, tristeza e todas as sensações ruins de estarmos presos em um lugar sombrio. Nesse momento, pensei nos medos que tinha durante toda a minha infância, começando a colocar-me na condição de louco. Chorava, gritava, tentava imaginar enfrentando esses fantasmas da infância, sem precisar correr para o colo de alguém corajoso que pudesse me salvar daquela situação. Foi forte demais.

A energia de todos estava intensa. Uma experiência sensacional. Terminando a música, a professora ligava a luz da sala, todos estavam com os olhos vermelhos parecendo que tinham chorado de verdade. E a aula desse dia terminou com a turma emocionada, no sentido positivo da palavra.

2.4 Diante da *Megera Domada*, de William Shakespeare

Em 2007, participei da oficina da iniciação teatral, ministrada pela professora Iraci Vaz. Sendo esta a minha última oficina de teatro, na qual levei comigo o aprendizado de ter interpretado o personagem *Petruchio* da clássica obra de Shakespeare: *A Megera Domada*¹⁸. A montagem da obra começou na metade da oficina começando a partir da leitura da obra. Iraci escolheu dar ênfase na fala dos dois personagens: *Catarina e Petrucio*. Ela escolheu três duplas da turma para interpretar os personagens incluindo a mim. E cada dupla fez o papel do casal *Petruchio e Catarina*.

As duplas começaram a ensaiar as marcações de cena no palco e dar a fala do personagem. Em alguns momentos, sentia a dificuldade de dar as falas do texto, não por tê-las decoradas, talvez, ainda, não havia me identificado com a arte desta oratória: “[...]Vou cortejá-la com algum espírito. Se me insultar, dir-lhe-ei sem circunlóquio que como o

¹⁸ Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/megera.pdf>

rouxinol tem ela o canto; franzindo o rosto, lhe direi que é límpida como a rósea da manhã que o orvalho banha...”

E “blá-blá-blá...!” Não entendia nada do que o personagem estava falando: “circunlóquio...”, “rouxinol...” “límpida...”. Isto em português significava o que? A professora, percebendo isso, no ensaio, nos sugeriu que improvisássemos as falas do texto. Senti um alívio em ouvindo isso dela, até porque era o primeiro do espetáculo a dar a fala do personagem. E Chegando em casa, fui, então, correndo consultar o meu “mestre-cuca” de português: o Aurélio¹⁹ (dicionário) para trazer a fala em prosa do Petruchio, o meu contexto sem deixar de lado a “essência” consistente na intenção do personagem. Objetivo este visando em falar da mesma maneira como falo no cotidiano, o que Augusto Boal define de linguagem teatral:

A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial. Sobre o palco, atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, a toda hora em todo lugar. Os atores falam, andam, exprimem ideias e revelam paixões, exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia-a-dia. A única diferença entre nós e eles consiste em que os atores são conscientes de estar usando esta linguagem, tornando-se, com isso, mais aptos a utilizá-la. Os não-atores, ao contrário, ignoram estar fazendo teatro, falando teatro, isto é, usando a linguagem, assim como Monsiel Jordain, o personagem de “O Burguês Fidalgo, ignorava estar falando em prosa, quando falava (BOAL, 2007, p.09).

E, assim, tive a liberdade de modificar as palavras por sinônimos, trazendo para o meu contexto. A ideia deu certo. Graças à minha arte de improvisação, apresentei o personagem sem ficar nervoso com a fala já decorada. E através das indicações da professora, conheci pela primeira vez a arte da improvisação, que, só em 2014, entraria em contato com teóricos adeptos à técnica; com os quais me identifiquei como Violla Spolim²⁰, Augusto Boal²¹.

¹⁹ Ensaísta, filósofo e lexicógrafo, nasceu em passo de Camaragibe, AL, em 3 de maio de 1910, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de fevereiro de 1989. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/aurelio-buarque-de-holanda/biografia>

²⁰ Proporcionou os jogos teatrais, técnicas estas fundamentais na improvisação individual e coletiva do indivíduo atuante e não-atuante. O jogo teatral visa na criatividade e na auto-expressão. Spollin publicou em 1963 a “Improvisação Para O Teatro”, com cerca de 220 exercícios e jogos, entre outras publicações. Disponível em: <https://improvisandoblog.wordpress.com/2009/11/10/viola-spolin-a-inovacao/>

²¹ Nascido em 1931 no Bairro da Penha, Boal desenvolveu as experiências teatrais que lhe renderiam o reconhecimento internacional de público, crítica, pesquisadores e, sobretudo, do meio teatral como o Teatro do Oprimido. A partir 1964, a ditadura militar inicia a perseguição a indivíduos e grupos de artistas com preocupações sociais e políticas. No início da década de 70, Boal é preso, torturado e exilado, passando a residir na Argentina. A partir de então passou a viajar por países da América Latina onde começa a desenvolver técnicas do “Teatro do Oprimido”: Teatro-imagem, teatro-invisível e teatro-fórum. Em 1986, já retornando ao Brasil, cria o Centro do Teatro do Oprimido juntamente com artistas populares, para difundir o Teatro do Oprimido pelo Brasil. Augusto Boal faleceu no dia 02 de maio de 2009, no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://ctorio.org.br/sitio/index.php/quem-somos/augusto-boal>

Na véspera da apresentação, Iraci pediu ao elenco que se caracterizassem de palhaço. Na estreia, todos estavam caracterizados com roupas colorida e com o rosto pintado. Sendo assim, pude realizar minha “licença-poética”, de improviso, interpretando o personagem Petruchio, de acordo com minha leitura sobre ele. No final do processo, a professora me parabenizou pela minha atuação em cena e disse que não deixasse de fazer teatro.

Tempos depois, reencontro a Iraci em um evento acadêmico musical da UFPA. Lembramo-nos, com saudade, da nossa temporada no Curro Velho. E, durante a conversa, contei a ela da dificuldade que estava sentido de entrar na universidade, estudando muito para o vestibular e das barreiras ao pensar em uma cena para a minha prova prática de Licenciatura em Teatro prevista para novembro de 2012. Iraci, então, sugeriu-me que apresentasse na prova prática o personagem *Petuchio*. Fazendo-me lembrar da releitura que havia feito do personagem, Iraci, então, incentiva a voltar a fazer o personagem, convencendo-me a confiar no meu potencial. E foi o que fiz e, graças a ela, estou na ETDUFPA...

2.5 Na quarta Estação: ETDUFPA

Onde me graduei!

Antes de entrar na Universidade Federal do Pará, já tinha feito minha escolha, queria fazer teatro, mesmo sem saber o que iria aprender no curso de licenciatura, enquanto aluno, artista e professor. A escolha foi feita. Queria aprender muito mais sobre teatro em outra perspectiva, na condição de aprendiz da arte pela arte. Em virtude das minhas experiências de atuante – *embora eu não possua diploma de técnico em ator* -, e de ouvir conselhos de outros amigos artistas falando para mim que teatro não era só atuação, mas também, por trás desta arte, havia um universo amplo de teorias, práticas, técnicas, conceitos, linguagens, descobertas e muito mais. Ouvindo isso, foi, então, que o meu interesse em explorar esses outros “territórios” artísticos, enquanto conhecimento, surgiu.

➤ E quem disse que foi fácil?

Lembrar-me da Escola de Teatro e Dança (EDDUFPA) antes da graduação está um pouco difícil para mim, pois houve situações que foram apagadas do HD da minha *artemnemônica* (termo criado por mim para se referir à arte de recordar a minha vida pela arte) – *pois naquela época, eu fiquei muito triste. Sentindo-me um fracasso enquanto artista* - e, por mais que tente lembrar, não consigo lembrar com exatidão dos momentos.

Em 2010, piso pela primeira vez na Escola, para fazer a prova do curso Técnico em Ator. Jéssica Diana, minha amiga de infância, foi quem leu o edital e me falou da novidade. Juntos, realizamos a inscrição. Recebemos uma folha com quatro poesias das quais escolheríamos uma para fazer um monólogo – *Égua! O que é monólogo? Eu só sabia atuar* – como, prova prática; e escrever uma redação (de preferência, argumentativa) sobre teatro – *talvez na redação eu tenha dado “mancada”*. *Eu mal sabia escrever uma redação*. A poesia (a qual não consigo lembra com exatidão) que escolhi tinha o título “Doutor sanatório”.

No dia da prova prática, lembro (se eu não me engano) das professoras Inês Ribeiro²² e Olinda Charone²³ de estarem participando da audição, na sala 09. Fui apenas com a roupa do corpo e com o texto decorado, na expectativa de mostrar o meu melhor em atuação. No dia da redação, o professor Alberto Silva Neto²⁴ foi quem recepcionou os candidatos no auditório, onde realizamos a prova. Escrevi tanta “bobagem” sobre teatro que sinto até vergonha de me lembrar da minha escrita escassa de conteúdo e nenhuma referência, que me atribuiu uma visão crítica de teatro e não uma visão romântica de quem enxergar o teatro como um entretenimento.

A redação não foi escrita por alguém que entendia sobre teatro – *porque eu não tinha conhecimento teórico algum que pudesse embasar o meu argumento na minha escrita* -, mas, por um “louco” para fazer teatro. Minha amiga e eu, portando, fomos reprovados. A segunda tentativa, em 2011, também, foi frustrada – *a decepção foi tão grande, que eu “deletei” essa lembrança de vez da minha memória*.

E quem disse que iria desistir? Fui tentar fazer Licenciatura em Teatro, para conhecer o teatro. E, quem sabe, depois da formatura, eu faça o Técnico em Ator, pois quero muito fazer esse curso.

²²Atriz, diretora. Possui graduação pela Universidade do Estado do Pará (1995), especialização em Educação, Cultura e Organização Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestrado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009). Atualmente é professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7197341810130704>

²³Artista. Pesquisadora, atriz e diretora da cidade de Belém-Pa. Possui graduação em geografia pela Universidade Federal do Pará (1991), mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2004), doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (2008) e pós-doutoramento em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro/Minho/Portugal. Atualmente é professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA nos cursos técnicos em ator e licenciatura plena em teatro, e no mestrado em artes do PPGArtes (Programa de Pós graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6158077424278917>

²⁴Alberto Silva neto começou no teatro em 1987. É ator, diretor, encenador e professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA, ministrando disciplinas como Teatro Contemporâneo, Sistema do Pensamento Teatral e Dramaturgia do Ator no curso de licenciatura plena em teatro (graduação), além da disciplina Teoria do Teatro no Curso Técnico em Ator (nível médio). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1688547872932866>

Até hoje as pessoas perguntam a mim se “teatro dar dinheiro”, ou seja, “é viável fazer teatro se não tem mercado de trabalho?” “Vocês ganham salário mínimo fazendo teatro?” “E aí, tu vai trabalhar na Globo?” Antes, não sabia responder tantas indagações desse tipo. Mas, hoje, respondo na absoluta certeza que não sei. Se vou enriquecer financeiramente através do teatro, também, não sei. O meu propósito é outro, ao invés de lucrar através do teatro, quero me engrandecer enquanto aluno, professor, poeta, escritor, ator, dramaturgo e ser humano.

Se o meu objetivo em aprender teatro fosse lucrar alguns “trocados” (dinheiro), então, continuaria trabalhando em meu antigo emprego no Supermercado Nazaré²⁵ -*sem desmerecer o meu trabalho lá ,que me amadureceu enquanto pessoa-*, mudaria o curso de Licenciatura em Teatro para o Bacharelado em Administração Empresarial, de preferência, em recursos humanos, já que a empresa na qual eu trabalhei, em 2012, estava precisando de funcionários qualificados.

Naquela ocasião, poderia juntar o “útil” ao “agradável”. Quem sabe, não estaria fazendo estágio de auxiliar administrativo no Departamento Pessoal (DP), podendo até ser contratado, se fosse um funcionário produtivo e competente, passando de estagiário a funcionário efetivo. A minha situação financeira ficaria estável e tudo estaria resolvido na minha vida. Compraria as melhores roupas de marcas e frequentarias as melhores boates *gays*, de preferência, a casa de show *Veneza* (que hoje em dia não funciona mais) que fica no bairro cremação, pois lá iria me sentir o “tal”.

Deste modo, meu percurso artístico tomaria outra direção. Assim sendo, a minha trajetória artística teria que terminar aqui mesmo, neste parágrafo, dando início a outro itinerário que passaria a intitular-se de “O Itinerário De Um Pacato Cidadão no Capitalismo Selvagem”. Do mesmo modo, manteria a minha linha de raciocínio em diálogo com Jaques Le Goff (1990); por outro lado, dentro do contexto do capitalismo²⁶, que segundo Marx Weber (2004), eu seria mais um trabalhador inserido neste sistema:

De fato: essa ideia singular, hoje tão comum e corrente e na verdade tão pouco auto evidente, da *profissão como dever*, de uma obrigação que o indivíduo deve sentir, e sente, com respeito ao conteúdo de sua atividade ‘profissional’, seja ela qual for,

²⁵ Foi fundado na década de 70, no bairro de Nazaré (Avenida 14 de março), atualmente já são cinco grandes lojas por vários bairros de Belém como Batista Campos, Sacramento, Parque Verde e Marco. Disponível em: <http://www.gruponazare.com.br/>

²⁶ Sistema econômico pautado na ideologia do meio de produção com fins lucrativos. Tal prática consiste nas propriedades privadas (empresas) com o objetivo de competir com outros mercados. Termos estes que, também, me apropriado para evocar o filósofo Karl Marx (1818-1883), e os economista Max Weber (1864-1920), influentes na sociologia, e suas abordagens questionáveis sobre o capitalismo. Disponíveis em: “A Ética Protestante e O ‘Espírito’ do Capitalismo” (2004), de Max Weber; e “O capital” (1867), de Karl Marx.

pouco importa se isso aparece à percepção espontânea como pura valorização de uma força de trabalho ou então de propriedade e bens (de um ‘capital’) – é essa ideia que é característica da ‘ética social’ da cultura capitalista em certo sentido tem para ela uma significação constitutiva (p. 47)

Portanto, minha história de vida, enquanto trabalhador assalariado e satisfeito em total *mais-valia*²⁷ estaria pautada nas minhas memórias. Meu pai ficaria orgulhoso de mim, porque ele, sempre, quis que eu trabalhasse para ganhar bastante dinheiro. Minha mãe ficaria mais tranquila, pois iria arcar com as despesas da casa e ela, enfim, viveria a sua vida sossegada. Porém, quis fazer teatro.

➤ A vida *trabalhista* e estudantil de um “artista-assalariado”.

Trabalhei de embalador de compra em supermercado. Sendo o meu primeiro emprego e, através dele, mantinha as despesas dos meus estudos, pois minha mãe não tinha condições de me sustentar. Abri mão dessa oportunidade tentadora de ganhar dinheiro. E não me arrependo da escolha que fiz.

O Supermercado e Supercenter Nazaré, localizado no bairro da Cidade Velha, em Belém, funcionava do horário de 7:00 da manhã às 23:30 – *atualmente a empresa fecha as 22:30*—dividindo o expediente em oito horários por equipe de funcionário de vários setores como a frente de loja, magazine, *hort frut*, padaria, depósito e frios (onde mantém alimentos perecíveis como peixes, laticínios, carnes processadas e bebidas). Integrei na equipe de funcionários da frente de loja, formada por funcionários dos cargos de fiscais de loja; em seguida, operadores de caixa, que trabalhavam em conjunto com os embaladores de compras; e por último os funcionários de serviços gerais, que limpavam a loja, limpavam banheiros, recolhiam os carros de compras vazios e espalhados no meio da loja, recolhiam garrações de água mineral vazios, levando-os ao depósito de compra. Levavam as compras dos clientes até a garagem ou em domicílio – *até eu, que não exercia o último cargo citado, fazia esses serviços, porque era bastante comum acontecer desvios de funções nos horários de expediente, mesmo que carecesse ou não funcionários de serviços gerais.*

Para conquistar a tão sonhada vaga na UFPA, precisaria continuar mantendo o meu cursinho pré-vestibular, onde estudei no colégio Federal Vestibulares, no bairro de São Braz.

²⁷ E um conceito de Karl Marx relacionado à diferença entre o valor produzido pela mão-de-obra e o salário inferior pago ao trabalhador que não corresponde ao seu meio de produção. Sendo assim, parte desse valor produzido pelo trabalhador subtraído e destinado ao lucro da empresa. Sobre *mais-valia*, a abordagem está disponível em umas das obras do autor “A Teoria da Mais-Valia” (1905), quarto livro de “O Capital”, publicado em 1951.

Em julho de 2012, abri mão de minha mesada em documento na Defensoria Pública²⁸, da Vara Familiar, por razões pessoais. Então, fui procurar emprego. Após ser entrevistado no departamento pessoal do Supermercado Nazaré, dias depois, fui contratado.

Antes de começar a trabalhar, Carla perguntou-me se eu estava seguro da escolha que havia feito, em trabalhar em supermercado, e disse que sim. Embora não fizesse ideia do que fazer em primeiro emprego, estava disposto a aprender. Aprendi no meu primeiro dia de trabalho a técnica de amarrar a sacola, a embalar produtos comestíveis separadamente dos produtos de higiene pessoal e outros; a dividir o peso das sacolas, pensando no bem do cliente, que voltaria a pé para sua casa; e aprendi a levar a mercadoria do cliente no carrinho até a garagem – *mas, a primeira vez em que levei foi traumática. Eu amassei a lateral do carro do cliente, quando me desequilibrei ao parar o carrinho de compra.*

A pedido do gerente, para empresas, restaurantes, e buffer por encomenda, levava mais de 50 garrações de 20 litros de água mineral vazios ao depósito, para dar “baixo” na entrega e levar o comprovante a gerência e aprendi a atender o cliente na recepção. Aprendi a fazer de tudo, sem fazer “corpo mole”. Cumpria as tarefas, sem pensar em receber algo em troca. E tampouco, pretendia bajular alguém.

Naquele momento, estava sendo um “artista-funcionário”, com outros *saberes profissionais* que respeitava todos os funcionários para poder ser respeitado. Mesmo sendo um funcionário de um cargo inferior aos demais, não admitia humilhações, injustiças, desaforos e assédio moral. Houve momentos em que briguei muito com clientes mal-educados, funcionários arrogantes e até com o patrão, que me acusou sem provas de danificar uma mercadoria.

Por outro lado, me relacionei com quase todos na empresa. Tinha uma boa relação com os fiscais de loja. Conversava muito com os operadores de caixa e clientes. Meu entrosamento com os funcionários começou da frente da loja até o depósito. Dava-me muito bem com as pessoas sem fazer distinção. A relação entre todos era harmoniosa. Todos respeitavam o limite de ser profissional e ser brincalhão em horários de serviço. No horário de batermos o ponto para o intervalo, todos combinavam de ir almoçar juntos para “racharmos” o dinheiro da despesa.

Moacir, gerente da frente de loja, foi um dos poucos gerentes que tive uma boa relação, pois me lembro do meu primeiro dia de trabalho, 20 de setembro de 2012, no qual

²⁸ Fundada em 1983, a defensoria Pública do Estado do Pará tem o objetivo de proporcionar o amplo acesso à justiça aos cidadãos hipossuficientes do estado do Pará, para promover o serviço de assistência judiciária antes realizada pelo Ministério Público. Disponível em: <http://www2.defensoria.pa.def.br/portal/historia.aspx>

perguntei a ele se estaria demitido da loja caso começasse a estudar no horário em que coincidissem com o do serviço. Expliquei a ele sobre curso e dizendo que horário da aula é noturno. Ele, gentilmente, respondeu que em caso de estudo, a uma exceção do funcionário ser transferido para outro horário de serviço – *pena que os demais gerentes não tenham essa mesma “boa fé”, se fosse outro gerente, estava era no “olho da rua”*. Porém, o que pude perceber é que a maioria dos funcionários de empresas privadas não tem perspectiva de vida e quase não resta tempo das vinte e quatro horas para o trabalhador se dedicar aos estudos, a família e, muito menos a cuidar de sua saúde, pois ainda que trabalhássemos oito horas, no máximo, durante ao dia, somadas com as três horas de intervalo, no total calculava quase doze horas diárias incluindo as horas extras. Por mais que eu tentasse um acordo com os superiores da loja para conciliar o estudo do trabalho, eles não podiam alterar o meu horário, esse tipo de acordo estava fora do sistema de política interna da empresa, ou seja, eu estava regido por um sistema normativo empresarial em que só me restava escolher trabalhar ou pedir demissão, caso eu não acatasse, para Weber (2004):

Atualmente a ordem econômica capitalista é um imenso cosmo em que o indivíduo já nasce dentro e que para ele, ao menos enquanto indivíduo, se dá como um fato, uma crosta que ele não pode alterar e dentro da qual tem que viver. Esse cosmo impõe ao indivíduo, preso nas redes do mercado, as normas de ação econômica. O fabricante que insistir em transgredir essas normas é indefectivelmente eliminado, do mesmo modo que o operário que elas não possa ou não queira se adaptar é posto no olho da rua como desempregado (p. 47-48).

O lamentável dessa história é que Moacir foi transferido para outra loja, no dia 22 de fevereiro de 2014, e fui demitido no dia 8 de abril do mesmo ano pela nova gerência. Talvez a empresa não houvesse compreendido que eu estava estudando, mesmo sendo competente com a minha força de trabalho ou eu acreditei que três horas abonadas mediante declaração (documento emitido pela Universidade federal do Pará que justifica a falta do funcionário em horário de serviço para realização de estudo) não iria acarretar em “faltas justificadas”.

➤ Fui o Calouro 2013.

No dia 05 de janeiro de 2013, fui ao gabinete da UFPA acompanhar o resultado do “listão” dos aprovados. Chegando lá, encontrei Wellington Magalhães²⁹, diretor e professor

²⁹ Nascido e criado no bairro do Guamá, Wellington Magalhães cursou todos os níveis educacionais em escolas públicas, conquistou uma vaga na Universidade Federal do Pará, graduado em licenciatura e bacharelado em história com especialização em ensino em história e geografia, dedicou-se há mais de 15 anos em cursos populares, com o objetivo de possibilitar o acesso de milhares de estudantes ao Ensino Superior. Em 2011,

do colégio Federal Vestibular, onde estudei, me preparando para entrar na universidade. E através dele recebi a boa notícia da aprovação na Licenciatura em Teatro, na vigésima segunda colocação.

IMAGEM 45 - Imagem do momento da minha aprovação, em 2013.



Fonte: Luane Barral.

Em 15 de abril do mesmo ano foi o dia da minha matrícula na secretaria da ETDUFPA. Dia da semana acadêmica, em que a turma de 2013 foi recepcionada pelas demais turmas (das quais não lembro o ano), participando da cerimônia de abertura do nosso primeiro ano acadêmico ocorrido dentro do auditório da escola. Fui pego de surpresa! Estava de serviço e saí para fazer a matrícula na secretaria, durante o intervalo do trabalho. Liguei, no mesmo instante, para o gerente avisando que não voltaria, porque as aulas já haviam começado no mesmo dia. E, assim, fui transferido para o 1º horário no trabalho, levei um documento comprobatório para não levar falta do dia anterior e passei a trabalhar de manhã e estudar à noite, a partir do dia 16 de abril de 2013.

➤ Andando nas “nuvens”.

Talvez não percebido, naquela ocasião, o quão foi importante o momento da semana acadêmica, por estar entrando em uma escola sentindo-me pouco “aéreo” de tudo, esta foi a

sensação que senti. Conheci pessoas novas e, também, já conhecia pessoas de outros “carnavais” (no Curro Velho, por exemplo). Assisti pela primeira vez a contação de história da aluna Marluce Araújo (minha colega de turma), que se apresentou na sala 05 da escola, no terceiro dia da semana acadêmica. Fiquei encantado com a riqueza de suas palavras e na magia da sua cena. Novidade para mim foi a oficina de Tecido Aéreo, ministrada pelo ator e dançarino Clediciano (Cled) Cardoso, que estava em período de formação em Licenciatura em Teatro. Nunca havia assistido uma apresentação e, muito menos, tinha chegado perto de um tecido aéreo. Haviam dois tecidos amarrados e uma barra de ferro na sala – *eu não lembro da cor do tecido porque eu estava mais “aéreo” que o Cled em sua apresentação*. Em baixo de cada tecido haviam tatames para amortecer a queda (caso alguém se desequilibrasse). As cores fortes dos tecidos me chamavam bastante a atenção. E o meu encantamento foi acionado a partir de cada movimento que ator fazia ao subir. Ele se enrolava o tecido na perna, no braço e no corpo e, logo após, se desenrolava finalizando com movimentos espetaculares.

Em seguida, a turma que estava participando, foi convidada por ele a tentar subir no tecido. Chegando a minha vez, não consegui chegar nem na metade do tecido de tanto medo de altura que tinha. A lembrança que guardo da minha semana acadêmica, talvez, possa parecer pouca não por falta de participação em alguns eventos, ou outros motivos envolvendo o cansaço do trabalho. Esse foi um dos problemas que passei durante a minha trajetória acadêmica.

IMAGEM 46 - Momento da Semana do Calouro (2013).



Fonte: Fanpage CALT³⁰ (Face book).

³⁰ Centro Acadêmico da Licenciatura em Teatro da UFPA.

Saía do trabalho à escola de ônibus chegando, algumas vezes, atrasado por causa do horário de grande fluxo de veículos no final do dia, em Belém. Alguns professores do primeiro semestre como Alberto Neto e Miguel Santa Brígida³¹, das respectivas disciplinas “Trajetórias do Ser” (alterada para “Trajetória de Si”) e Técnicas Corporais cobravam que fossemos pontuais nas suas aulas, por serem disciplinas práticas nas quais o trabalho de concentração seria interrompido a cada aluno que chegasse atrasado. E me esforçava a ser pontual.

Além dos atrasos, houve aulas, no segundo e terceiro semestres, que tinha que pedir ao professor para me liberar mais cedo, porque precisava trabalhar. As disciplinas como “Pensar Histórico do Teatro” e “Maquiagem” ministradas no terceiro semestre, aos sábados, foram as que não tive um aproveitamento satisfatório, sendo que meu aproveitamento na primeira disciplina, por ser teórica, foi regular; e na Maquiagem, por ser prática, não aprendi ao máximo suas técnicas. Se pudesse voltar atrás, queria dedicar-me a aprender novamente essas duas disciplinas que, sem escolha, não pude estar em total presença.

IMAGEM 47 - Momento do resultado final do processo de envelhecimento na disciplina de Maquiagem (2014).



Fonte: Fanpage (Facebook) de Maurilo Almeida e Renata Santos.

➤ Uma perguntinha boba!

Certas perguntas, feitas por mim a qualquer professor, causavam um certo incômodo na turma. Quando levantava a mão segurando a minha caneta personalizada de mini raquete

³¹ Possui graduação em Comunicação Social – jornalismo – pela Universidade Federal do Pará (1985). Formação profissional como ator pela CAL/RJ (Casa das Artes de Laranjeira) 1987. É mestre (2003) e doutor (2006) em Artes Cênicas pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal da Bahia. É coordenador do PPGArtes – ICA/UFPA. É professor titular da UFPA atuando nos cursos técnicos, graduação e pós graduação nas áreas do teatro e dança. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6889411521648199>

de cor amarela, era certo de que ia fazer uma perguntinha boba. Mas, era preciso, pois estava ali para aprender, mas lendo uma porção de textos conceituais causavam um certo “curto-circuito” na minha cabeça. Como tantas informações em minha mente, o *gigabites* do meu “cartão-de-memória” craniano estava ficando cheio de tantas teorias acadêmica se com tantas discussões orais. Le Goff (1990, p. 451) argumenta que essas dúvidas recorrentes são consequências de uma multiplicidade dos glossários, dos léxicos, das listas de cidades, dos rios, montanhas, de oceanos, consequência da transposição da prática da oralidade à escrita. O que não ocorre, por outro lado, no sistema acadêmico, pois no “sistema escolástico das universidades, depois do final do século XII, o recurso à memória continua frequentemente a fundar-se mais na oralidade que na escrita” (LE GOFF, 1990, p.451 e 452).

Nem sempre atendia à demanda dos professores de ler os textos, e nas aulas expositivas ficava disperso. Quando os lia, sentia sono, ou, então, durante a leitura surgiam as dúvidas que me faziam procurar no *Wikipédia*— *porque esse caso já não era mais do Aurélio, mas sim do Patrice Pavi*³²— significado da palavra “*Brecht*”, “*Odin Teatret*”, “extracotidiano”, “Stanislavski”, “*teatro do absurdo*”, “tablado”, “teatro elizabetano”, “sonorização”, “sonoplastia” “dramaturgia”, “drama”, “dramatização”, “ação”, “conflito”, “espetacularidade” ou “teatralidade”, “*Artaud*”, “organicidade”, “objetivos gerais e específicos”, “*performance*”, “didática”, “metodologia”, “pedagogia”, “artigo científico”, *ABNT* e *TCC*. Eu perdia tanto tempo que nem chegava a ler todo o texto e meu raciocínio começava a ficar em “disfunção”.

O que parecia uma pergunta boba para os demais da minha turma, para mim era uma dúvida que precisava ser esclarecida no momento oportuno da aula. Não estava ali para mostrar que sabia mais que outros por ler uma quantidade de livros sobre teatro, queria aprender. Tenho um problema em confundir o ato de ler “para aprender” com o de ler “por obrigação”. Quando lia o texto, em cima da hora, ficava em pânico.

➤ Trajetórias do ser: o ponto cardinal das minhas memórias afetivas.

Nas disciplinas práticas, ao contrário das teóricas, o meu envolvimento era maior nas atividades de aquecimentos, como os jogos e as dinâmicas. Foi a disciplina Trajetórias do Ser (atualmente denominada de: Trajetórias de Si), ministrada pelo professor Alberto Silva, no primeiro semestre, que tive a oportunidade de colocar em cena um pedaço da minha história de vida, que estava guardada em minha memória. E, assim, tanto minha cena como a dos

³² Dicionário de teatro, Patrice Pavis, disponível em PDF: <https://stinliva.firebaseio.com/7/Dicionario-de-Teatro.pdf>

meus colegas da turma constituíram um espetáculo visual híbrido de encenação, dança, música, multimídia, resultante do processo de criação da turma, tendo como o indutor a memória.

O processo foi bastante minucioso e delicado, pois percebia a preocupação do professor no momento em que estimulava as memórias afetivas de todos os presentes na sala. O objetivo era que cada um colocasse em cena um fato memorável da sua história através das ações do corpo sem falar e nem representar, permitindo-se mergulhar na essência (sensação) da lembrança. Para mim, foi desafiador, pois escolhi colocar em cena um fato em que estava passando por problemas pessoais. Concentrei-me somente na ação, bloqueando a essência. O desafio aumentou na etapa seguinte do processo, quando o professor pediu a todos que mostrasse a sua cena sem fazer nenhuma ação se permitindo levar pela a essência.

Nossa! Senti um desconforto. Não tenho palavras para descrever a sensação que senti, por mais que não quisesse lembrar. Entretanto, foi interessante, porque tornou-se a primeira vez que vivenciei algo tão emocionante. Houve momentos, também, em que viajei na minha infância, quando Alberto pediu que cantássemos uma música da infância – *se dependesse de mim, cantaria todas as músicas do meu repertório musical* -como se estivéssemos revivendo aquela situação. A disciplina de Trajetórias do Ser me ajudou a valorizar ainda mais minhas lembranças. Após este processo, compreendi, portanto, o meu fazer artístico.

➤ A cada aprendizado, uma nova arte-criação...

Na disciplina de “Produção Textual para a Cena”, ministrada pelo professor Edson Fernando³³, no primeiro semestre, tive a oportunidade de fazer minha primeira adaptação, em parceria com a minha colega de turma Vanessa Franco, do conto “O vingador”, do livro “Quebradas do Mundaréu”, de Plínio Marcos³⁴. Edson propôs a turma que escrevesse uma dramatização com rubrica do conto, na condição em que os personagens dialogassem entre si, tendo a licença poética de alterar certos detalhes da história como o nome dos personagens, tempo e espaço, desde que não fugisse da essência do conto. Em virtude do meu horário de

³³ Bacharel e licenciado pleno em filosofia pela Universidade Federal do Pará (2001); especialista em Semiótica e Artes Visuais pelo Instituto de Ciências da Arte – ICA-UFPa (2005); mestre em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte ICA-UFPa (2009/2010). Professor do magistério superior da UFPa-ETDUFPA. Atuante na cena teatral paraense, desde 1996, como ator e diretor. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4980320934440273>

³⁴ Nasceu em Santos, em 29 de Setembro de 1935 e faleceu em São Paulo, em 19 de Novembro de 1999. Autor de várias peças como “Barrela” (1976), “Navalha na Carne” (1968), “Abajur Lilás” (1975), que sofreram a intervenção da Censura Federal, e outras obras publicadas e não publicadas. Disponível em: <http://www.pliniomarcos.com/index2.htm>

trabalho, Vanessa e eu tínhamos pouco tempo para construir o texto em conjunto. Então, propomos de que criaria a fala dos personagens rascunhadas em uma folha de caderno e, em seguida, Vanessa, que também colaborou com a escrita, transcreveria ao computador. Por fim, sentamos para ensaiar as falas do personagem “focando” na interpretação, pois o resultado desse processo de criação foi a leitura dramatizada pelas equipes da minha turma em avaliação final.

Vanessa e eu sempre trabalhávamos em equipe em atividades disciplinares. Em uma dessas, foi a da disciplina “Teatro de Animação”, ministrada pelo professor Aníbal Pacha³⁵, no quinto semestre, no processo de criação e animação de bonecos. O processo de criação, a priori, seria a nossa intervenção na escola, apresentando um espetáculo de curta duração de teatro de animação.

O pequeno espetáculo escolhido por nós foi “*Romeu e Julieta*”, de William Shakespeare, numa versão ousada e satírica. As confecções dos bonecos foram criadas a partir de materiais recicláveis, uma garrafa pet de iogurte pequena foi resignificada, dando vida ao personagem *Romeu*. Já o personagem *Teobaldo*, por outro lado, foi construído com uma bola isopor, representando a cabeça com o palito revestido de E.V.A representando o corpo, e a boneca *Barbie* de cabelos castanhos e pele escura – que foi emprestada a mim pela amiga Jéssica - representaria, então, *Julieta*. O vestido da Julieta foi produzido por Rejane, mãe da Vanessa com retalhos de tecido vermelhos e rendas brancas. O figurino do Romeu foi um chapéu preto de tecido elástico de tricô, camisa marrom de material aveludado e colete bordado com lantejoulas douradas. Do Teobaldo, um chapéu de E.V. A, camisa aveludada marrom e, colete preto de E.V.A.

³⁵ Anibal Pacha, natural de Belém, nascido em 12 de julho de 1957, sua trajetória se configura nos seguintes temas: Teatro de Animação (direção, ator-manipulador e bonequeiro); teatro (direção, cenografia, figurinos e adereços); vídeo e cinema (direção, direção de imagens, direção de artes e figurino); televisão (programa infantil “Catalendas”, da tevê Cultura do Pará, com In Bust Teatro com Bonecos, na Função de direção de arte, bonequeiro, cenógrafo e interprete). É docente da Universidade Federal do Pará (2011), locado no instituto de ciências da arte – Escola de Teatro e Dança da UFPA. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8835640143672715>

IMAGEM 48 - Vanessa e eu fazendo experimentações de cena com os bonecos (foto esquerda). A boneca com a qual eu estava manipulando, foi a primeira a ser experimentada, contudo ela não participou do processo final sendo substituída pela Barbie; Teobaldo, Julieta e Romeu foram personagens representados pelos bonecos.



Fonte: Acervo de Maurilo Almeida.

Tenho comigo a mania de pôr a minha arte de reinventar outras artes. Assim como “Romeu e Julieta”, “*A tempestade*”, também, de William Shakespeare, foi outra experiência que vivi na disciplina “Exercício da Cena III - Encenação”, ministrada pelos professores Karine Jansen³⁶ e Denis Bezerra³⁷, no sétimo semestre (2016). Porém, dessa vez, na condição de encenador. A proposta feita pelos docentes tinha duas etapas: visualizar a apresentação individual a ser apresentada no teatro Cláudio Barradas, na perspectiva de uma caixa de sapato; e, por fim, executar um espetáculo como resultado elaborado pelos professores.

A minha ideia foi apresentar o espetáculo no Cláudio Barradas em um palco experimental, iluminação, projetor de imagem e sonoplastia. No centro da caixa, o palco ocuparia o comprimento do teatro representando a ilha e, no fundo, a cela do personagem *Próspero*. A plateia ficaria em disposição de passarela com os lugares posicionados nas duas laterais do teatro. A iluminação delimitaria o espaço representando a ilha. O projetor exibiria um vídeo de um naufrágio remetendo a tempestade da cena. E a sonoplastia em multimídia representaria os sons da natureza e sons incidentais de cada cena.

³⁶ Possui graduação em especialização pela Universidade de São Paulo (1992), graduação em direito pela Universidade Federal do Pará (1989), mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2004) e Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2008). Atualmente é básico, técnico e tecnológico da Universidade Federal do Pará e carreira magistério superior da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Artes Cênicas, atuando principalmente nos seguintes temas: performance; artes cênicas, teatro, ensino das artes e memória. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5875820201443540>

³⁷ Artista, ator, diretor teatral, performance, professor de teatro. Doutor em história, pelo programa de Pós – Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (2016). Mestre em letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Para (2010). Graduado em letras – licenciatura plena em língua portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2007). Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA, atua na Licenciatura em Teatro e no Curso Técnico de Ator. Tem experiência nas áreas de Teatro e História, atuando principalmente nos seguintes temas: Teatro, Amazônia, Cultura, Literatura, Educação, Memória, História. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9404514273838260>

Porém, o projeto foi apresentado parcialmente, por falta de recurso. Na segunda etapa, já executando o projeto, adaptei a obra apenas na história de amor dos personagens “*Miranda*” e “*Ferdinando*”. Convidei dois alunos da escola: Anderson, que cursava o segundo ano do Curso Técnico em Ator; e Márcio Mardox, que cursava o segundo ano do Curso Técnico em Cenografia. Ensaíamos as falas do texto, as marcações e apresentamos na sala 05 da escola, no dia 15 de setembro de 2016.

IMAGEM 49 – Momento do ensaio. Acima, Anderson Monteiro (à esquerda) interpreta a personagem Miranda e Mardox interpreta Ferdinando.



Fonte: acervo Maurilo Almeida.

Em “Exercício da Cena IV - Visualidades”, ministrada pela professora Adriana Cruz³⁸, e com a colaboração Anibal Pacha; não imaginaria o quão grandioso seria o resultado de mais um processo de criação desta disciplina.

³⁸ Graduada em letras – Língua Portuguesa e Mestre em Artes, ambas pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e doutoranda em artes, pela Universidade Federal de Minas Gerais – durante a graduação, foi bolsista

Quando cursava esta disciplina, o meu TCC estava em fase inicial. Já tinha em mente o que queria falar, porém faltava um “elemento chave” para visualizar a minha poética, a “imagem força”. Portanto, a imagem, para mim, passou a ser algo crucial. Algo que desenharia o percurso da minha pesquisa.

Falar da minha trajetória de vida, neste trabalho, foi bastante extenso e abrangente, no sentido de detalhar cada momento, situação, espaço, tempo, com quem, com o que, como era, que sabor tinha, qual era a cor...

Então tinha que direcionar meu olhar criativo em um caminho - pois havia vários ao redor - ao qual direcionaria as circunstâncias que me levaram a gostar de fazer arte até chegar à Escola de Teatro e Dança. Antes de falar do meu processo de criação, devo fazer uma breve recordação de algumas aulas de professora Adriana, nas quais foram importantes para que refletisse sobre a escolha da imagem força do meu trabalho.

O que é um objeto? Este foi o questionamento levantado pela professora à turma, logo na primeira aula. Alguns respondiam de várias formas, dizendo que “é uma matéria que possui partículas moleculares”; “é todas as coisas visíveis”; “tudo aquilo que não foi construído pelo homem”. A minha resposta, embora parecida com a de todos, foi que “um objeto era toda matéria que possuía cor, textura, cheiro, etc.”. Adriana concordou com a nossa opinião, entretanto, não disse que estávamos certos ou errados, pois, dentro da arte, todas as opiniões são aceitas quando lançamos o nosso olhar além daquilo (o objeto) que percebemos. Lançado o nosso olhar, passamos a fazer leituras teóricas para que aprofundássemos ainda mais a nossa perspectiva sobre o nosso objeto de pesquisa.

Apresentamos, então, a imagem força da nossa pesquisa, como o projeto do nosso processo de criação. Mas, afinal, o que a imagem tem a ver com a nossa pesquisa? A imagem, segundo a professora, é objeto visual que vai definir a poética da nossa criação artística. Conclui-se, então, a meu ver, que o “risco” seria o início do desenho até o acabamento final que seriam as últimas pinceladas dando contraste à imagem poética.

O ônibus era a imagem que escolhi para definir a poética do meu trabalho. Desde que nasci sempre andei de ônibus.

A imagem do ônibus que estava a bordo tinha na minha memória, porém, consegui encontrar uma foto de um ônibus antigo de Belém na *internet*, referente ao que recordava. O

de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ, com o trabalho: Batismo de Sangue, Ponto de Partida e Que Bom Te Ver Viva – Performance e Espetacularização da Violência nas Narrativas da memória traumática, e diretora artística no projeto de extensão mitológicas, da faculdade de filosofia. Atua na Escola de Teatro e Dança da UFPA como docente efetiva, coordenadora de extensão Poéticas Públicas do GTRUA: Encostos Solados – Intervenção, Animação, Autonomia e Coordenação Adjunta do PRONATEC. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3379311795685098>

motivo de essa foto me fazer lembrar esse “objeto”, que minha mãe e eu havíamos apanhado há mais de vinte anos, foi o detalhe da pintura exposta na parte lateral da carroceria. Portanto a imagem daquele meio de transporte deixou ser apenas lembrado por mim, mas também comprovei a hipótese de que eu não estava equivocado.

IMAGEM 50 - Imagem do processo de produção dos objetos de cena: o ponto de ônibus; o desenho do ícone que fica sobreposto na para; e os ônibus em processo já prontos.



Fonte: Maurilo Almeida.

No dia da apresentação do meu projeto, em sala, defendendo que o ônibus, apesar de ser um veículo de condução em movimento, me remete à vida em movimento; e através da qual construímos a nossa trajetória como passageiros de uma viagem que só termina quando morremos. E, nesse trajeto (de vários ciclos), sempre conhecemos outros passageiros (familiares e amigos) em cada parada (em casa, na escola, na universidade, no trabalho e outros lugares), para apanhar outro ônibus (vivenciando um novo ciclo).

3. TERCEIRO ATO PERFORMATIVO: O PROCESSO CRIATIVO

*Estou de volta pro meu aconchego
Trazendo na mala bastante saudade
Querendo um sorriso sincero
Um abraço para aliviar meu cansaço
E toda essa minha vontade
Que bom poder estar contigo de novo
[...] Me alegre na hora de regressar,
Parece que vou mergulhar na felicidade sem fim.
(Dominguinhos – De volta pro meu aconchego).*

Agora que você já conhece minha trajetória artística (relatada acima) e, como o próprio Dominguinhos diz em sua música - “estou de volta pro meu aconchego” -, tenho que voltar. Não posso terminar esta viagem por aqui. Então, vou voltar para o meu aconchego, onde originou minha trajetória para reviver as minhas lembranças em cada espaço (a casa, a escola, a Fundação Curro Velho e a Escola de Teatro e Dança da UFPA).

O objetivo do meu regresso estava pautado no meu fazer artístico. Como? Fazer uma performance e naqueles espaços que remetesse a uma ação realizada no passado sem teatralizar, mas sim vivenciá-la no momento presente e descrever as sensações que cada performance me causou.

Portanto, este itinerário não se concluiu por completo, pois o não consegui ter acesso a minha antiga casa, localizada no bairro da Cidade Nova, onde. Mesmo assim, o regresso foi adiante, visto que eu consegui ter acesso a minha primeira escola (já citada), ao Curro Velho e a ETDUFPA. O retorno começa a seguir:

3.1 Voltando aos meus aconchegos

3.1.1. ETDUFPA.

A Escola de Teatro e Dança da UFPA foi um dos espaços onde realizei a minha performance, parte do meu processo de criação par esta pesquisa, na qual escolhi reviver um dos momentos que marcou minha trajetória artística: o bastidor da cena no qual me causa a nostalgia só de rememorar as minhas experiências passadas no teatro; do camarim ao palco; da preparação do personagem à cena. A razão desta escolha começou quando eu ainda estava fazendo estágio na escola.

Antes da minha participação no espetáculo “Nadim Nadinha, Contra o Rei de Fuleiró”, onde participei do coro, estagiei no curso Técnico em Ator, coordenado pelos

professores Paulo Santana³⁹ e Marluce Oliveira⁴⁰, que dirigiram e montaram a obra, em 2017. Durante o estágio, logo nos primeiros dias, acompanhei a preparação dos alunos nos ensaios. Nos ensaios, os alunos interpretavam seus personagens e, sob a orientação dos professores, experimentavam as marcações de cena no espaço. Na semana seguinte, já com as cenas do primeiro ato definidas, iniciava a preparação vocal do elenco, que cantaria no coro. A preparação do coro contou, também, com a direção do professor de música da UFPa, José Maria⁴¹, que participou do resultado final do processo.

Ao observar a preparação do elenco, passava em minha cabeça um *flash back* dos momentos em que atuava. Compartilhei essa lembrança, contando à minha colega Siane Moraes, aluna do curso, que percebeu a minha vontade de participar do espetáculo e incentivou-me a conversar com um dos professores. Então, cheguei e conversei primeiro com a professora Marluce, perguntando a ela se havia a possibilidade de me colocar para cantar no coro. E ela respondeu que sim e, em seguida, avisaria ao professor Paulo sobre a minha participação.

Agora, além de estagiar no curso, estava participando do espetáculo. Foram poucos dias que tive de ensaio, pois estava próximo do dia da apresentação. E durante minha participação, escolhi gravar a minha performance no bastidor do espetáculo. A filmagem começou dentro do banheiro, onde limpava meu rosto, e terminou no camarim, onde terminei de me caracterizar, me maquiando e vestindo o figurino. A realização deste trabalho contou com a colaboração de Manoela, da equipe de cenografia.

Foi um trabalho árduo e engrandecedor para mim. Nesses cinco dias de apresentação, com duas seções por dia, vivia diferentes emoções a cada cena ao interagir com o público e com o elenco. Emoções estas que não consigo descrevê-las com exatidão. Sentia as minhas mãos tremer, quando cantava e dançava com o restante do coro. A sensação era de alegria e liberdade, ao mesmo tempo, quando cantava a música do espetáculo “*Nunca foi rei, nem foi*

³⁹ Mestre em artes e professor da Escola de Teatro e Dança da UFPa nos cursos técnicos e graduação em teatro e dança. Exerceu o cargo de diretor do Teatro Universitários Claudio Barradas, tendo atuado e dirigido mais de 90 espetáculos nas Áreas de teatro, música e dança. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br>

⁴⁰ Mestre em artes pelo programa de pós graduação da Universidade Federal do Pará – PPGartes – 2013, na linha de pesquisa Trânsitos e Estratégias Epistemológicas em Artes nas Amazônias. Possui graduação em educação artística, licenciatura. Hab. Música pela Universidade Federal do Pará (2005). Atriz formada pela Escola de Teatro e Dança da UFPa (1997). Tem experiência nas áreas de música, sonoplastia e artes cênica, com ênfase em teatro e canto. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br>

⁴¹ José Maria Bezerra possui graduação em educação artística – hab. Música pela Universidade Federal do Pará (1997). Mestrado em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes – PPGartes da UFPa. Atualmente é professor de música na Escola de Música da Universidade Federal do Pará, atuando nos seguintes temas: violão, prática de conjunto, composição, atua também como compositor de música brasileira de trilha sonora. Roteiro e música para teatro. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br>

rainha...”, no momento “ápice” da cena, junto com a vontade de compartilhar essa emoção com o público.

Além dessas emoções, também, está em minha memória a imagem do cenário das “casinhas” de madeiras “felpudas” e coloridas, onde ficava, abaixado, dentro de uma delas, aguardando a minha cena na qual apareceria pela janela, cantando “*Nadim Nadinha nasceu*”, anunciando o nascimento do personagem. Do odor insuportável dos nossos figurinos suados, resultado da nossa energia em “combustão” ao entrarmos em ação. E, por fim, guardarei a emoção de participar do único espetáculo da ETDUFPA, em que cursava o último ano letivo da graduação, no último semestre, em meu último estágio, falando dessa vivência no meu trabalho de conclusão de curso.

IMAGEM 51 - Momentos do ensaio do espetáculo Nadim Nadinha.



Fonte: Maurilo Almeida.

IMAGEM 52 - Momentos do meu processo criativo performático, revivendo a minha preparação para entrar em cenano espetáculo *Nadim Nadinha* (2017).



Fonte: Manoela.

IMAGEM 53 - Momentos da temporada do espetáculo *Nadim Nadinha*. Imagens dos atores e da equipe técnica.



Fonte: Renato (2017).

3.1.2. Curro Velho

Na fundação Curro Velho, o trabalho foi simples e, no entanto, repleto de recordações. E para reviver um momento da minha passagem ao Curro Velho, escolhi relembrar as aulas de alongamentos, ouvindo a música *Book of Day* da cantora *Enya*. Mas a sensação de *flash back* começou da rua ao portão.

Chegando lá, percebi a mudança, ao passar pelo portão, visto que, antes, a entrada era pelo portão do meio e não pelo lateral. A secretaria que tinha um espaço amplo, está menor com uma parede dividindo-a ao meio. A sala, onde realizei a oficina de teatro, também havia mudado, pois o telhado já não aparecia mais, porque estava forrado. O tamanho da sala parecia estar pequeno. Entretanto, comecei a lembrar de tudo durante a realização da minha performance.

A gravação do vídeo, desta vez, foi feita por mim mesmo. Levei em minha mochila dois aparelhos de celular: um para tocar o áudio e o outro para gravar o vídeo. Posicionei-os na arquibancada. E deixei o celular, que estava gravando o vídeo, em uma posição horizontal para que enquadrasse o centro da sala. E, assim, começou a gravação comigo entrando na sala, me situando no centro do espaço.

Comecei alongando dos braços e, em seguida, as pernas, me lembrando das primeiras aulas, das quais não gostava de me alongar. Em compensação, a música me deixava concentrado, pois só comecei a me concentrar na aula de alongamento quando passei a ouvir música da *Enya*, na oficina da Joelma Sampaio. Quando ouço a música desta cantora, logo, me faz recordar destas atividades na Fundação. Portanto, tenho saudades dos momentos que vivi, dos aprendizados que levei, das rodas de conversa no final da aula do professor Leonel com a turma; dos “puxões de orelha” que levei da professora Joelma, que queria que articulasse o texto da cena; e da professora Iraci, que sempre acreditou no meu potencial artístico ao me escolher para interpretar o meu primeiro personagem shakespeariano, Petrucio, em “A Megera Domada”. Esta volta me fez reviver um “pedacinho” desta enorme experiência.

IMAGEM 54 - Momentos do meu processo criativo performático revivendo a minha preparação corporal no Curro Velho.



Fonte: Maurilo Almeida (2017).

3.1.3. Escola Vereador Manoel Fernandes de Oliveira

A escola onde iniciei meus estudos formais estava para ser o último dos lugares que consegui ter acesso, em razão da performance seguinte, que não foi realizada na casa onde morei na infância. Entretanto, a viagem não pode terminar aqui, o destino desta trajetória está quase a ser cumprido, e a escola continua, então, a ser a penúltima estação.

Continuando o trajeto, dias antes da minha apresentação, visitei o espaço para pedir a autorização da direção. Chegando lá, a escola já não era mais igual à qual tinha estudado há vinte e três anos. Logo, então, percebi a diferença, a começar pela amplitude do lugar, as cores da parede e as novas salas de aulas. Antes, as portas de cor azul escuro das salas de aulas ficavam na frente da escola, que tinha as paredes brancas. A área total do prédio era menor e, hoje, já possui mais salas de aulas e uma quadra de educação física, no centro do espaço. A altura da escola, talvez, continue a ser a mesma, pois, quando era pequeno, qualquer espaço parecia alto e amplo a meu ver. Antigamente, ela não tinha porteiro e para entrar lá informei ao porteiro sobre o que se tratava a minha visita.

Cheguei à diretoria, apresentei-me à professora Leonice Cardoso da Costa, diretora do lugar, e, por intermédio de um documento de solicitação, pedi a sua autorização para realizar o meu processo de criação explicando “como?” e “sobre o que?” se tratava. E, assim, ela concedeu o meu pedido e, segundo ela, podia contar com o seu apoio.

Dias depois, voltei à escola para colocar em prática meu processo de criação por meio da performance em sala de aula. A gravação contou com a colaboração de uma funcionária da escola, a qual não consegui identificá-la, em virtude do compromisso que ela tinha em sair mais cedo. Sendo assim, não consegui o nome completo dela. Uma parte do vídeo foi gravada por ela e, a outra, por mim. A filmagem começou comigo do lado de fora da escola entrando na sala de aula. Escolhi a turma do Pré-I, do turno matutino, porque foi ali que começou minha trajetória escolar, na qual desenvolvi minhas habilidades motoras e cognitivas, que aprimoraram o meu fazer artístico.

Chegando à sala, fui recebido pela professora da turma, Ivaneide Ribeiro, e pelos alunos. A turma tem aproximadamente vinte alunos, mas, no dia da minha apresentação, havia menos de quinze. Sentei-me perto deles, que não esconderam olhar de curiosidade em me ver sentado perto. Coincidência ou não, aula foi no dia 27 de março, dia do teatro.

A professora iniciou a aula falando especificamente do palhaço e propôs à turma a construir um palhaço de massa de modelar. Todos, incluindo a mim, receberam da professora dois pedaços de “massinha” e, cada um, fez o seu palhaço da sua maneira. Fui o primeiro a terminar de construir o meu palhaço e todas as crianças ficaram admiradas com o resultado da minha construção. Após a atividade, as crianças formaram filas em direção à porta para ir ao recreio lanche e brincar e eu também.

Durante o recreio, aproveitei para perguntar à professora Ivanilde sobre a metodologia de ensino do pré-escolar e seus objetivos. Segundo ela, a criança aprende, através das brincadeiras e canções de cantiga, a relacionar-se com os outros alunos, a comunicação oral e, também, desenvolvem, por intermédio das atividades de massinha, pintura, colagem e desenho, a coordenação motora grossa e fina. Perguntei a ela quais atividades estavam voltadas a esses dois tipos de coordenação. E ela respondeu exemplificando que a criança começa a aprimorar suas habilidades motoras grossas, aprendendo a rasgar papel, a modelar massinha e riscando com giz de cera e, em seguida, desenvolve a fina, por meio da prática da caligrafia, cobrindo com o lápis as vogais e consoantes, da colagem de papeis e pinturas leves com pincel.

Após o recreio, as crianças voltaram para a sala. A professora passou outra atividade à turma, a de colagem com papel. Para cada um, ela distribuiu desenhos do palhaço em folha A4, e pedaços de papel crepom para amassar, fazendo pequenas bolinhas. As bolinhas de papel foram feitas para cobrir a roupa do palhaço. As crianças e eu começamos a fazer a atividade.

Antes de terminar a aula, aproveitei a oportunidade para brincar com as crianças, propondo algumas brincadeiras, como “dentro e fora”, “não atirei o pau no gato”, e, por fim, cantei com elas a música “tum-ba-la-ca-tum-ba-ta”. E, assim, as crianças formaram uma fila, novamente em direção à porta, esperando o sinal tocar para serem liberadas. E, fui me despedindo das crianças e uma delas me perguntou se eu voltaria no dia seguinte. Com o coração “apertado”, disse que não. O curioso foi quando lembrei da alegria que sentir, no meu primeiro dia de aula, na hora saída. A sensação, desta vez, foi de saudade, quando passei do portão para fora da escola na saída.

IMAGEM 55 – Momentos da *performance* na minha primeira escola.



Fonte: Leonice Cardoso da Costa.

3.1.4 Na antiga casa (Cidade Nova)

Antes de conversar com um dos moradores do imóvel, procurei a proprietária Celina, filha de Dona Celina. Entrei em contato com ela, que me autorizou a realizar o meu trabalho, sugerindo-me a falar antes com os moradores, apresentando um documento comprobatório. E foi o que eu fiz.

Cheguei ao local, em uma manhã “chuvosa”, no endereço certo, pois lembrava perfeitamente o caminho de casa. A casa até que não fica tão longe da parada de ônibus onde desembarquei. Quando era pequeno, tinha a impressão da rua ser longa. Entretanto, o caminho é bem curto, a meu ver. Quando menos percebi, estava na frente de casa. O muro da frente não era mais tão alto. O portão meio enferrujado é o mesmo. As árvores de castanheiras já não existiam mais. Mas, a casa de madeira continuava no mesmo lugar com pequenas modificações na faixada e com outras cores. Do lado de fora do portão, bati palmas como antigamente, mas, não havia ninguém da casa onde morava. Quem me atendeu foi uma moradora da casa ao lado pela janela. De longe, perguntei a ela se o morador vizinho se encontrava e ela respondeu que não. Tornei há perguntar que horas ele voltava e não soube me responder.

Voltei a procurar o dono da casa, após uma semana. E, em uma tarde meio ensolarada, encontrei um rapaz a caminho da casa, em uma bicicleta *bike*. E, antes que ele entrasse, e o parei para perguntá-lo se conhecia o dono da casa ao lado. Ele responde que morava lá e se chamava Adriano. Conversei com ele, então, sobre o que se tratava a minha vinda. O morador ouviu com atenção e disse que ia me dar uma resposta, mas, solicitou que trouxesse algum documento que comprovasse a minha matrícula na escola, com a assinatura da direção, mesmo depois de ter mostrado o comprovante de matrícula.

Dias depois, entrei em contato com Adriano, para levar a ele o documento desejado. Mas, me respondeu que estava em viagem, a trabalho, e sem tempo para me atender e sem dar previsão de quando voltaria de viagem. Respondi a ele que retornaria a ligação em quinze dias, me mostrando compreensível. Retornei a ligação, conforme havia combinado, mas ele disse que estava sem tempo e que iria me dar uma resposta sem dar-me previsão de quando. E Adriano não me respondeu mais.

3.2 Aportes teóricos

Para colocar em prática meu processo de criação, precisei contar, desde o meu nascimento, a minha história. Cada fato da minha vida precisou ser selecionado por mim, afinal memória é seletiva. E através da narração, dei um sentido na perspectiva de chegar ao meu objeto de pesquisa: a minha memória. Precisei ler sobre Jaques Le Goff que reflete em sua obra sobre o conceito de história e memória que, logo, dialogaria como a minha escrita narrativa sobre a minha trajetória de vida tal qual o autor define de *história* pautada especificamente na narração conforme a sua declaração:

A palavra 'história' (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego antigo *historie*, em dialeto jônico [Keuck, 1934]. Esta forma deriva da raiz indo-europeia *wid-, weid* 'ver'. Daí o sânscrito *vettas* 'testemunha' e o grego *histor* 'testemunha' no sentido de 'aquele que vê'. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à ideia que *histor* 'aquele que vê' é também aquele que *sabe*; *historein* em grego antigo é 'procurar saber', 'informar-se'. *Historie* significa pois "procurar". É este o sentido da palavra em Heródoto, no início das suas *Histórias*, que são "investigações", "procuras" [cf. Benveniste, 1969, t. II, pp. 173-74; Hartog, 1980]. Ver, *logo* saber, é um primeiro problema. [...]Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na "realidade histórica" ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula. (*apud* KEUCK; BENVENISTE; HARTOG, 1990, p. 18 e 20).

Então, comecei a refletir sobre como definir meu objeto de pesquisa selecionando as lembranças guardadas em minha memória, para poder transitar nas “estações” certas, sem apanhar o “ônibus” errado, para não tomar outro rumo. Tinha de escolher um fato (o dia em que desenhei no chão do quintal de casa) da minha história, como o indutor geral (minha trajetória artística). Explicando a origem (o dia em que uma pipa e quis desenhá-la) e a consequência (o dia em que cheguei ao Curro Velho, decidido a fazer teatro ao invés de fazer desenho), no seu devido tempo e lugar. O meu ponto motivador foi justamente a busca por essas vivências afetivas, impressas em memórias delimitadas por um itinerário artístico tal qual foi a forma metódica de pontuar o “onde e como aconteceu” nos lugares em ocorrera as minhas eventuais ações: da onde se originou até onde finalizou este processo criativo. Para Cohen (2013, p. 93) “várias motivações podem levar a escolha de um tema e a delimitação de um feixe de interesse: motivações ideológicas, estéticas e afetiva”, mas também:

Se o que distingue o teatro de outras linguagens é a características do aqui-agora (algo está acontecendo naquele instante; sua realização é viva naquele momento) e se, simbolicamente, este “algo que está acontecendo” está sendo mostrado – geralmente – por um ator, e lógico supor que os grandes paradoxos do teatro acabem “passando” pela figura do comediante (IDEM).

Ainda que eu tenha escolhido reviver essas lembranças dentro da performance nos espaços já citados, o objetivo foi pautar nas memórias afetivas que cada lugar me remetia. Sendo assim, não segui nem um roteiro de ação. Em consonância com a colocação dos autores citados acima, recorri, então, às minhas motivações afetivas, pautadas na minha história de vida, na minha vida artística em buscas de outras possibilidades de interligar com a arte a essência das minhas ações através da performance, como linguagem artística, de maneira ritual, vivenciando as ações passadas das minhas lembranças, trazendo-as para o presente, que para Sonha Rangel (2009, p.100), apropriando-me do seu argumento: “o meu processo criativo, memória e imaginação estão sempre fundidos e configuram uma espécie de jardim de onde as formas afloram”, isto é, as configurações das minhas impressões expressas na performance, maneira artística pela qual conduzi uma construção poética das minhas vivências, que para Rangel (2009) que conclui este meu raciocínio declara:

Recorro, para uma realização da obra de arte, a esses eventos-adventos como grandes imagens em seu “arquivo” interiorizado, organizado pela experiência sensível, que se funde memória e imaginação. Essas são as fontes primárias do meu ‘devaneio’. Quero identificar na malha afetiva e cognitiva as emoções e as inteligências das várias imagens e suas constelações, e as suas dominantes em cada ciclo. É como se me especializasse nessa busca, a ela recorro sempre que me interessa, e ela se torna o ponto motivador e deflagrador e deflagrador do ‘método’ (BACHELARD APUD RANGEL, 2009, p. 101).

Porém, sem representá-las, estas ações despertadas em mim eram as ações do instante momento. Ações que as defino de eventuais atos, ou atos performativos. Este foi um dos objetivos da minha arte o de reviver as minhas lembranças pautadas na minha memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente processo criativo possibilitou-me fazer uma releitura das minhas lembranças revivendo-as na perspectiva artística e poética experimentando e investigando, através da performance, os meus fazeres artísticos. Durante o processo de experimentação, a performance foi fundamental na minha rememoração. Através da qual, pude recordar expressando as minhas ações: as formas de ver, ouvir, sentir e expressar o meu afeto. Compreendi que arte, vida e memória, quando criam elos entre as quais, vão além de uma apreciação estética, mas também nos levam ao aprendizado, ao conhecimento e a nossa formação individual e coletiva.

Dos lugares onde realizei a performance, dois deles foram os que me despertaram a sensação de ainda estar revivendo o passado, pois a memória coletiva dentro desses espaços ainda permanece preservada: na Escola Manoel Fernandes de Oliveira e o Curro Velho. Talvez não só pela preservação dos espaços, mas pelas práticas de ensino ainda ser um fator de perpetuação da memória daquele local. Na minha escola primaria, por exemplo, sentir está vivendo a década de noventa só de ouvir as músicas cantadas na sala de aula, as brincadeiras de massinha e a formação de fila na hora de entra na sala, de ir para o recreio e da saída. No Curro Velho o ambiente Arquitetônico, apesar de parcialmente revitalizado, ainda despertam em mim a nostalgia de estar vivendo o passado. E mesmo não estar mais participando das oficinas, no espaço cultural as oficinas artísticas ainda são praticadas nos mesmos espaços e nos mesmos horários.

Apesar de não tido acesso a minha antiga casa, no bairro da Cidade Nova, vale justificar que simples ato de olhar uma pipa, na infância (naquela casa), não só despertou o meu olhar lúdico, como também contribuiu a minha percepção intuitiva, cognitiva e, na pratica, aprimorou a minha coordenação motora ao tentar desenhá-la e construí-la, visto que essa pratica resultou nas minhas habilidades artísticas em gostar de desenhar. Assim como olhar a pipa, ver televisão me permitiu perceber através da atuação dos personagens de novelas, filmes e desenho a identificar-me socialmente com os quais, mas também despertou em mim a auto identificação no meio artístico cênico.

Mesmo assim realizei a quarta performance (que se realizaria na casa) na Escola de Teatro e Dança da UFPA como se estivesse vivendo na minha antiga moradia. A performance fazia parte da minha defesa de TCC e, através da qual conclui a quarta estação e a minha defesa. O resultado de reviver esta lembrança da antiga casa foi estimulada por fatores que me levaram a reviver sinestesticamente: a música “Linger” da banda “The Cranberries”, que

acionou a minha memória afetiva de do ano de 1994, ano da copa do mundo, período das férias de julho, no qual em que começa a pratica de empinar pipa; o paneiro⁴² de talas de miriti, sacos plásticos, linhas e uma faca. A performance inicia no momento da defesa durante o qual a música e tocada pelo meu colega de equipe que estava operando o som e, em seguida, eu concentro a minha atenção em construir a pipa. As memórias auditiva e visual foram importantes para o meu regresso a casa e, assim, pude conclui o meu processo criativo. Permitindo assim, que os objetivos propostos foram realmente alcançados.

Devo esclarecer que as performances realizadas neste trabalho não se atrelaram a métodos prontos e, vale ressaltar, que o processo criativo não visa incentivar o artista a seguir uma técnica. Todo o processo foi experimental tendo vista os referencias teóricos com os quais me identifiquei para dialogar com o trabalho. A leitura teórica foi fundamental para que eu pudesse situar o objetivo desta pesquisa. Acredito que o aprendizado é um fenômeno que consiste na experimentação significativa do indivíduo que anseia por novos saberes. O ensino, apesar de fundamental, é uma pratica condicionada por fatores históricos, políticos, econômicos e sociais. O ensino, sendo assim, não é um fator determinante do saber, pelo qual só se aprende na escola. Portanto acredito que a ensino é um ato passíveis de transformações que passa de geração para geração sem deixar morrer a nossa memória ancestral, assim como a arte, um fator cultural, que pertence a este campo mnemônico.

Permitindo assim, a dialogar com Jaques Le Goff (1990), que sua obra anseia por uma memória coletiva de forma libertadora e sem restrições, de modo que, segundo o autor, “cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogo, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”, pois pouco se discute memória de maneira individual e/ou coletiva, visto que ainda vivemos silenciados por certos processos de tempo, pelas mudanças econômicas, tecnológicas e sociais, que resultam numa desigualdade social, política e econômica.

Dada a importância do assunto, o trabalho, visa motivar artistas, professores e pesquisadores da arte a experimentar, criar e reviver suas memórias seja através teatro, na dança, nas artes plásticas e outros na perspectiva de despertar a memória coletiva, social, histórica do público alvo, o aluno. Pois acredito que a escola deve fazer parte deste campo de experimentação criando elos entre arte e vida (no sentido geral), pois o ensino é produto da

⁴² Cesto com estruturas de vime, que serve para transportar, guardar, o enfeitar algo. Na região Norte, sobretudo no Pará, o uso deste objeto e comum para transportar açaí ou outras mercadorias. Mas também pode ser estraida o tala (o vime) para construir pipas.

memória individual que atinge o coletivo. É resultante das experiências de vida que parte individual e/ou coletivamente vivido, experimentado ou imaginado pelo ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- RANGEL, Sonia. *Olho desarmado: Objeto Poético e Trajeto Criativo*. Salvador: Soliduna, 2009.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. Tradução e revisão de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOAL, Augusto. *Jogos Para Atores e Não-Atores*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MEDEIROS, Maria Lúcia. *Zeus ou A Menina e os Óculos*. Porto Alegre-RS: Roswita Kempf Editores, 1988.
- WEBER, Max, 1864-1920. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Tradução José Marcos; Revisão Técnica, Edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXO 1 – DIÁRIO DE BORDO

*[...]Se não faz sentido,
Discorde comigo
Não há nada de mais
São águas passadas
Escolha uma estrada
E não olhe
Não olhe para trás.
(Jota Quest – Aguas Passadas).*

Durante o processo de criação, costumava rascunhar alguma ideia ou registrar impressões escrevendo ou desenhando dentro de um bloco de papel artesanal de capa dura com cor de madeira tal qual foi bastante importante para relatar todo o processo, o Diário de bordo. Nele escrevia as minhas dúvidas sobre como elaborar o meu TCC, esboçava o parágrafo seguinte do trabalho, expressava as minhas sensações que o processo me causava naquele instante, trechos de músicas, reflexões, entre outros.

O que será mostrado a seguir são registros impressos e fotografados de parte desse trajeto que foi bastante significativo para mim.

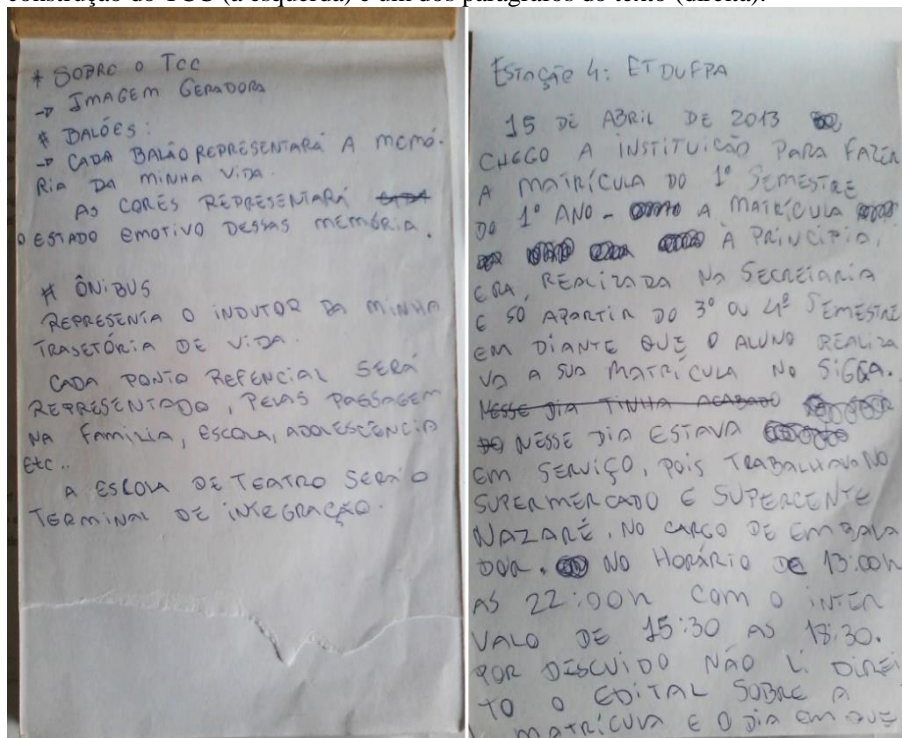
Este foi o meu Diário de bordo.

IMAGEM 56: Capa do diário.



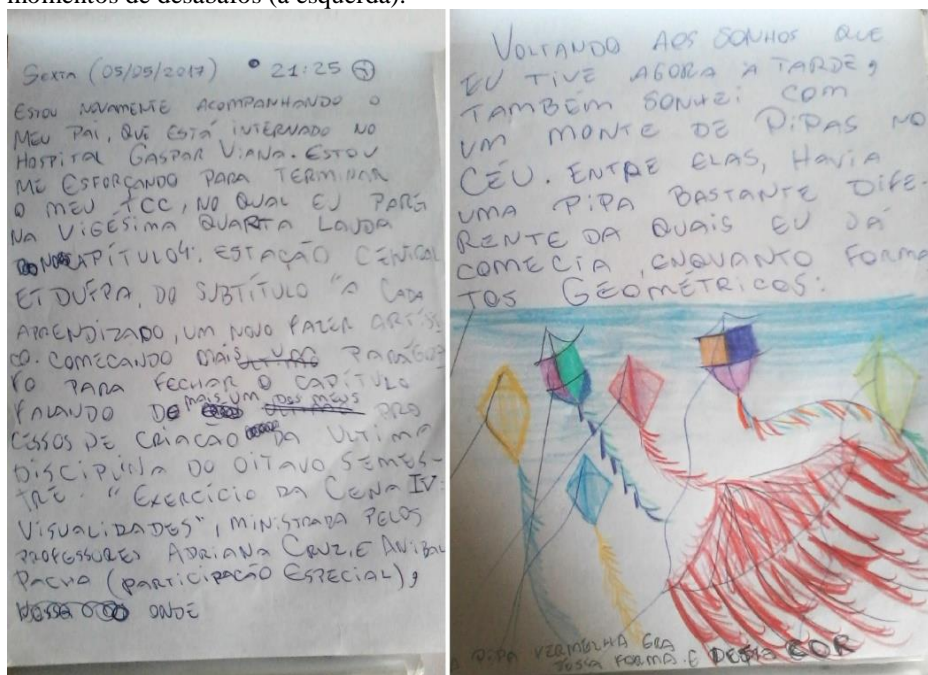
Fonte: Maurilo Almeida.

IMAGEM 57: páginas do diário. Nelas estão escritos o início do processo de construção do TCC (à esquerda) e um dos parágrafos do texto (direita).



Fonte: Maurilo Almeida.

IMAGEM 58: trechos de das minhas impressões e reflexões sobre o trabalho e momentos de desabafos (à esquerda).



Apesar de a fotografia ser apenas uma visualização do diário, compartilho as lembranças de cada momento que eu vivenciei produzindo este trabalho que resultou no registro de cada uma das várias impressões que este trabalho artístico me despertou. As

impressões transcritas, a seguir, foram extraídas e selecionadas por mim do diário (demostrado pela fotografia acima):

*“Eu acredito que a memória é algo que nos mantém vivo seja nas recordações, **no aprendizado**, na arte de ser um artista criador e poeta da sua narração, seja ela falada ou escrita. E porque não ser artista da sua obra mnemônica? Pois, arte nos possibilita a mergulhar no nosso pensamento em configuração, como a Sonia Rangel descreve a imagem ou o vestígio impresso na nossa memória. “A memória é o reflexo da nossa história”.*

26/01/2017

“O objetivo deste trabalho não é questionar, tampouco procurar entender a razão da minha existência enquanto ser humano e artista, mas, reviver...”.

05/04/2017

“A casa: aqui foi onde eu vivi a minha infância dos 3 aos 5 anos. E foi naquele quintal que eu gostava de desenhar no chão”.

29/03/2017

“[...] riscando o chão do quintal aprendendo a fazer uma pipa”.

29/03/2017

“[...] A escola pode me mostrar que além do aprendizado, podemos expressar a nossa coordenação motora grossa e fina...”.

29/04/2017

“A minha trajetória ganhou outro rumo...quando eu decidi fazer teatro”

29/04/2017

“[...] Se o que distingue o teatro de outras línguas é o a características do aqui-agora (algo está acontecendo naquele espaço naquele instante; sua realização é viva naquele momento) e se simbolicamente, este ‘algo que estar acontecendo’ estar sendo mostrado – geralmente – por um ator, e lógico supor que os grandes paradoxos do teatro acabem ‘passando’ pela figura do comediante” (COHEN, 2013, p. 93). “[...] Eu Posso afirmar, então, que durante as minhas três performance nos três lugares como a escola o, Curro Velho e a ETDUFPA possuem características do ‘aqui-agora’, de modo geral. Pois, em cada uma eu me senti estar entregue para fazer arte e não está mostrando que estou fazendo arte”

21/05/2017

“O que seria da vida se não existisse a arte? (...) Pois, eu cheguei à conclusão de que arte e vidas sempre caminham juntas”

25/04/2017

“O objetivo deste trabalho não é questionar algo, e tampouco procurar entender (...)”

05/04/2017

“A Arte Não É Para Ser Entendida, Mas Ser Sentida [...] Isto Não É A Minha Conclusão, É Uma Colagem Das Minhas Impressões Ou Uma Fragmentação Da Minha Mnemotécnica”.

Encerro esta passagem, portanto, para dar continuidade a novos e futuros trajetos.

Esta foi a minha turma:

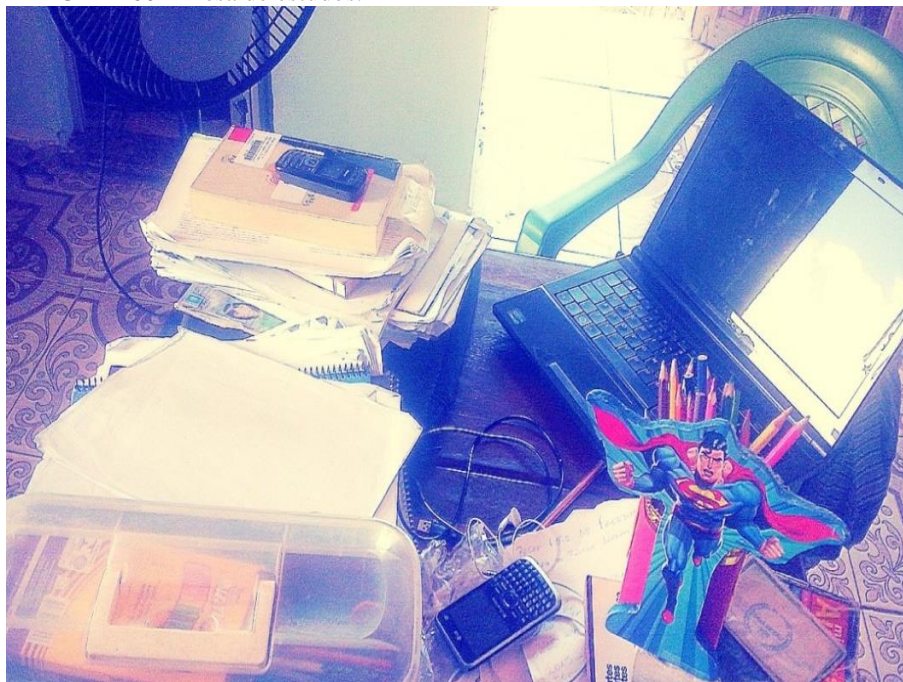
IMAGEM 59– Turma 2013 da Licenciatura em Teatro/UFPA.



Fonte: Maurilo Almeida.

Esta foi a minha mesa de estudo, onde terminei este trajeto no dia 28/ 05/ 2017:

IMAGEM 60 - Mesa de estudos.



Fonte: Maurilo Almeida.